



FAZENDO MINHA HISTÓRIA

Guia de ação para colaboradores

FAZENDO MINHA HISTÓRIA

Guia de ação para colaboradores



instituto
fazendohistória



PAI, CONTA HISTORINHA?

Era com esse pedido insistente que esperava meu pai chegar, todas as noites, todos os dias da semana, por toda a minha infância. Mesmo cansada, já passando da hora de dormir, mantinha os olhos bem abertos, para que pudesse, com suas histórias, embalar meu sono e alimentar meus sonhos. O cavalinho alado, o gato pintor, o peixe tenor e uma série de personagens e roteiros estimulavam minha imaginação e aguçavam minha curiosidade sobre o mundo, os afetos e as relações “humanas”.

Já minha mãe se responsabilizava por me contar uma outra história. Sem criaturas fantásticas nem roteiros espetaculares, era com ternura que me dizia, sempre no mesmo tom: “Fiquei nove meses de repouso para você nascer, e na maternidade contei os dedos dos seus pés e mãos para ver se meu bebezinho tinha nascido perfeito. De alegria, beijei um por um!”. Essa era a minha história. E, por ser a minha, era tão mais desejada quanto temida. Não era mais sobre gatos, cavalos ou peixes que eu me perguntava, mas sobre o que minha mãe sentia por mim, o meu lugar em minha família e no mundo. Tenho certeza de que essas histórias, reais e fictícias, foram fundamentais na minha formação e nos sonhos que, ainda menina, projetei para meu futuro.

Muitos anos depois, tive a oportunidade de conhecer de perto instituições de acolhimento e notei que em algumas delas muito pouco se sabia e menos ainda se dizia sobre as histórias das crianças que acolhiam. Essa realidade me assustava: tinha a sensação de estar diante de “crianças sem história”. Infelizmente, aquelas crianças com seus rostinhos, personalidades, dificuldades e encantos tão diversos acabavam reduzidas ao genérico “crianças de abrigo”.

Fui descobrindo, aos poucos, que eu não era a única a me incomodar com essa realidade: colegas, professores e os próprios funcionários e técnicos das instituições compartilhavam essa inquietação. Descobri também que não era por descaso ou falta de interesse que isso acontecia, mas porque lidar com as histórias de vida dessas crianças é uma tarefa complexa e delicada, um grande desafio.

Foi do encontro de pessoas sensíveis à realidade dessas crianças e instituições que nasceu o Instituto Fazendo História. Hoje o Instituto tem diversos programas, mas começou com o Fazendo Minha História; dele se originou aquilo que norteia nossas ações e embasa nossos demais programas: a convicção de que as histórias das crianças e adolescentes precisam de um olhar atento e cuidadoso, não podem ser ignoradas.

Sabemos que há diversos motivos para que essas histórias fiquem escondidas, não ditas. A insuficiência das informações sobre o caso de cada criança, a rotina turbulenta de trabalho, o medo de que a criança fique “rotulada”, etc. Razões importantes, mas que muitas vezes servem de disfarce para outra, ainda maior: um profundo temor em conhecer e lidar com histórias tão difíceis.

Não é à toa. O que dizer a uma criança que não pode mais ter contato com sua família? O que responder quando pergunta se voltará para casa? Como explicar o que motivou seu acolhimento? Falar com a criança sobre esses fatos não seria impingir a ela um sofrimento ainda maior?

Além do mais, como lidar com o sofrimento que esses enredos causam a nós mesmos? O abandono, a negligência e a agressão, vindos daqueles de quem mais precisamos é certamente o maior de nossos receios, um terror que habita em todos nós. E estar com essas crianças nos coloca diante dele.

Não é tarefa fácil, portanto, lidar com as histórias desses pequenos. Mas temos certeza de que não só é possível, como imprescindível nos cuidados das crianças e adolescentes acolhidos.



Acreditamos que acompanhar uma criança ou adolescente no olhar e reflexão sobre a própria história é o que torna possível que essa história, por mais difícil que seja, possa se transformar no ponto de partida para a construção de outra: a história que será sonhada e realizada pela própria criança ou adolescente. Conhecer e compreender o passado para projetar desejos e sonhos futuros.

Neste guia, você vai encontrar nossa experiência de trabalho com as histórias de vida das crianças e adolescentes em serviços de acolhimento; a maneira que encontramos para sensibilizá-las para o universo dos livros e ajudá-las a falar e ouvir sobre as suas próprias histórias. Ao longo dos anos, percebemos que a confecção de um álbum próprio, único e feito com a ajuda de um adulto é uma ferramenta preciosa de crescimento e autoconhecimento. Cria, entre a criança ou adolescente e o adulto, um espaço de interlocução e confiança que permite compartilhar aquilo que é mais próprio e íntimo.

Percebemos que chegou o momento de ampliar nosso alcance e compartilhar essa experiência que tantos frutos rendeu ao longo dos anos. Estamos verdadeiramente felizes por colocar nosso trabalho organizado neste guia, e esperamos que ele possa ser útil.

Convidamos você a se apropriar do que encontrar aqui da maneira que lhe for interessante e que esta leitura venha enriquecer seu trabalho, seu cotidiano, seus projetos. Que ele lhe desperte reflexões, novas descobertas e horizontes. E que a partir dele você também construa com “suas crianças e adolescentes” um jeito próprio e único de usá-lo: fazendo sua própria história!

Clarissa de Toledo Temer

Psicóloga, fundadora do Instituto Fazendo História

ÍNDICE

O PROJETO	08	ÁLBUM: REGISTRO DA PRÓPRIA HISTÓRIA	68
1. O Instituto Fazendo História	09	1. Princípios	69
2. Programa Fazendo Minha História	11	2. Montar o álbum	71
3. Por que participar?	13	3. Parâmetros para um bom álbum	74
4. Quem faz o projeto	16	4. Ilustrando histórias	77
5. Como acontece	18		
		AINDA BEBÊS	80
FUNDAMENTOS	20	1. Sobre a primeira infância	81
1. Acolhimento institucional no Brasil – histórico e parâmetros atuais	21	2. Fazendo Minha História com bebês	82
2. O trabalho com histórias de vida nos serviços de acolhimento	27	3. Mediação de leitura com bebês	85
3. Triângulo metodológico do trabalho do colaborador	32	4. Construção do álbum do bebê	87
		O TRABALHO COM ADOLESCENTES	92
AO INICIAR O TRABALHO	34	1. Sobre a adolescência	93
1. Formação	35	2. Fazendo Minha História com adolescentes	95
2. Preparando os encontros	37	3. Mediação de leitura com adolescentes	96
3. Primeiros encontros	37		
4. Para além dos encontros	41	CARDÁPIO DE ATIVIDADES	98
		1. Propostas para os encontros	100
LIVROS: DESCOBERTA DAS HISTÓRIAS	44	2. Brincadeiras com os livros	113
1. Princípios	45	3. Fichas – inspirações para páginas nos álbuns	119
2. A mediação de leitura – sobre a metodologia	46		
3. Organização	50	FECHAR O CICLO	124
4. Cardápio de livros	55	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130

O PROJETO

1. O INSTITUTO FAZENDO HISTÓRIA

O Instituto Fazendo História é uma instituição não governamental fundada em São Paulo em 2005 por um grupo de psicólogas envolvidas com a causa das crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional. Atua em parceria com os serviços de acolhimento a partir do Fazendo Minha História e de mais quatro programas:



Acompanha e facilita o processo de transição de jovens em situação de acolhimento para a vida autônoma e inserida na comunidade.



Com Tato

Oferece atendimento psicoterapêutico a crianças e adolescentes a partir da formação de uma rede voluntária de psicólogos e supervisores clínicos.



Trabalha o vínculo entre bebês e adultos (pais e educadores) durante o período de acolhimento.

**Formação
profissional**

Forma e capacita gestores, técnicos e educadores dos serviços de acolhimento.

Além dos programas, o Instituto desenvolve diversos projetos em parceria com outras organizações, sempre no sentido de contribuir com o universo dos serviços de acolhimento e com a formação integral das crianças e adolescentes que neles vivem.

Missão

Colaborar com o desenvolvimento de crianças e adolescentes em serviços de acolhimento a fim de fortalecê-los para que se apropriem e transformem suas histórias.

Visão

Ser referência em processos e metodologias para que crianças e adolescentes encontrem, em seu período de acolhimento, relações reparadoras que favoreçam seu desenvolvimento e a vida em família e na comunidade.

Valores

Compromisso com as crianças e adolescentes

Direito de acesso às histórias de vida

Franqueza nas relações

Compartilhar conhecimento

Voluntariado qualificado

Nasce o projeto

Minha primeira experiência em abrigo foi na Sampaio Viana, unidade que atendia até 400 crianças. Era um trabalho de sensibilização, onde atuei como voluntária semanalmente com a Natalie, de onze meses, durante um ano. Lembro que entrei numa sala grande com muitas crianças e diversas fraldas para trocar. Muita criança e pouca história. Essa era a minha inquietação: quem é essa criança? Às vezes, uma educadora não sabia o nome e tinha que perguntar para outra. Estavam lá, tentando colocar etiquetas nos berços. Faltava individualidade. Quando a Natalie foi desabrigada, fiquei com a sensação de que tudo o que vivi ali com ela também seria esquecido. Quem poderia lhe contar o que aconteceu? Como ela iria saber que só foi andar aos dois anos porque tinha medo de pôr o pé no chão, já que ficava demais no berço? Aí eu pensei: cada criança é uma. Precisa ter a sua história garantida. Assim nasceu o projeto.

Cláudia Vidigal

Psicóloga, fundadora do Instituto Fazendo História



2. PROGRAMA FAZENDO MINHA HISTÓRIA

O Fazendo Minha História tem como objetivo geral garantir meios de expressão para que cada criança ou adolescente que está em um serviço de acolhimento conheça e se aproprie de sua história passada e presente. Iniciou seu trabalho motivado pela necessidade de registrar e trabalhar as histórias de vida das crianças e adolescentes acolhidos, que muitas vezes se perdem no dia a dia das instituições. Seus objetivos específicos são:

- Que as crianças e adolescentes leiam mais e com prazer.
- Que as crianças e adolescentes reconheçam o valor e registrem suas histórias de vida.
- Que os adultos de referência conversem afetivamente com as crianças e adolescentes sobre suas histórias de vida.

As principais estratégias do projeto são a implantação de uma biblioteca de qualidade, formação de profissionais dos serviços e de voluntários sobre os princípios e metodologias utilizadas, encontros semestrais com as famílias, encontros semanais com as crianças e adolescentes e reuniões de discussão de casos entre as equipes do serviço e do projeto.

O trabalho sempre acontece em parceria com o serviço de acolhimento. Além de assumir a gestão do projeto no dia a dia, a equipe da instituição é convidada a refletir sobre o trabalho com as histórias de vida das crianças e adolescentes no cotidiano para o desenvolvimento de práticas individualizadas e afetivas.

Ao mesmo tempo, uma parceria importante é estabelecida com o colaborador, que se dedica semanalmente, durante uma hora, a realizar um trabalho individualizado com cada criança e adolescente envolvidos no projeto ou em pequenos grupos, no qual cria oportunidades de leitura e registro para os participantes.

O vínculo entre o colaborador e a criança ou adolescente é uma das principais estratégias e a maior fonte de resultados do Fazendo Minha História. Baseado no respeito e afeto, o convívio entre colaboradores e crianças ou adolescentes possibilita momentos de troca e aprendizado sobre si mesmos.

Toda criança tem uma origem, pertence a uma família, a um grupo social e cultural, e tem uma história única, que lhe pertence. O conhecimento, a possibilidade de atribuir outros significados e compreender sua história são fundamentais para um desenvolvimento psíquico saudável de cada pessoa.

Nessa conquista, os livros são grandes aliados. Conhecer as histórias da literatura e se envolver com elas revelou-se um ótimo caminho para estimular a criança ou adolescente a falar de si, facilitando assim o entendimento e a produção de registros de sua história pessoal. Ao iniciar o projeto, cada um recebe um álbum em branco, com muitas páginas a serem recheadas com seus textos, fotos e desenhos. Elaborado em parceria com os colaboradores, ele se torna um lugar de registro e preservação de sua história de vida, com informações importantes sobre sua família, seu tempo no serviço de acolhimento, seus amigos, sua escola, suas perspectivas e sonhos para o futuro. Ele pertence ao menino ou menina e irá acompanhá-lo na saída da instituição.

Quero contar

O Wellington um dia me falou: “Hoje eu quero contar a minha história”. Então, ele se sentou e começou: “Eu nasci...” E contou a história dele inteira, a ida para o abrigo, a saída de lá, o encontro com a Lúcia (mãe social), a adoção e tudo o mais. Foi contando, contando, e no final olhou e escreveu: “Esse Wellington tem futuro!”.

Cristiane Laloni

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História

Vem ver!

Quando cheguei ao abrigo, esta foi a primeira referência que me passaram: “Você quer saber a minha história? Está registrada aqui!”.

Para todos que chegam – profissionais, voluntários, visitas –, a primeira coisa à qual elas se referem é o Fazendo História: “Tia, vem cá ver o meu álbum! Parece que falam: venha me conhecer!”.

Anatália Palmeira Mota dos Santos

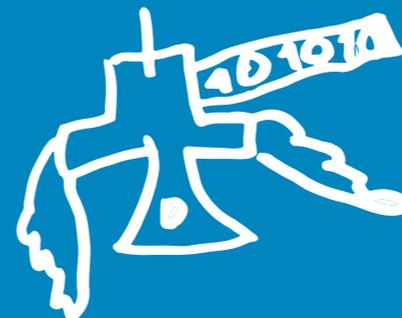
Educadora, Casa Semente

Para além da diversão

Sempre procurei um projeto para fazer parte, mas só encontrava aqueles nos quais você vai, brinca, diverte a criança e vai embora. Não existe nenhum vínculo com aquela criança, fica sempre faltando alguma coisa. Soube então do Fazendo Minha História e, finalmente, me achei. Há um vínculo, um processo e um objetivo.

Beatriz Ramos Carneiro

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História



3. POR QUE PARTICIPAR?

Trabalho voluntário

O trabalho do colaborador no projeto é voluntário e vale perguntar: o que faz uma pessoa sair de casa para realizar um trabalho não remunerado?

Voluntário, segundo estudo realizado pela Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança é:

O ator social e agente de transformação que presta serviços não remunerados em benefício da comunidade; doando seu tempo e conhecimentos, realiza um trabalho gerado pela energia de seu impulso solidário, atendendo tanto às necessidades do próximo ou aos imperativos de uma causa, como às suas próprias motivações pessoais, sejam estas de caráter religioso, cultural, filosófico, político ou emocional.

No Fazendo Minha História, várias razões têm levado as pessoas a se interessar pelo trabalho, por iniciativa própria ou por indicação de amigos e parentes já envolvidos no projeto:

- o público atendido – crianças e adolescentes que estão em serviços de acolhimento;
- o conteúdo do projeto – trabalhar com histórias de vida;
- a estratégia – contar e registrar histórias;

É importante que cada colaborador voluntário tenha clareza das motivações que o levam a querer participar do programa, permitindo um relacionamento mais profissional com o trabalho e um maior alinhamento de expectativas.

Compromisso

O colaborador deve ter consciência do compromisso com o projeto, mas principalmente daquele assumido com a criança ou adolescente. Afinal, pelo menos um aspecto de sua história já é conhecido: aquele menino ou menina viveu uma ruptura significativa ao ser afastado da família. E, portanto, é fundamental o cuidado para não repetir a experiência iniciando um vínculo que pode ser rompido rápida ou bruscamente.

Só deve começar o trabalho quem sabe que poderá levá-lo adiante. É importante estimar a dedicação de tempo necessária e esclarecer todas as dúvidas em relação ao propósito e perfil das atividades antes de assumir o compromisso e conhecer as crianças ou adolescentes. Podemos dizer que, para um trabalho de qualidade, com duas crianças, deve-se estimar de quatro a cinco horas por semana, incluindo planejamento, deslocamento, encontros com as crianças ou adolescentes, registro, reflexão e reuniões de supervisão do trabalho.

O horário do encontro semanal é fixo, combinado entre o colaborador e as equipes da casa e do projeto, e precisa ser respeitado. Criar uma rotina ajuda muito na configuração de uma atividade especial, que acontece, por exemplo, sempre “às quartas-feiras, logo depois do almoço”. O ideal é escolher um horário que favoreça o andamento tranquilo da atividade, e para isso é importante conhecer a rotina da casa e da criança ou adolescente que se está acompanhando.

Adoro crianças

Sempre gostei muito de criança. E sentia que devia fazer um trabalho social. Ai, conheci o Fazendo Minha História, que caiu como uma luva por causa do tempo que eu tinha para me dedicar. Além do mais, ele possibilita o que para mim é o mais importante: a proximidade real com as crianças.

Lia Olival

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História



Perfil do colaborador

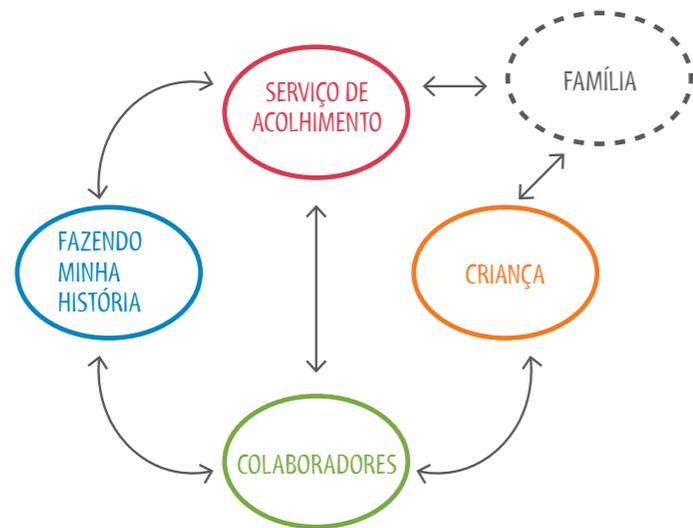
Para se envolver com o projeto, o colaborador precisa estar disposto e fortalecido para se tornar uma referência importante de suporte e escuta para as crianças e adolescentes. Deve demonstrar interesse autêntico pelas vivências e disponibilidade para acolher as diferentes histórias, sentimentos e comportamentos de cada um.

Questões emocionais que remetem às histórias de vida surgem na relação entre o colaborador e a criança ou adolescente e precisam ser trabalhadas nos encontros, ou seja, compartilhadas, nomeadas, compreendidas e autorizadas a ser sentidas. Sendo um trabalho que envolve relações afetivas, é importante que o colaborador esteja atento ao que sente durante os encontros, pois suas emoções podem se misturar com as das crianças e adolescentes e atrapalhar ou ajudar no processo. Nesse sentido, o acompanhamento feito pela equipe do projeto é fundamental para auxiliar o colaborador a perceber a criança ou adolescente, bem como a perceber a si próprio.

Algumas vezes, apesar de haver desejo de participar do Fazendo Minha História, há pessoas que não têm perfil para realizar o trabalho. Algumas características consideradas essenciais para ser um colaborador: flexibilidade, sensibilidade, afetividade, criatividade, paciência, responsabilidade, pontualidade, postura ética, capacidade reflexiva, gosto pela leitura e pelas histórias de vida.

4. QUEM FAZ O PROJETO

O projeto é uma parceria entre a equipe técnica do Fazendo Minha História, os profissionais do serviço de acolhimento, os colaboradores, as crianças e adolescentes e suas famílias.



Relação de parceria

Esse é um processo vivo e permanente que, para dar certo, requer algumas posturas:

- Ter claro o objetivo em comum: o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes através da valorização de suas histórias.



- Ter clara a existência de um desejo mútuo entre as partes: “quero estar aqui” e “vocês me querem aqui”.
- Estar aberto para reconhecer as especificidades de cada organização, construir uma relação saudável e produtiva e rever posições e valores.

O que cada um faz?

O Instituto Fazendo História disponibiliza a metodologia e a formação para o desenvolvimento do projeto. Há sempre um profissional acompanhando e apoiando o desenvolvimento da iniciativa em cada serviço de acolhimento parceiro.

O serviço assume a gestão do projeto, providenciando as condições necessárias para a realização das atividades no dia a dia. Espera-se que ele se aproprie do trabalho com as histórias de vida de forma a torná-lo uma prática cotidiana, incluída em seu projeto político-pedagógico. Dois profissionais da casa devem se tornar a dupla gestora, responsável e referência do projeto no serviço de acolhimento. Além desses gestores, os educadores são parceiros fundamentais, já que acompanham as crianças e adolescentes e suas famílias no cotidiano.

O colaborador é quem realiza o trabalho diretamente com as crianças ou adolescentes. Em encontros semanais, lê e ouve histórias, propõe atividades e monta o álbum junto com a criança ou adolescente. Participa também das atividades de formação e avaliação do projeto. Ele pode ser um profissional do serviço, um estagiário ou um voluntário sem formação específica – todos acompanhados pela equipe do Fazendo Minha História e/ou do próprio serviço.

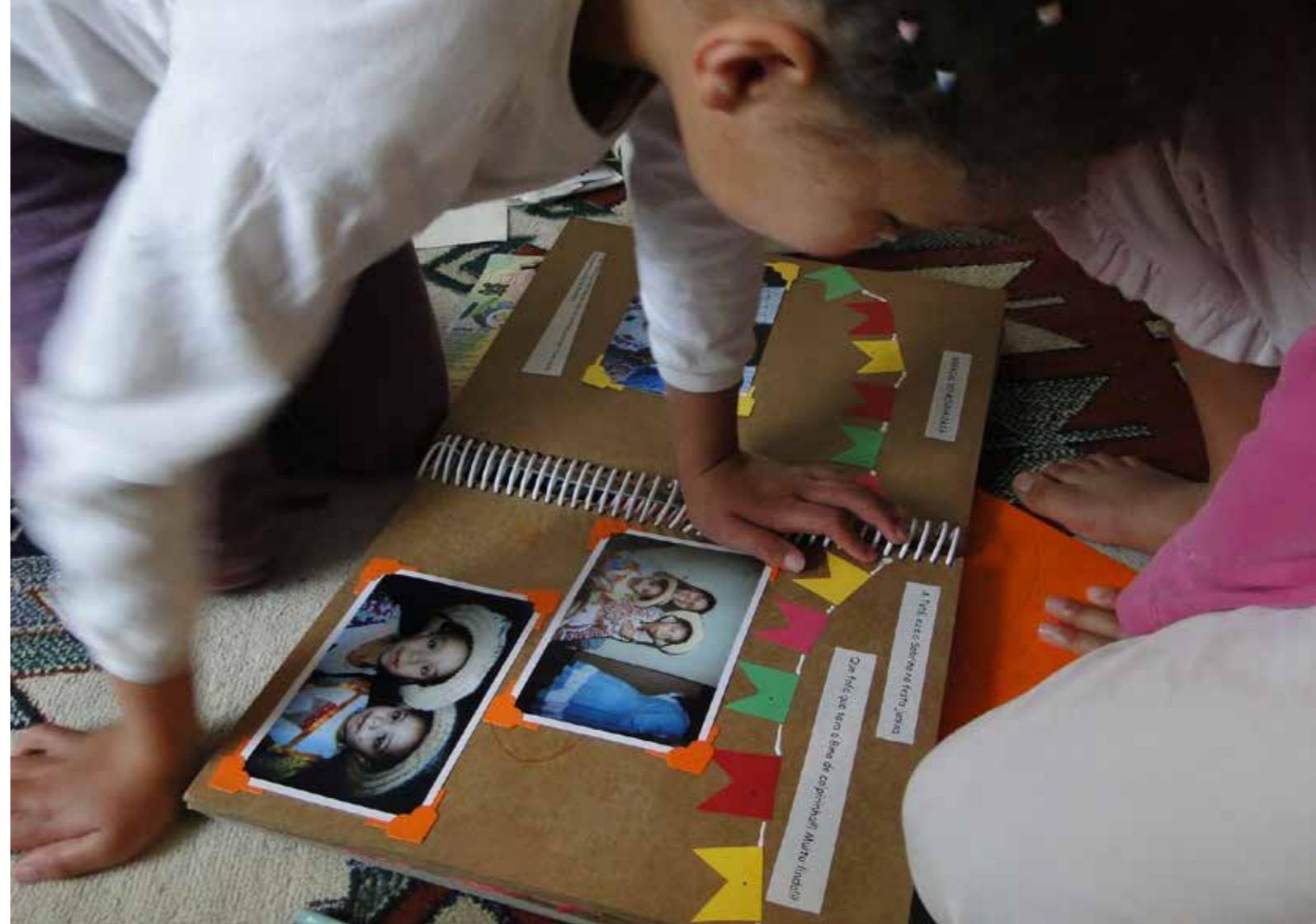
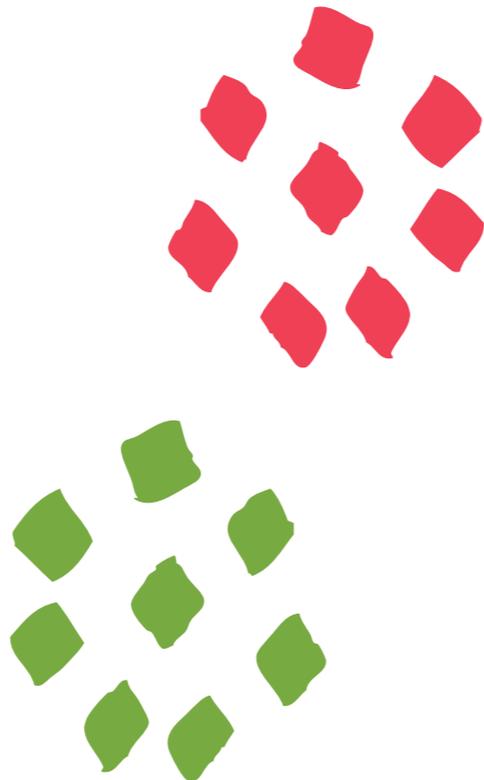
A criança ou adolescente é o protagonista do projeto. Cada um decide se quer ou não participar. Afinal, será ele o autor do álbum e das histórias. Sempre que possível, sua família é incluída e convidada a participar contando e ouvindo histórias e realizando registros.

5. COMO ACONTECE

Há um prazo previsto para a duração do projeto. A experiência tem mostrado que 12 meses é o tempo médio para que o colaborador desenvolva o trabalho. Ter um prazo garante para a criança ou adolescente e para o colaborador a segurança de que, como todas as experiências da vida, essa também tem um começo, meio e fim.

Para as crianças, especificamente, o contrato bem estabelecido desde o início é muito importante. É fácil perceber que o projeto não segue uma linha predefinida. Em alguns aspectos, o desenvolvimento do trabalho varia de um serviço para outro e de pessoa para pessoa. Entretanto, de forma geral podemos dizer que ele segue o percurso abaixo:

1. Parceria entre o serviço de acolhimento e o Fazendo Minha História e planejamento da implementação do projeto.
2. Preparação e formação dos profissionais do serviço de acolhimento.
3. Apresentação do projeto para as crianças e adolescentes.
4. Organização do material necessário (biblioteca, álbuns, materiais gráficos, máquina fotográfica e revelação de fotos).
5. Formação dos colaboradores.
6. Desenvolvimento do trabalho semanal dos colaboradores com as crianças e adolescentes.
7. Realização de mediação de leitura com as crianças e adolescentes pelos profissionais do serviço de acolhimento.
8. Supervisão dos colaboradores, no máximo, a cada 45 dias.
9. Avaliação do processo com as crianças, adolescentes, colaboradores e equipe do serviço.
10. Planejamento da continuidade: criação de encontros grupais de mediação de leitura e plantões de álbum com as crianças que já finalizaram e inclusão da aquelas que não participaram.



FUNDAMENTOS

1. ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL NO BRASIL – HISTÓRICO E PARÂMETROS ATUAIS

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – promulgado em 1990 e aperfeiçoado em 2009 com a Lei 12.010 (conhecida também como Nova Lei da Adoção) – substituiu a legislação anterior (o Código de Menores, de 1979) e trouxe mudanças significativas na história dos direitos da criança e do adolescente no Brasil. Ele coloca em prática um novo paradigma: a Doutrina da Proteção Integral. A partir dessa mudança de concepção, todas as crianças e adolescentes passaram a ser vistos como sujeitos de direitos, ou seja, olhados e respeitados como indivíduos dotados de vontade e personalidade próprias, participando das decisões que lhe dizem respeito e sendo ouvidos de acordo com sua capacidade e grau de desenvolvimento. Na relação com o adulto, não podem ser tratados como seres passivos ou subalternos. Esse novo paradigma inclui a noção de que família, sociedade e Estado têm obrigações em relação à criança e ao adolescente; proteger e propiciar condições para seu pleno desenvolvimento não são atos de generosidade ou caridade, e sim uma obrigação legal.

Art. 4º – *É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.*

Quando famílias ou responsáveis encontram-se impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção, o acolhimento institucional é uma das medidas de proteção previstas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Os serviços de acolhimento são as instituições responsáveis por acolher temporariamente as crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, até que possam retornar

para a família de origem ou ser colocadas em uma família substituta (guarda, tutela ou adoção).

Segundo o Levantamento Nacional das Crianças e Adolescentes em Serviços de Acolhimento do Ministério do Desenvolvimento Social (2011), cerca de 2.624 serviços de acolhimento institucional atendem 36.929 crianças e adolescentes em todo o país. Esse documento aponta os principais motivos de acolhimento:

Negligência na família	37,6%
Pais ou responsáveis dependentes químicos/alcoolistas	20,1%
Abandono pelos pais ou responsáveis	19%
Violência doméstica física	10,8%
Situação de rua	10,1%
Carência de recursos materiais da família/responsável	9,7%
Violência doméstica sexual	5,5%
Pais ou responsáveis com transtorno mental	5,3%
Entrega voluntária da criança/adolescente pela família de origem	5,1%
Violência doméstica psicológica	5,1%
Ausência dos pais ou responsáveis por prisão	4,5%
Órfão	4,4%
Exploração no trabalho ou mendicância	2,9%
Ameaça de morte	1,6%
Violência ou abuso extrafamiliar	1,5%
Ausência dos pais ou responsáveis por doença	1,4%
Pais ou responsáveis sem condições para cuidar de criança/adolescente em condições de saúde específicas	1,4%
Exploração sexual	1,1%
Pais ou responsáveis com deficiência	0,7%
Pais ou responsáveis sem condições para cuidar de adolescente gestante	0,2%
Outros motivos	2%



Serviço de acolhimento: atendimento excepcional, provisório e ao mesmo tempo reparador

Durante décadas, o serviço de acolhimento – antigo orfanato, educandário ou colégio interno – ficou conhecido como espaço de abandono. Funcionando como grandes instituições fechadas, isolados da comunidade e atendendo muitas crianças e adolescentes ao mesmo tempo, os orfanatos chegaram a ser chamados de “depósitos”.

Com o ECA e a Lei 12.010, as grandes instituições deixaram de ter respaldo legal e surgiram serviços menores com a proposta de proteger e educar. Foram estabelecidos novos parâmetros de atendimento, como: restrição ao número de crianças; preservação dos vínculos fraternais; integração à vida comunitária; preservação dos vínculos familiares quando possível ou a busca por uma família substituta; revisão jurídica semestral de cada caso; período máximo de 2 anos para o acolhimento; protagonismo da criança e adolescente em seu processo (direito à verdade sobre a própria história e respeito a sua opinião).

O artigo 98 do ECA define o momento em que as medidas de proteção se tornam necessárias:

Art. 98 – As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nessa Lei forem ameaçados ou violados. I – por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; II – por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável; III – em razão de sua conduta.

Em 2006 foi criado o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (PNCFC), para fortalecer o princípio fundamental do ECA: toda criança e adolescente tem direito à convivência familiar e comunitária. O plano se baseia em metas que asseguram

o paradigma de proteção integral por meio da preservação dos vínculos familiares e comunitários. Visa romper definitivamente com a cultura de institucionalização e segregação que predominava antes da promulgação do ECA, sendo um documento fundamental para garantir que o acolhimento seja de fato uma medida excepcional e provisória. Além disso, o PNCFC reitera outro aspecto fundamental do ECA: pobreza e dificuldades circunstanciais da família não são motivo para o acolhimento. Reforça, assim, que as estratégias para evitar o acolhimento e para promover a reintegração familiar devem estar centradas no trabalho com toda a família, e não somente na intervenção voltada para a criança ou adolescente.

A publicação, em 2009, do documento *Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes* (OT), elaborado pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) e pelo Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), fortalece paradigmas do acolhimento já postulados pelo ECA e pelo PNCFC. O documento estabelece parâmetros práticos sobre o funcionamento dos serviços de acolhimento e sugere estratégias para uma maior profissionalização dessas instituições. Além disso, traz a importante visão de que o período de acolhimento, embora provisório, deve ser reparador. Essa concepção carrega a ideia de que, se houve acolhimento, necessariamente algum direito da criança ou do adolescente foi violado e eles sofreram uma separação significativa.

Desta forma, a criança e o adolescente acolhidos encontram-se em um período delicado, dolorido, e necessitam dos adultos para entender as condições que levaram ao acolhimento e ter suas angústias, sofrimentos e dúvidas reconhecidos e compreendidos para elaborar essa situação. É fundamental, para essa reparação, a presença de adultos preparados para estabelecer vínculos afetivos com eles e para olhá-los individualmente, levando em conta suas histórias de vida e dentro de seu contexto sociocultural.



O quadro a seguir mostra algumas diferenças entre as instituições do passado e as atuais.

Grande mudança: dos antigos orfanatos ao serviço de acolhimento atual

ANTIGO ORFANATO	SERVIÇO DE ACOLHIMENTO
Regulamentado pelo Código de Menores.	Regulamentado pelo ECA (e Lei 12.010), PNCFC e OT.
Estadia permanente.	Período de no máximo 2 anos; revisão semestral de cada caso pela autoridade judiciária.
Ambiente institucional com atendimento em grandes grupos.	Atendimento personalizado e em pequenos grupos (OT indica grupos de até 20 crianças e adolescentes).
Trabalho assistencial sem foco no retorno ao ambiente familiar.	Preservação dos vínculos familiares com busca da reintegração familiar; trabalho com famílias é obrigatório e é responsabilidade do serviço de acolhimento articulá-lo.
Centralização de serviços na própria instituição sem inserção comunitária.	Utilização da rede de serviços comunitários (escola, postos de saúde, ONGs, espaços públicos para lazer), garantindo o direito à convivência comunitária.

O artigo 92 do ECA sintetiza as novas diretrizes:

Art. 92. *As entidades que desenvolvam programas de acolhimento familiar ou institucional deverão adotar os seguintes princípios:*

- I - preservação dos vínculos familiares e promoção da reintegração familiar;*
- II - integração em família substituta, quando esgotados os recursos de manutenção na família natural ou extensa;*
- III - atendimento personalizado e em pequenos grupos;*
- IV - desenvolvimento de atividades em regime de coeducação;*
- V - não-desmembramento de grupos de irmãos;*
- VI - evitar, sempre que possível, a transferência para outras entidades de crianças e adolescentes abrigados;*
- VII - participação na vida da comunidade local;*
- VIII - preparação gradativa para o desligamento;*
- IX - participação de pessoas da comunidade no processo educativo.*



2. O TRABALHO COM HISTÓRIAS DE VIDA NOS SERVIÇOS DE ACOLHIMENTO

Falar de histórias de vida é dizer que essas crianças e adolescentes são únicos, é dizer que, embora algum direito tenha sido violado e tenha havido uma separação, cada um tem uma história, a sua, que é diferente da de todos os outros. No processo de construção da identidade, na busca de uma compreensão de nós mesmos, necessariamente nos fazemos perguntas como: “De onde eu vim?”; “Qual a minha história?”.

Mas para que insistir em falar e ouvir a respeito de histórias tão tristes e dolorosas? Não seria melhor esquecer? Pode ser, mas a questão é que uma história vivida não se esquece. Querendo ou não, essas experiências nos marcam, nos constituem e nos determinam. Por mais difíceis que sejam o passado e o presente de uma criança ou adolescente, aquela é sua história. Não conversar sobre ela, preferir que esqueça ou faça de conta que esqueceu tem consequências para seu desenvolvimento. Quando não falamos com a criança e o adolescente sobre sua história, eles continuam expressando suas angústias e sofrimentos em relação ao que viveram, não por meio de palavras, mas por meio de comportamentos agressivos, da dificuldade em se vincular, do choro, da enurese noturna, dos mais diversos sintomas. Sabemos que, quanto mais houver espaços para expressão e elaboração dessas histórias, menos reações descontroladas surgirão e mais ferramentas a equipe terá para ajudar as crianças e adolescentes a se fortalecer.

O respeito à história e o direito à verdade são a base para o trabalho com as crianças e adolescentes que estão nos serviços de acolhimento. Tão ou mais importante do que matriculá-los na escola, na capoeira, levá-los ao médico ou para passear, é poder lhes dizer por que estão acolhidos e qual a relação que poderão ter com sua

família (ou substitutos) a partir daquele momento. É se interessar por suas recordações, saudades e hábitos, conferindo a tudo isso um valor e propiciando à criança ou adolescente um espaço de acolhimento verdadeiro.

Esse desafio é facilitado pelas ações de adultos preparados que acreditem e trabalhem considerando a singularidade e o potencial de cada criança e adolescente, favorecendo a compreensão da própria história, o desenvolvimento do sentimento de confiança em si próprio e a capacidade de persistir, desejar e projetar o futuro.

Registrar a vivência durante o período de acolhimento ajuda a evitar que esse tempo se torne um período silenciado e nebuloso. Quanto mais a criança e o adolescente puderem entender a experiência pela qual passaram, melhor conseguirão senti-la como uma fase integrada a sua vida, que representou um momento de proteção e cuidado. Oferecer às crianças e adolescentes ferramentas para que possam se conhecer, se descobrir, se apropriar de suas histórias, gostos, desejos e, assim, construir seus projetos de vida permite realizar encaminhamentos que estejam verdadeiramente pautados na identidade familiar e pessoal de cada jovem acolhido.

O ECA fala sobre esse aspecto:

Art. 100. *Na aplicação das medidas levar-se-ão em conta as necessidades pedagógicas, preferindo-se aqueles que visem ao fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.*

*Parágrafo único. São também princípios que regem a aplicação das medidas:
[...]*

XI – obrigatoriedade da informação: a criança e o adolescente, respeitado seu estágio de desenvolvimento e capacidade de compreensão, seus pais ou responsável devem ser informados dos seus direitos, dos motivos que determinaram a intervenção e da forma como esta se processa;



XII – oitiva obrigatória e participação: a criança e o adolescente, em separado ou na companhia dos pais, de responsável ou de pessoa por si indicada, bem como os seus pais ou responsável, têm direito a ser ouvidos e a participar nos atos e na definição da medida de promoção dos direitos e de proteção, sendo sua opinião devidamente considerada pela autoridade judiciária competente, observado o disposto nos §§ 1º e 2º do art. 28 desta Lei.

A família no projeto

A família é um dos aspectos centrais da história de toda pessoa. Independentemente dos motivos que levaram à separação da criança ou do adolescente desse núcleo, sua família merece ser valorizada e respeitada. É função dos profissionais do serviço e do colaborador ajudar a criança ou o adolescente a considerar os aspectos positivos e valiosos de sua família, sem para isso criar uma visão ilusória.

O acolhimento de crianças e adolescentes é temporário e, ao longo desse período, os vínculos familiares devem ser mantidos. Salvo casos em que haja a destituição do poder familiar ou a proibição de visitas, todas as crianças e adolescentes costumam ter contato com seus familiares. Isso acontece principalmente por meio de visitas deles aos serviços de acolhimento.

Periodicamente, o Fazendo Minha História realiza grupos com as famílias das crianças e adolescentes, com o objetivo de aproximá-los dos propósitos do projeto e envolvê-los na construção dos registros que compõem o álbum. Em alguns momentos, os colaboradores podem ser convidados a participar desses encontros.

Mitos e medos

Muitas vezes, o contato com as histórias de vida é permeado por mitos e medos que acabam dificultando o trabalho. É importante lançarmos um novo olhar para essas ideias preestabelecidas, sem deixar de validar o desafio do trabalho.

AS HISTÓRIAS SÃO MUITO TRISTES

Todas as histórias de vida são compostas de momentos alegres e tristes, conquistas e perdas, sonhos e pesadelos. Uma história nunca é exclusivamente triste, assim como não é possível que seja exclusivamente feliz. O colaborador precisa estar disposto e aberto para escutar e registrar a história da criança ou adolescente da forma como ela for, com seus aspectos positivos e também doloridos. Com cuidado, refletindo sobre o que, para que e como registrar, pode-se encontrar um modo respeitoso e cuidadoso de registrar fatos difíceis.

O PERÍODO DE ACOlhIMENTO É TEMPORÁRIO E TRISTE, NÃO PRECISAMOS REGISTRÁ-LO

O acolhimento é um período da vida marcado pela proteção e não precisa ser negado. Muito pelo contrário, quanto mais a criança e o adolescente se lembrarem desse período, menor a chance de criarem fantasias negativas a respeito dele. Além do mais, o serviço de acolhimento traz vivências positivas e significativas – representa uma parte da história da criança ou adolescente que precisa ser registrada: o cuidado, a proteção, boas relações e muito crescimento podem acontecer nesse período!



O FUTURO É MUITO INCERTO, NÃO HÁ COMO FALAR A RESPEITO

A incerteza quanto ao amanhã não precisa ser motivo para não sonhar ou pensar no assunto. Ao contrário, é necessário estimular uma visão positiva do futuro e ajudar a criança e o adolescente a se apropriar de sua trajetória e, se necessário, a transformá-la.

OS ADULTOS ESTÃO DESPREPARADOS PARA LIDAR COM AS HISTÓRIAS

Contadas ou não, as histórias desafiam os adultos continuamente e não podem ser negadas. Portanto, é melhor criar oportunidades cuidadosas para falar sobre elas, sempre na medida e no ritmo de cada criança ou adolescente. O técnico de referência do Fazendo Minha História e/ou a equipe do serviço de acolhimento estão sempre à disposição para acolher as dúvidas e angústias e encontrar caminhos para um bom trabalho.

3. TRIÂNGULO METODOLÓGICO DO TRABALHO DO COLABORADOR

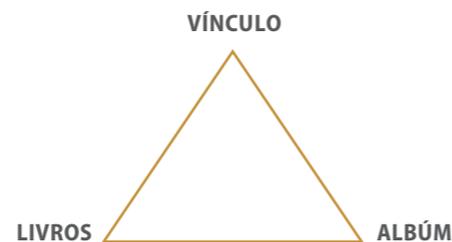
A metodologia da atuação do colaborador no Fazendo Minha História pode ser compreendida a partir do triângulo formado por *vínculo*, *livros* e *álbum* – ferramentas essenciais para o trabalho com a criança e o adolescente.

Vínculo

A construção de um vínculo entre o colaborador e a criança ou adolescente é o ponto de partida e a base de todo o trabalho. Por meio dos encontros, procura-se construir um vínculo de afeto, respeito e confiança. Nessa conquista, contam a constância da presença do colaborador e o cumprimento dos acordos. Espera-se que ele compareça pontualmente a cada semana no dia e horário combinados.

Livros

O universo da literatura infantil e juvenil é uma das principais ferramentas de acesso às histórias pessoais das crianças e adolescentes. As narrativas funcionam como organizadoras do mundo interno; com as histórias, é possível elaborar vivências, se reinventar e vislumbrar o futuro. Abre-se a possibilidade de trabalhar diversos temas, como amor, morte, separação, amizade e sexualidade. Além de revelar uma diversidade de oportunidades, o trabalho com os livros, portadores de cultura e conhecimento, procura garantir o direito de acesso à literatura. O trabalho do colaborador é cativar as crianças e adolescentes para o mundo das narrativas. Não se espera que os participantes sejam “contadores de histórias” ou mediadores de leitura profissionais, mas que atuem como facilitadores, despertando o interesse e o prazer pela leitura. Adiante, dedicamos um capítulo específico a esse tema.



Caçar cobra

Uma vez, o Zé me contou um monte de histórias lá da Bahia, disse que eles iam caçar cobra e tal. Foi super legal e a gente registrou. Depois de um ano, li a história para ele, que se espantou: “Eu falei isso?”. E se divertiu com a história. Isso é muito interessante, pois eles vão crescendo e agora têm um lugar no qual as histórias ficam registradas. Acho que o álbum vai ser muito bom no futuro. Quando eles tiverem filhos vão poder dizer: “Olha, eu tenho uma história para contar para vocês!”.

Lia Olival

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História



Até os pequeninos

Você começa a contar para um e vai chegando mais um, depois outro e, quando você vê, já tem meia dúzia para ouvir aquela história. Hoje, vejo que eles sentem prazer na leitura. Até os pequeninhos, que nem sabem ler e se interessam mais pelas figuras e cores, já pedem os livros. Eles vêm logo dizer: “Chegou livro novo! Vamos ler este aqui?”.

Jailma Gomes de Araújo

Educadora do Lar 3 do Educandário Dom Duarte

Álbum

No início do projeto, crianças e adolescentes encontram um grande álbum em branco, com capa dura, a ser recheado com seus textos ou relatos, desenhos e fotos. Ele é um elemento concreto, representa um espaço de expressão e registro da vida de cada um, sobre seu presente, passado e futuro. O investimento na construção do álbum transmite à criança ou adolescente a ideia de que seu conteúdo, ou seja, sua história tem grande valor. É um objeto de identificação, reconhecimento e significação da trajetória de cada um. Ele deve ser cuidado e preservado, sempre com a responsabilidade assumida também pelos adultos da casa. E, quando a criança e o adolescente são desligados do serviço de acolhimento, seja pela reintegração familiar, colocação em família substituta ou pela maioria, devem levá-lo, pois lhes pertence. Validando a metodologia do FMH e estabelecendo-a como uma ferramenta importante do trabalho nos serviços de acolhimento, o documento OT diz:

Sempre que possível, a fim de promover um sentido de identidade própria, a criança e o adolescente – com o apoio de um educador/cuidador, família acolhedora ou pessoa previamente preparada – devem ter a oportunidade de organizar um livro de sua história de vida que reúna informações, fotografias e lembranças referentes a cada fase de sua vida, ao qual poderão ter acesso ao longo do ciclo vital. Esse livro deve ser uma produção da própria criança ou adolescente, com fotos e outras criações de sua autoria. No momento do desligamento esse registro deve fazer parte dos objetos pessoais que a criança e o adolescente levarão consigo (p. 52).

AO INICIAR O TRABALHO

1. FORMAÇÃO

Para que o projeto Fazendo Minha História tenha sucesso no serviço de acolhimento, é necessário que todos os atores conheçam e aceitem seus princípios e metodologias. Para isso, são realizados diversos procedimentos, explicados a seguir.

Encontros iniciais de sensibilização com a equipe dos serviços

O Fazendo Minha História precisa ser apresentado a todos os profissionais do serviço de acolhimento. Essa fase consiste em exibir o vídeo do projeto, explicá-lo detalhadamente e propor vivências sobre suas metodologias: a mediação de leitura e o registro das histórias de vida. Quanto mais os profissionais puderem experimentar uma relação prazerosa com os livros e compartilhar suas próprias histórias, mais se envolverão no trabalho com as histórias de vida das crianças e adolescentes.

Formação inicial de colaboradores voluntários

São três encontros, de três horas cada, nos quais são esclarecidos conceitos teóricos e práticos sobre o acolhimento, o instituto e o trabalho especificamente. Trata-se de um alinhamento conceitual de todos os colaboradores.

Encontro 1: A realidade do acolhimento institucional e o Programa Fazendo Minha História

Encontro 2: Mediação de leitura – o trabalho com livros

Encontro 3: Registros – o trabalho com histórias de vida

Reuniões de acompanhamento da dupla gestora do projeto no serviço

A equipe do projeto se encontra mensalmente com a dupla gestora e/ou demais profissionais do serviço de acolhimento parceiro para refletir sobre como os princípios e metodologias propostos pelo FMH estão inseridos no trabalho cotidiano da instituição. São momentos de reflexão, alinhamento e construção de caminhos para o melhor acolhimento de cada criança e adolescente.

Reuniões de supervisão de colaboradores

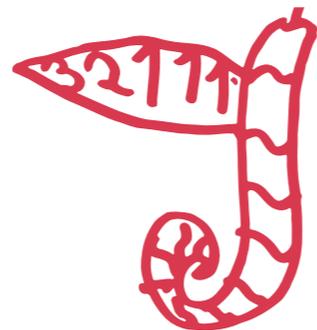
A cada 45 dias, em média, os colaboradores se encontram para debater sua prática, supervisionados pela equipe gestora do projeto. A troca de experiências que ocorre nesse momento é essencial para o ganho de qualidade no trabalho. Os conteúdos abordados estão relacionados às dúvidas e dificuldades enfrentadas pelos colaboradores, questões práticas e logísticas do projeto, reflexão sobre as histórias das crianças e adolescentes e outros temas.

Encontros de capacitação

São realizados semestralmente na cidade de São Paulo. Educadores, técnicos dos serviços de acolhimento e colaboradores se reúnem para compartilhar experiências e aprender novos conhecimentos. São convidados profissionais para apresentar ou aprofundar novas ferramentas de trabalho, como contadores de histórias, psicólogos, artistas plásticos, autores de livros infantis e juvenis, entre outros.

Plantão e acompanhamento

Contatos por telefone, e-mail ou pessoalmente podem acontecer sempre que necessário entre a equipe do projeto, a dupla gestora do serviço e os colaboradores.



Debaixo do sofá

Quando comecei estava com mais duas colaboradoras e trabalhávamos com quatro meninos. A gente chegava e eles ficavam embaixo do sofá. Tínhamos mil ideias, mas na hora nada dava certo e nem saía como a gente queria. Então, decidimos mandar uma carta para eles com uma foto nossa recortada. Eles tinham que colar a foto no álbum. Foi a primeira vez que um deles participou para valer. Ficou no cantinho dele, mas abriu o álbum, colou e gostou.

Beatriz Carneiro

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História

2. PREPARANDO OS ENCONTROS

Os encontros com as crianças e adolescentes são o momento de ouro do projeto. Todos trabalham para garantir que sejam significativos, e cabe ao colaborador ficar atento a alguns cuidados valiosos.

A cada semana, é importante que o colaborador vá ao serviço de acolhimento já sabendo o que pretende propor e havendo se preparado para a atividade. Antes de contar uma história, por exemplo, faz toda a diferença já tê-la lido previamente. Com as brincadeiras e atividades não é diferente. Contribuí muito para o êxito dos encontros tentar descobrir o que cada criança ou adolescente gosta e o que não faz muito sucesso, assim como pensar em atividades adequadas para cada faixa etária.

No decorrer do tempo, construímos um bom cardápio de atividades (página 74) que podem servir de referência. Para completar, vale a pena listar e preparar os materiais necessários para o trabalho idealizado. O planejamento, entretanto, nunca pode ser uma camisa de força. É necessário garantir espaço para surpresas e imprevistos. Portanto, flexibilidade e criatividade são sempre necessárias.

3. PRIMEIROS ENCONTROS

O primeiro encontro é o dia da dupla – colaborador e criança/adolescente – se conhecer. É o início de uma relação de confiança, troca e afeto. Geralmente, há muita expectativa e ansiedade dos dois lados: todos querem começar bem! Mas vale lembrar que as crianças e adolescentes reagem de diferentes maneiras nesse momento. Alguns são receptivos, outros podem se mostrar desconfiados e apreensivos; afinal, a proposta de olhar e falar sobre suas histórias é um desejo e também um desafio.

Apresentação do projeto

Para começar, é importante o colaborador dizer por que está ali: o que é o projeto, como funciona e como serão os encontros. É hora de explicar que estarão juntos para ler histórias e fazer um álbum com os acontecimentos importantes de sua vida e outras coisas de que a criança ou o adolescente gostariam de se lembrar no futuro. É o momento de combinar a frequência, dia, horário e duração dos encontros. O contrato a seguir simboliza a confirmação de sua compreensão e o desejo de participar do projeto.

CONTRATO COM A CRIANÇA/ADOLESCENTE

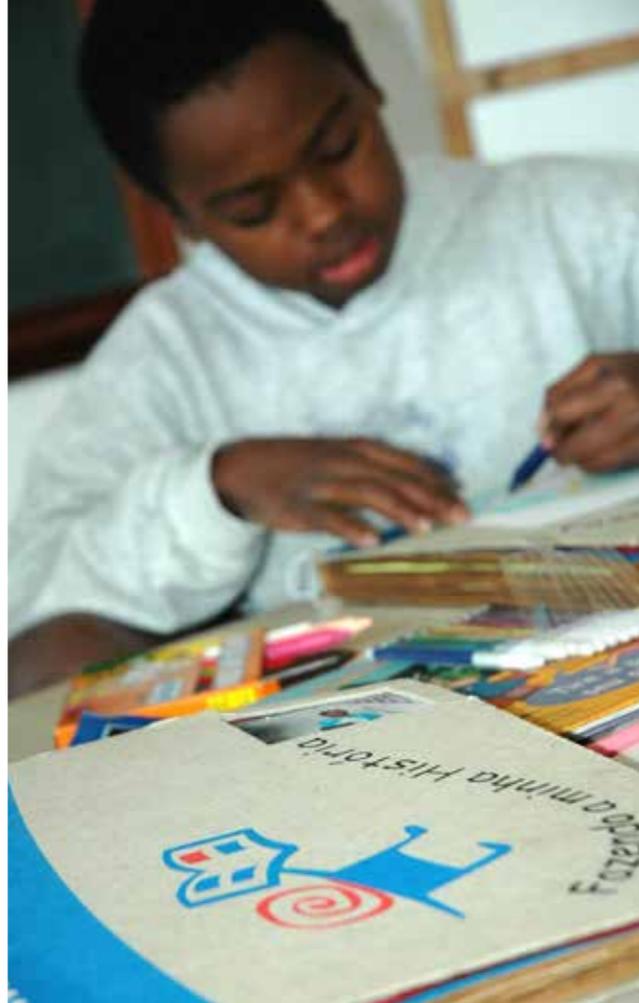
Oi, meu nome é _____ . Serei seu/sua colaborador(a) no projeto Fazendo Minha História. Nossos encontros serão às/aos _____ das _____ às _____ . O projeto Fazendo Minha História existe para registrar a história de crianças e adolescentes como você, que moram em serviços de acolhimento, e irá ajudá-lo a se lembrar de coisas importantes que acontecem em sua vida. Com suas fotos e de outras pessoas que você gosta, desenhos e relatos, construiremos juntos um álbum que será só seu e irá acompanhá-lo onde você for.

VOCÊ QUER PARTICIPAR DO PROJETO? SIM () NÃO ()

_____, ____ de _____, de 20 ____.

Colaborador: _____

Criança/adolescente: _____



Os horários combinados precisam ser respeitados. O atraso e a falta podem ser uma grande frustração para a criança ou adolescente, remetendo à vivência do abandono ou separação inexplicada que muitas vezes faz parte de sua história. Assim, telefonemas para a instituição e para a criança ou adolescente avisando e justificando a falta ou atraso são imprescindíveis.

Apresentação pessoal

Depois que a criança ou o adolescente souberem por que o colaborador está ali, é hora de ambos começarem a se conhecer melhor. Para isso, confira as propostas do nosso *Cardápio de atividades* e planeje um momento divertido para essa apresentação.

Apresentação dos livros da biblioteca

Antes de iniciar o encontro, o colaborador deve selecionar alguns títulos (dez é uma boa quantidade) e espalhar pelo chão, criando um ambiente agradável. A ideia é convidar a criança ou adolescente a escolher uma obra e ouvir a história, afirmando que, como irão fazer um livro juntos, é interessante conhecer antes outros autores e diferentes formas de escrever e ilustrar. Os livros desses primeiros encontros devem ser curtos e conhecidos pelo colaborador. Podem ser também livros conhecidos e escolhidos pela própria criança ou adolescente. Nesse caso, o colaborador irá conhecer o livro naquele momento. Uma dica é já escolher, junto com a criança ou adolescente, uma ou mais histórias que serão lidas no encontro seguinte.

Apresentação do álbum

O colaborador deve mostrar o álbum e chamar a atenção para o fato de que na capa há espaço para uma foto do protagonista dessa história. Desde o início, convém ir construindo o sentido e a importância desse álbum como lugar que guarda sua história e que irá acompanhá-lo pela vida, o que significa que deve ser algo bem cuidado.

Muitas vezes, já no primeiro encontro a criança ou o adolescente procuram deixar sua marca no álbum. Escrever o nome, desenhar, identificá-lo como seu de algum modo. O nome na capa de trás é uma forma eficiente de atender a essa necessidade. Atenção e cuidado nesse começo são fundamentais, pois querem se expressar e mostrar quem são. Sugerimos utilizar folhas à parte para que o álbum não seja preenchido logo no início com desenhos que podem ser pouco significativos.

A atividade Carteira de Identidade é uma excelente sugestão para esse começo (capítulo *Cardápio de atividades*). Vale esclarecer que ao longo dos encontros muitas atividades serão feitas, mas nem todas precisam estar no álbum. Há no final dele um envelope no qual podem ser guardados desenhos e fotos que ainda não se sabe se farão parte das páginas oficiais.



4. PARA ALÉM DOS ENCONTROS

Passeios e saídas

Frequentemente, as crianças e adolescentes pedem aos colaboradores para passearem juntos. Observamos que essas saídas atrapalham o processo inicial e a rotina do projeto e devem ser evitadas principalmente no começo do trabalho. Além disso, cada serviço de acolhimento tem suas regras, e nem sempre os passeios com voluntários são permitidos pela instituição. Qualquer proposta que ultrapasse os objetivos e ações previstos pelo projeto deve ser combinada com a técnica do Fazendo Minha História e a dupla gestora do projeto no serviço, sendo avaliada com muito cuidado.

Aniversários

Essa é uma data importantíssima, uma grande oportunidade de fazer a criança e o adolescente se sentirem especiais, queridos e únicos. O colaborador deve se informar, desde o início, sobre qual é o dia do aniversário dos meninos e meninas com os quais trabalha. Vale a pena saber como a casa celebra a data e, se for o caso, participar da celebração ou garantir de alguma forma registros desse momento. Um cartão e um pequeno presente também são bem-vindos, desde que combinados previamente com a técnica do Fazendo Minha História e a dupla gestora do projeto no serviço.

Natal

O Natal é outra data muito especial e aguardada. Alguns serviços organizam uma festa especial para comemorar o dia com os colaboradores do projeto e demais

voluntários da casa. É uma ótima oportunidade para estar com a criança ou o adolescente em um encontro diferente do semanal. Se quiser levar algum presentinho simples, essa é uma data apropriada, desde que combinado previamente com a técnica do Fazendo Minha História e a dupla gestora do projeto no serviço.

Férias

Vale lembrar que durante as férias escolares a rotina de todos muda. O colaborador e o técnico do Fazendo Minha História podem checar se convém fazer alguma alteração nas atividades. Há casos em que os serviços de acolhimento suspendem os trabalhos entre o Natal e o Ano-Novo. No caso do colaborador sair de férias, não pode se esquecer de avisar a criança ou adolescente e o serviço e combinar a retomada dos encontros. É importante levar ou elaborar com a criança ou adolescente um calendário sobre esse período (interrupção-retorno), para que fique claro em que semanas o colaborador estará ausente e quando retornará.

Registros com a família

Sempre que possível, o colaborador deve aproximar a família do projeto em um dia de visita, quando será possível apresentar a proposta do projeto e o álbum aos familiares, tirar fotos e elaborar juntos algum registro. Para esse tipo de ação, é fundamental checar com a própria criança ou adolescente e com a equipe do serviço se essa é uma boa ideia e combinar todos os detalhes. Caso o colaborador não possa estar presente nos dias de visita, pode solicitar ao educador do plantão para fotografar, ou pedir à família que escreva no álbum, ou ainda deixar a criança ou adolescente levar o álbum para casa para fazer uma página com seus familiares, excelentes ideias para fortalecer os vínculos e valorizar a história dessa família!



Registro do trabalho

Registrar é um modo de documentar o que foi realizado, refletir sobre o trabalho e se organizar. O registro que o colaborador faz de cada encontro ajuda no planejamento do próximo. Além disso, esse documento auxilia na qualidade da supervisão, permitindo que o técnico do Fazendo Minha História e/ou a dupla gestora do projeto acompanhem o andamento dos encontros entre as reuniões. É muito comum o colaborador vivenciar alguma situação importante que, após algum tempo, pode se perder e ser esquecida se não for registrada. A ficha de registro que desenvolvemos é simples e funcional. É essencial que ela ajude o colaborador e a equipe do projeto na busca por qualidade, e não por controle ou burocratização.

REGISTRO DOS ENCONTROS

Serviço de Acolhimento: _____

Colaborador: _____ Criança/adolescente: _____

Data	Atividade do dia	Reflexões sobre o encontro

LIVROS: DESCOBERTA DAS HISTÓRIAS

Hora de dormir

Todas as crianças pequenas foram dormir, mas uma delas estava muito agitada e não conseguia pegar no sono. A educadora chegou e falou para uma das crianças: "Michele, você quer me ajudar?". "Eu quero, tia." "Então vamos lá no quarto. O que você quer fazer?" "Vou contar uma história para eles dormirem." Ela foi para a cama do irmão, começou a passar a mão na cabeça dele e falou:

"Era uma vez..." E, quando a educadora voltou, estavam todos dormindo.

Mirian Cristina da Conceição

Educadora do Lar 3 do Educandário Dom Duarte

1. PRINCÍPIOS

No encontro com a literatura, os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria existência de vida em grau e intensidade não iguais a nenhuma outra atividade. (Coelho, 2000)

Uma parte importante da metodologia do Fazendo Minha História se apoia na possibilidade de promover um envolvimento cada vez maior e mais prazeroso das crianças e adolescentes com os livros.

A literatura é uma criação universal que surge da necessidade humana de elaborar, expressar e construir sentidos para aquilo que é vivido e experimentado. As crianças e adolescentes encontram nas histórias dos livros um lugar seguro e com muitos elementos simbólicos para elaborar questões relativas a suas próprias histórias. A partir da leitura é possível experimentar papéis, descobrir novas possibilidades e refletir sobre situações coletivas e individuais. É possível sonhar e recriar a vida.

O livro é um instrumento transformador, que transporta o leitor para um mundo fictício, tornando possíveis ações impossíveis e trazendo respostas para muitas perguntas do mundo real. Ele é a porta de entrada para o mundo das histórias e, muitas vezes, ainda não faz parte da rotina dos serviços, nem das crianças e adolescentes, tornando-se necessário cativá-los para a leitura.

As crianças têm curiosidade em manusear os livros e devem ser convidadas a conhecê-los, utilizá-los e cuidar deles. Cabe aos adultos da instituição assumir a biblioteca montada pelo projeto, cuidando da preservação das obras e pensando em alternativas de uso, como na hora de dormir. Apenas circular em meio aos livros não desenvolve o gosto por ler. As crianças e adolescentes precisam conviver com pessoas que se envolvam com esses materiais de forma entusiasmada,

conferindo aos livros um novo e bom significado. A cada semana, a presença do colaborador irá contribuir para essa aproximação. Cabe a ele introduzir a criança ou adolescente no mundo mágico da literatura, oferecendo a oportunidade de ler e reler histórias. Em cada serviço de acolhimento, espera-se que o colaborador possa encontrar uma variedade de títulos e temas em uma biblioteca organizada, garantindo a qualidade no trabalho cotidiano.

Para ajudar as crianças e adolescentes a despertar o prazer em ler, os adultos precisam primeiro ter desenvolvido em si mesmos essa paixão. Assim, parte das ações do Fazendo Minha História está voltada para a *sensibilização e formação de adultos mediadores de leitura*. Desde 2002, o programa atua em diferentes espaços e instituições, com grupos diversos de educadores, técnicos e voluntários, desenvolvendo formações e seminários nos quais ganham papel de destaque as sessões de mediação de leitura e atividades prazerosas com os livros, inspirando e motivando adultos que gostam de ler a multiplicar essas ações e adultos que não lêem, a descobrir-se leitores.

2. A MEDIAÇÃO DE LEITURA – SOBRE A METODOLOGIA

Lemos e contamos histórias para as crianças para dar um sentido ao seu mundo. Após serem ouvidas, as histórias podem ser sonhadas, e passam a fazer parte de cada um. Contar histórias tem uma função central na formação do psiquismo: ajuda a criança a construir seu livro interno, base a partir da qual ela se relaciona com as pessoas e com o mundo. Esse livro interno, que está em constante formação, é construído a partir das histórias, mitos e contos aos quais a criança é apresentada. (Pages, 2011, p. 4)

A metodologia utilizada no Fazendo Minha História para desenvolver o trabalho com os livros é a mediação de leitura, ou seja, o ato de ler em voz alta para uma



ou mais crianças e/ou adolescentes. O mediador de leitura é a pessoa que dá vida à biblioteca, conduz os ouvintes ao mundo da imaginação e está presente e disponível para acolher a participação de cada um, suas associações, comentários e perguntas. O momento da mediação contribui também para o estabelecimento e fortalecimento do vínculo entre adultos, crianças e adolescentes, pois através das leituras cria-se um espaço de cumplicidade e troca afetiva, no qual todos estão juntos compartilhando e sendo afetados, de diferentes maneiras, pela mesma história.

Mediação de leitura é

o ato de ler para as crianças, jovens ou adultos de maneira livre e prazerosa. O mediador se propõe a compartilhar com eles o prazer de ler, conhecer e descobrir o que os livros têm a oferecer. Ele aproxima o livro e a criança, deixando-a fazer suas escolhas, lendo o texto, mostrando as ilustrações, ouvindo atentamente seus comentários, respondendo às perguntas, observando e respeitando suas reações. A leitura de um texto é infinita, mas o momento em que o mediador compartilha com a criança a leitura e a troca de experiências é único por incluir o vínculo ali estabelecido. (Projeto Biblioteca Viva, Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente)

O livro é uma obra de arte rica por si só, com textos e ilustrações, e deve ser apresentado ao leitor tal como é: sem mudança de palavras, sem pular páginas para encurtar ou qualquer outra alteração. Independentemente do impacto que uma obra de arte pode ter no sujeito que a aprecia, alterá-la nunca seria uma boa opção. É preciso respeitá-la em sua força de tocar e transformar o outro de modos diferentes. Ler o livro tal como ele está escrito garante ainda a permanência da história e possibilita a releitura. Vale lembrar que as crianças gostam de escutar várias vezes o mesmo conto: a repetição dá segurança, pois conhecem o enredo e o final da trama.

Qualquer pessoa pode ser um mediador de leitura, basta ter interesse e vontade. A ideia é que não só colaboradores, mas também todos aqueles que trabalham no serviço de acolhimento estejam preparados para se envolver nessa atividade e incorporar esses momentos na rotina da casa. No decorrer do projeto, todos são convidados a participar de uma oficina de mediação de leitura que visa a sensibilizar e capacitar as pessoas para exercer essa função.

No Fazendo Minha História, a mediação de leitura é feita por adultos que se reúnem com uma ou mais crianças e adolescentes para ler e ouvir histórias em um *ambiente agradável e estimulante*. Os livros são espalhados sobre um tapete no chão e todos ficam livres para explorá-los de maneira autônoma, da forma como tiverem vontade. Chamamos esse momento de *exploração livre*. Nesse espaço, o mediador de leitura ainda não está realizando uma atividade de leitura, mas já é um mediador, na medida em que apresenta o livro para as crianças e adolescentes. Ele media e facilita essa relação entre a criança e o adolescente e o livro. Em seguida, o mediador inicia a leitura dos livros solicitados, e por vezes também escolhe títulos para apresentar a seus ouvintes. Ele os conduz à história do livro, ao mundo da imaginação, e está sempre preparado para escutar como o livro toca cada um. Ao ouvir uma história, a criança ou o adolescente podem querer se expressar, compartilhar o que pensaram e sentiram, e é importante acolher sua participação, assim como respeitar seu silêncio.

A ideia é fazer do contato com os livros um *momento prazeroso*. Esse não é um espaço de ensino e aprendizagem, no qual o adulto é aquele que detém um saber e irá transmiti-lo para a criança ou adolescente. Muitas crianças e adolescentes já têm em suas vidas a marca de uma relação pedagógica com os livros: precisam ler para aprender, ler em voz alta para treinar, ler para dizer o que compreenderam. Obrigar uma criança ou adolescente a ler torna a leitura apenas mais uma atividade a ser cumprida, sem graça e sentido. Nesse momento não há cobranças ou



perguntas. Há apenas a disposição do mediador para apresentar à criança ou ao adolescente uma nova história, uma história que eles tenham o desejo de conhecer, na qual queiram mergulhar. Uma história que possa emocioná-los, fazer com que se identifiquem com um ou outro personagem. A mediação de leitura é um ato de generosidade e, simultaneamente, um ato livre de expectativas. Lê-se sem esperar um resultado ou outro. Lê-se porque há o desejo, porque é bom.

Com a leitura dos livros há trocas de experiências, sentimentos e afetos. Por vezes isso ocorre mais intensamente e de forma aberta, com a criança ou o adolescente se expressando. Por vezes, o movimento é interno. O livro toca o outro de um jeito que nunca conseguiremos saber exatamente, e nem é preciso saber. O importante é oferecer a experiência do encontro com novas histórias, a percepção de novas formas de estar e participar do mundo.

Acreditamos que o *prazer pela leitura* acaba se construindo como efeito da mediação. Entendemos que a disponibilidade, o posicionamento e o envolvimento dos adultos de referência para com essa metodologia são aspectos fundamentais na efetivação desse objetivo. É importante lembrar que crianças e adolescentes percebem quando um adulto tem ou não prazer no que faz. Adultos são modelos para as crianças e adolescentes. Não adianta mandá-los ler, se o próprio adulto não lê; não adianta dizer que ler é importante, se realmente não se considera isso importante. Assim, para aqueles adultos que já adoram os livros, é possível compartilhar esse gosto com suas crianças e adolescentes e ajudá-los na descoberta desse prazer de forma muito simples e genuína. Para aqueles que ainda não sentem prazer com um livro, fica aqui o convite: escolha um livro simples e bom, reserve um tempo em sua rotina, escolha um espaço gostoso e aproveite. Sempre é tempo para se tornar um leitor. E só alguém que tenha mesmo o gosto pela leitura poderá se tornar um bom mediador.

3. ORGANIZAÇÃO

Nos serviços de acolhimento, a biblioteca pode ser organizada em diferentes espaços da casa, favorecendo a interação das crianças e adolescentes com os livros, em um ambiente *tranquilo e aconchegante* para a leitura. É importante que os livros fiquem acessíveis para que cada um tenha liberdade e sinta-se à vontade para explorá-los no momento que desejar. Assim, a criança e o adolescente podem descobrir que têm condições de buscar conhecimento e momentos de prazer de forma autônoma, independentemente da presença e do controle de um adulto.

As sessões de mediação de leitura propostas e acompanhadas por um adulto podem acontecer num espaço externo da casa, no quarto, na biblioteca ou num cantinho que todos escolham e onde permaneçam espontaneamente, sentindo-se confortáveis para se expressar e ser ouvidos. Os momentos de leitura não devem ser obrigatórios, mas sim respeitosos e acolhedores, favorecendo a criação de vínculos de respeito e confiança.

O sentido maior da biblioteca é seu *uso constante*. A melhor maneira de cuidar desse espaço é mantê-lo vivo, com todos da casa interessados e utilizando os livros. Cabe aos adultos da instituição assumir a biblioteca, garantir a preservação das obras e ensinar o cuidado com os livros. É muito importante que as crianças e adolescentes se sintam “donos” do acervo. Só assim os livros serão verdadeiramente cuidados: não por meras regras e procedimentos, mas porque são valiosos para o grupo.

Além das mediações realizadas pelos colaboradores do projeto, espera-se que os profissionais da casa pensem em formas diversas de inserir a leitura na rotina como parte de uma atividade planejada semanalmente com as crianças e adolescentes.

Tio, lê esse!

Durante o estágio em um serviço de acolhimento em São Paulo realizado em parceria com o Instituto Fazendo História, cuja população consistia em crianças de até 11 anos, a mediação de leitura era a atividade inicial dos encontros.

Chegávamos de manhã e éramos recebidos pelas crianças, que nos ajudavam a espalhar os livros pelo tapete da sala. Em uma dessas manhãs a casa estava cheia de crianças recém-acolhidas. Ao todo havia cerca de doze crianças. Éramos três adultos mediadores de leitura. Iniciamos o ritual de espalhar os livros pelo tapete e, rapidamente, as crianças que já conheciam o processo se envolveram com a atividade. Pouco a pouco os novos integrantes do grupo também foram se apropriando do espaço.

Três crianças se aproximaram de mim, uma menina de 11 anos, “veterana” na casa, e um casal de irmãos recém-chegados, de 8 e 10 anos e olhos arregalados, o que parecia uma mistura de medo e fascinação perante o recém-apresentado universo fantástico da literatura infanto-juvenil. A veterana se antecipou e disse: “Tio, lê esse!”. Iniciou-se, assim, a mediação de “Pedro está encolhendo”.

O livro conta a história de um menino que convoca a atenção da família em seu cotidiano e, ao não ser escutado, começa a encolher e encolher até escorregar pelo ralo da pia e iniciar uma longa viagem pela tubulação de sua casa. Ali encontra Lisa, uma garotinha que também havia encolhido, segundo conta a Pedro, por falta de atenção das pessoas ao seu redor. Com o desenrolar da conversa ambos começam a crescer novamente. Neste momento as três crianças exclamaram: “Eu já me senti assim.”

A palavra circulou entre nós, a história terminou, e ao fim da mediação a garota “veterana” exclamou: “Tio, acho que estou crescendo de novo!”. O casal de irmãos sorriu pela primeira vez e um deles foi escolher a próxima história.

João Verani

Estagiário do Fazendo Minha História

Alimentar a biblioteca oferecendo *novidades* é fundamental para o sucesso do trabalho. A partir do momento em que as crianças e adolescentes começam a se interessar pelos livros, querem conhecer mais, e os adultos devem corresponder a esse interesse e estimulá-lo. Por essa razão, a implementação da biblioteca é feita de forma gradual, ou seja, as obras não são todas entregues de uma só vez, mas sim aos poucos. Com o manuseio e o tempo, os livros se deterioram e cada serviço pode criar estratégias de reposição e aquisição de novos títulos.

Os adultos que fazem parte da instituição podem – e devem – levar livros para casa. É essencial que possam conhecer e utilizar cada vez mais o acervo. Para isso, pode-se organizar um procedimento simples de empréstimo, como uma lista para registro das retiradas e devoluções. O limite de dois ou três livros por vez ajuda a não desfalcicar o acervo. Segue-se um modelo de tabela que pode ser utilizado como referência para esse procedimento:

Nome do livro	Nome do retirante	Data da retirada	Data da devolução

A escolha dos títulos

Após entender como fazer a mediação de leitura e organizar um ambiente acolhedor para a biblioteca, surge a pergunta: que livros devemos ter em nossa biblioteca? Como escolher os títulos?

Não há resposta certa para esse questionamento, mas podemos utilizar alguns critérios para a formação do acervo. Um deles, e o mais importante, é a *qualidade dos livros*. O que é um bom livro infanto-juvenil? Eis outra pergunta difícil! Podemos nos ater a alguns aspectos, citados a seguir.

- **Tema:** É um tema universal, com o qual os leitores podem se identificar? Ou é um tema específico, ao qual apenas uma pequena parcela de leitores irá se interessar?
- **Trama:** Há início, meio e fim nessa história? O leitor consegue compreender o que está sendo contado?
- **Texto:** O livro é bem escrito? Há qualidade nas frases e nas palavras utilizadas?
- **Ilustrações e projeto gráfico:** As ilustrações são bem feitas, criativas? Chamam a atenção do leitor? Conversam com o texto? O projeto gráfico é bonito?
- **Originalidade:** É uma história recontada por outro autor? Caso seja, mantém a qualidade do texto original, ou diminui a história retirando partes importantes?
- **Emoções:** O livro desperta emoções?
- **Curiosidade:** O livro convida o leitor a lê-lo? Desperta curiosidade?

Além da qualidade, há muitos outros critérios que podem nortear a escolha dos títulos para a biblioteca. Um deles é a **editora** que publicou o livro; quando conhecemos um livro bom de certa editora, podemos procurar outras publicações da mesma editora. O mesmo se aplica ao **autor**.



Num programa em que trabalhei, tinha nove crianças inscritas, com idades que variavam entre 5 e 8 anos. Nossa proposta, naquela fase do projeto, era estimular a leitura. Compramos livros atraentes, com formas, cores, tamanho e conteúdo de qualidade e apropriados. Chegamos cedo, antes das crianças, e preparamos com cuidado a sala, que era pouco espaçosa. Colocamos os livros no chão e num pequeno sofá, de forma que ficassem convidativos e atraentes. Antes de as crianças entrarem na casa, dissemos que havíamos preparado uma surpresa para elas.

Abrimos as portas. Num primeiro momento as crianças ficaram mesmo surpresas e maravilhadas. No momento seguinte, nós é que ficamos surpresos. Foi como soltar uma manada de elefantes em uma loja de louças. As crianças começaram a explorar os livros sem o menor cuidado. Surgiram disputas que terminaram com livros partidos ao meio. Páginas viradas sem o menor cuidado, amassando as folhas, livros rasgados, pisoteados e mordidos. Um verdadeiro massacre. Tudo muito rápido. Ficamos tão estarecidos e paralisados que nem tivemos tempo de reagir. Nossa brilhante ideia e narcisismo foram por água abaixo em poucos segundos. Ficamos consternados diante da pilha de escombros de livros que sobraram e com raiva das crianças. Naquela hora, julguei-os como um bando de animais. Minha vontade era enforcar aqueles pequenos vândalos.

Triste, peguei um dos livros sobreviventes e me pus a ler solitariamente para me acalmar. De repente senti um puxão na manga da camisa. Era uma pequena menina com dois grandes olhos cor de jabuticaba:

– Ei, tio, que cê tá fazendo?

Respondi meio ríspido:

– Tô lendo.

Não sei se ela havia percebido a minha cara de decepção e tristeza, ou se estava realmente curiosa.

– O que você está lendo?

– Um livro, disse laconicamente, para que nosso papo terminasse ali e ela me deixasse em paz.

– Lê pra mim?

– Acho melhor não.

– Lê, vai?

Diante da insistência, inicialmente a contragosto, comecei a ler a história em voz alta, mas fui me empolgando.

Quando dei por mim, me vi cercado de crianças semiboquiabertas, completamente atentas como se estivessem em transe hipnótico. Durante a história formamos uma sintonia perfeita. Ficavam espantados com a minha voz de rei malvado. Respondiam excitados a cada pergunta que era feita durante a narrativa. Mergulharam em cheiros e sons, procurando adivinhar qual seriam os próximos passos do nosso herói. Meus olhos marejaram. Estávamos reconciliados.

Após a nossa iniciativa frustrada veio a necessária reflexão. Percebemos uma série de erros de estratégia, como a importância, em certos contextos, de apresentar inicialmente os livros e os cuidados para manuseá-los.

Depoimento de Milton Fiks, psicólogo

Sugestões de livros para os primeiros encontros

Título	Autor	Editora	Tema/observações
A vaca que botou um ovo	Andy Cutbill	Salamandra	Amizade.
A casa sonolenta	Audrey Wood	Ática	Família; imaginário.
A velhinha que dava nome às coisas	Cynthia Riland	Brinque-Book	Solidão; amizade; perda.
A verdadeira história dos três porquinhos	Jon Scieszka	Companhia das Letrinhas	Ética.
Ana e Ana	Célia Godoy	Difusão Cultural do Livro	Família; identidade; singularidade.
Ana, Guto e o gato dançarino	Stephen Michael King	Brinque-Book	Autoestima; amizade; respeito às diferenças.
Assim assado	Eva Furnari	Moderna	Texto divertido.
Até as princesas soltam pum	Ilan Brenman e Ionit Zilberman	Brinque-Book	Texto divertido.
Belinda, a bailarina	Amy Young	Ática	Autoestima; corpo; diversidade.
Bruxa, bruxa, venha à minha festa	Arden Druce	Brinque-Book	Medo; repetição. Texto divertido.
Chapeuzinho Amarelo	Chico Buarque (ilustrações de Ziraldo)	José Olympio	Medo.
Como começa?	Silvana Tavano	Callis	Curiosidades; mistérios.
Da pequena toupeira que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela	Werner Holzwarth e Wolf Erlbruch	Companhia das Letrinhas	Texto divertido.
Feliz por obrigação	Chris Wormell	Ática	Tristeza; sentimentos.

Título	Autor	Editora	Tema/observações
Guilherme Augusto Araújo Fernandes	Mem Fox e Julie Vivas	Brinque-Book	Amizade.
Ledazeda	Mahyra Costivelli	Grão	Encontro; vínculo.
Leo e Albertina	Christine Davenier	Brinque-Book	Amizade.
Não confunda	Eva Furnari	Moderna	Texto divertido.
O grúfalo	Júlia Donaldson	Brinque-Book	Texto divertido.
O ponto	Peter H. Reynolds	Martins Fontes	Autoestima.
O sapo bocarrão	Keith Faulkner	Companhia das Letrinhas	Texto divertido.
O trem da amizade	Wolfgang Slawski	Brinque-Book	Amizade.
Oh!	Josse Goffin	Martins Fontes	Divertido.
Patrícia	Stephen Michael King	Brinque-Book	Amizade.
Pedro e Tina	Stephen Michael King	Brinque-Book	Amizade; encontro; vínculo.
Pequeno azul e pequeno amarelo	Leo Lionni	Berlendis e Vertecchia	Amizade.
Rápido como um gafanhoto	Audrey Wood	Brinque-Book	Diversidade; individualidade.
Vizinho, vizinha	Roger Mello	Companhia das Letras	Amizade.
Zoom	Istvan Banyai	Brinque-Book	Divertido.

Outras sugestões para a montagem da biblioteca

Título	Autor	Editora	Tema/observações
A arca de Noé	Vinicius de Moraes	Companhia das Letrinhas	Trocadilho; poesia.
A árvore vermelha	Shaun Tan	SM	Sentimento.
A bruxinha atrapalhada	Eva Furnari	Global	Livro sem palavras. Texto divertido.
A casa dos beijinhos	Claudia Bielinsky	Companhia das Letrinhas	Texto divertido. Livro para bebês.
A cicatriz	Ilan Brenman	Companhia das Letras	Machucados; marcas
A droga da obediência	Pedro Bandeira	Moderna	Obra juvenil.
A fada que tinha ideias	Fernanda Lopes de Almeida	Ática	Aprendizagem; liberdade. Texto divertido.
A festa no céu	Angela Lago	Melhoramentos	Texto divertido.
A flor do lado de lá	Roger Mello	Global	Desejo.
A floresta	Claire A. Nivola	Martins Fontes	Sentimento.
A grande questão	Wolf Erlbruch	Cosac Naify	Sentido da vida.
A palavra feia de Alberto	Audrey Wood	Ática	Palavrão; raiva.
A princesinha medrosa	Odilon Moraes	Cosac Naify	Medo.
A promessa do girino	Tony Ross e Jeanne Willis	Ática	Relações afetivas; transformação.
A terra dos meninos pelados	Graciliano Ramos	Record	Obra juvenil.
Achados e perdidos	Oliver Jeffers	Salamandra	Amizade; solidão.
Agora não, Bernardo	David McKee	Martins Fontes	Família; solidão.

Título	Autor	Editora	Tema/observações
As 14 pérolas da Índia	Ilan Brenman e Ionit Zilberman	Brinque-Book	Contos.
As aventuras de bambolina	Michele Iacoca	Ática	Abandono; solidão; amizade.
As memórias da bruxa onilda	E Larreula e R. Capdevila	Scipione	Texto divertido.
As tranças de Bintou	Sylviane Diouf	Cosac Naify	Autoestima.
Avó	Guto Lins	Globo	Família; singularidade.
Barulho, barulhinho, Barulhão	Arthur Nestrovski	Cosac Naify	Texto divertido.
Bem-te-vi	Lalau e Laurabeatriz	Companhia das Letrinhas	Poesia.
Bililico	Eva Furnari	Formato	Amizade. Texto divertido.
Bisa Bia, Bisa Bel	Ana Maria Machado	Salamandra	Obra juvenil.
Boa noite, Marcos	Marie Louise Gay	Brinque-Book	Texto divertido.
Bolinha vai ao circo	Eric Hill	Martins Fontes	Texto divertido. Livro para bebês.
Bolinho de chuva e outras miudezas	Paulo Netho	Peirópolis	Poesia.
Bom dia, todas as cores	Ruth Rocha	Quinteto	Singularidade. Texto divertido.
Bonita, é assim que vovó me chama	Barbara Joosse	Brinque-Book	Família.
Branca de Neve e os sete anões/ GRIM	Tatiana Belinky	Martins Fontes	Conto de fadas.
Bruxa Onilda vai à festa	E Larreula e R. Capdevila	Scipione	Texto divertido.
Cabelinhos nuns lugares engraçados	Babette Cole	Ática	Puberdade; adolescência; mudanças.

Título	Autor	Editora	Tema/observações
Cabumm	Heninz Janich e Helga Bansch	Companhia das Letrinhas	Texto divertido.
Capitães de Areia	Jorge Amado	Record	Obra juvenil.
Chapeuzinho vermelho	Emmanuele de Lesseps	Scipione	Conto de fadas.
Chuva de manga	James Rumford	Brinque-Book	Diversidade cultural.
Cinderela	Coleção pom-pom	Caramelo	Conto de fadas.
Clara	Ilan Brenman e Silvana Rando	Brinque-Book	Crescimento. Texto divertido.
Cocô no trono	Benoit Charlot	Companhia das Letrinhas	Texto divertido. Livro para bebês.
Como é que eu era quando eu era bebê?	Jeanne Willis e Tiny Ross	Brinque-Book	Família; identidade.
Como os dinossauros dizem boa noite	Jane Yolen e Mark Teague	Globo	Texto divertido.
Conta de novo	Jamie Lee Curtis	Salamandra	Adoção.
Contos de fadas clássicos	Helen Cresswell	Martins Fontes	Conto de fadas.
Crepúsculo	Stephene Meyer	Instrínseca	Vampiros; amor; mistério.
De onde viemos	Peter Mayle; Arthur Robins; Paul Walter	Nobel	Sexualidade.
Devagar, devagar, bem devagar	Eric Carle	Brinque-Book	Singularidade.
Divina Albertina	Christine Davenier	Brinque-Book	Relações afetivas; vaidade.
É só gostar	Isabella Barbosa	Difusão Cultural do Livro	Família.
Em casa	Heinz Janisch e Helga Bansch	Brinque-Book	Sentimento.
Em cima embaixo	Janet Stevens	Ática	Texto divertido.
Então você chegou	Anette Hildebrandt	Companhia das Letrinhas	Adoção.

Título	Autor	Editora	Tema/observações
Esfregue e cheire/Festa	Coleção Salamandra	Salamandra	Livro para bebês.
Esta é Silvia	Jeanne Willis e Tony Ross	Salamandra	Diversidade.
Eu tenho um pequeno problema, disse o urso	Heinz Janisch	Salamandra	Amizade; escuta.
Filho	Guto Lins	Brinque-Book	Família.
Fita verde no cabelo	João Guimarães Rosa	Nova Fronteira	Morte.
Fome de urso	Heinz Janisch	Brinque-Book	Fantasia.
Frida	Jonah Winter	Cosac Naify	Diversidade.
Halibut Jackson	David Lucas	Martins Fontes	Sentimento.
Harry Potter e a pedra filosofal	J. K. Rowling	Rocco	Orfandade; magia.
João e Maria	Tatiana Belinky	Martins Fontes	Conto de fadas.
Leonardo Da Vinci	Tony Hart e Susan Hellard	Callis	Arte.
Lilás, uma menina diferente	Mary Whitcomb	Cosac Naify	Singularidade.
Lúcia Já Vou Indo	Maria Heloísa Penteado	Ática	Singularidade.
Macaco danado	Julia Donaldson e Axel Scheffler	Brinque-Book	Texto divertido.
Mamãe botou um ovo	Babette Cole	Ática	Sexualidade.
Mamãe é grande como uma torre	Brigitte Schar e Jacky Gleich	Cosac Naify	Família.
Mamãe, você me ama?	Bárbara M. Joosse	Brinque-Book	Família.
Mania de explicação	Adriana Falcão	Salamandra	Sentimento.

Título	Autor	Editora	Tema/observações
Marcelino Pedregulho	Jean Jacques Sempé	Cosac Naify	Amizade.
Marcelo, marmelo, martelo	Ruth Rocha	Salamandra	Obra juvenil.
Marilu	Eva Furnari	Martins Fontes	Trocadilho. Texto divertido.
Menina bonita do laço de fita	Ana Maria Machado	Ática	Diversidade.
Menina Nina	Ziraldo	Melhoramentos	Família; sentimentos.
Menino do rio doce	Ziraldo	Companhia das Letrinhas	Obra juvenil.
Meu avô Apolinário	Daniel Munduruku	Studio Nobel	Família.
Meu grande livro de pano: animais	Francesca Ferri	Ciranda Cultural	Animais. Livro para bebês.
Meu penico	Leslie Patricelli	Panda Books	Penico. Livro para bebês.
Minha mãe é um problema	Babette Cole	Companhia das Letrinhas	Família; singularidade.
Ninguém gosta de mim	Raoul Krischanitz	Brinque-Book	Sentimento.
Ninoca vai à escola	Lucy Ciysubs	Ática	Texto divertido.
Nós	Eva Furnari	Global	Amizade; diversidade.
O anjo da guarda do vovô	Jutta Bauer	Cosac Naify	Família; morte; crescimento.
O beijo	Valérie D'Heur	Brinque-Book	Sentimento; carinho; mãe.
O caso do bolinho	Tatiana Belinky	Moderna	Texto divertido.
O catador de pensamentos	Monika Feth e Antoni Boratynski	Brinque-Book	Singularidade.
O colecionador de segredos	André Neves e Maria Cristina Silva	Brinque-Book	Sonhos; felicidade.

Título	Autor	Editora	Tema/observações
O dia em que eu fiquei sabendo	Bel Linhares e Alcy	Salamandra	Adoção.
O fantástico mistério de Feiurinha	Pedro Bandeira	Moderna	Obra juvenil.
O filho do Grúfalo	Julia Donaldson e Axel Scheffler	Brinque-Book	Texto divertido.
O Gato de Botas	Tatiana Belinky	Martins Fontes	Conto de fadas.
O giz vermelho	Iris van der Heide e Marije Tolman	Martins Fontes	Amizade.
O grande rabanete	Tatiana Belinky	Moderna	Família. Texto divertido.
O homem que amava caixas	Stephen Michael King	Brinque-Book	Família.
O homem que roubava horas.	Daniel Munduruku	Brinque-Book	Tempo.
O imperdível menino que perdia tudo	Marcelo Pires	Record	Perdas.
O jardim da bruxa	Lidia Postma	Ática	Texto divertido.
O limpador de placas	Monika Feth	Brinque-Book	Conhecimento.
O livro da família	Todd Parr	Panda Books	Família.
O livro das descobertas: animais de estimação	Coleção Publifolha	Publifolha	Animais. Livro para bebês.
O livro das descobertas: hora do banho	Coleção Publifolha	Publifolha	Banho. Livro para bebês.
O livro do papai	Todd Parr	Panda Books	Família.
O livro dos medos	Diversos autores	Companhia das Letrinhas	Sentimento.
O livro negro das cores	Menena Cottin e Rosana Faria	Pallas	Braille; cores.

Título	Autor	Editora	Tema/observações
O macaco pensador	Jeanne Willis e Tony Ross	Brinque-Book	Sentimento.
O menino do dedo verde	Maurice Druon	José Olympo	Obra juvenil.
O Menino Maluquinho	Ziraldo	Melhoramentos	Obra juvenil.
O meu pé de laranja lima	José Mauro de Vasconcelos	Melhoramentos	Obra juvenil.
O mistério do tempo	Silvana Tavano	Callis	Tempo.
O movimento da vida	Carlos A. de Mattos Ferreira	Brinque-Book	Diversidade.
O nabo gigante	Aleksei Tolstói e Niamh Sharkey	Girafinha	Texto divertido.
O Patinho Feio	Tatiana Belinky	Martins Fontes	Conto de fadas.
O pequeno príncipe	Antoine de Saint-Exupéry	Agir	Obra juvenil.
O ponto	Peter H. Reynolds	Martins Fontes	Singularidade.
O pote vazio	Demi	Martins Fontes	Sentimento.
O que cabe num livro?	Ilan Brenman e Fernando Vilela	Difusão Cultural do Livro	Texto divertido.
O que está acontecendo comigo?	Peter Mayle; Arthur Robins; Paul Walter	Nobel	Adolescência; puberdade.
O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado	Don e Audrey Wood	Brinque-Book	Amizade. Texto divertido.
O Rei Bigodeira e sua banheira	Audrey Wood	Ática	Texto divertido.
O Sítio do Picapau Amarelo	Monteiro Lobato	Brasiliense	Família; amizade; sentimento.
O trem da amizade	Wolfgang Slawski	Brinque-Book	Amizade.

Título	Autor	Editora	Tema/observações
O triste fim do pequeno menino ostra e outras histórias	Tim Burton	Girafinha	Terror. Obra juvenil.
O urso que queria ser pai	Wolf Erlbruch	Companhia das Letrinhas	Família.
Olemac e Melô	Fernando Vilela	Companhia das Letrinhas	Encontro; diversidade.
Olhos brilhantes	Jane Cabrera	MINC	Texto divertido.
Olivia	Ian Falconer	Globo	Texto divertido.
Orelha de limão	Katja Reider	Brinque-Book	Diversidade.
Orelhas de mariposa	Luisa Aguilar e André Neves	Callis	Diversidade.
Os músicos de Bremen	Jacob e Wilhelm Grimm	Martins Fontes	Amizade.
Os sapatinhos vermelhos	Imme Dros & Harrie Geelen	Ática	Sentimento.
Os tesouros de Monifa	Sonia Rosa e Rosinha	Brinque-Book	História de vida; família.
Os três lobinhos e o porco mau	Eugene Trivizas	Brinque-Book	Contos de fada; diferentes versões.
Ou isto ou aquilo	Cecília Meireles	Nova Fronteira	Poesia.
Pai, todos os animais soltam pum?	Ilan Brenman	Brinque-Book	Texto divertido.
Para que serve um livro?	Chloé Legeay	Pulo do Gato	Leitura.
Para quem é o mundo?	Tom Pow	Martins Fontes	Acolhimento.
Pedro está encolhendo	Miriam Latimer	Girafinha	Família; sentimento.
Pequeno manual de monstros caseiros	Stanisav Marijanovic	Companhia das Letrinhas	Texto divertido.
Picasso	Tony Hart e Susan Hellard	Callis	Arte.
Pinóquio	Tatiana Belinky	Martins Fontes	Conto de fadas.

Título	Autor	Editora	Tema/observações
Pippi Meialonga	Astrid Lindgreen	Companhia das Letrinhas	Orfandade.
Por favor, Eleonor!	Frieda Wishinsky	Brinque-Book	Irmãos.
Portinari	Nadine Trzmielina e Angelo Bonito	Callis	Arte.
Primo	Guto Lins	Brinque-Book	Família.
Quando as cores foram proibidas	Monica Feth	Brinque-Book	Sentimento.
Quando mamãe virou um monstro	Joanna Harrison	Brinque-Book	Família.
Quem canta seus males espanta 2	Theodora Maria Mendes de Almeida	Caramelo	Trocadilho.
Quem mora... na casa	Coleção Quem Mora...	Abc Press	Livro para bebês.
Quem soltou o pum?	Blandina Franco e José Carolos Lollo	Companhia das Letrinhas	Texto divertido.
Quem tem medo de quê?	Ruth Rocha	Global	Medo.
Quero ser grande - Charlie e Lola	Lauren Chlid	Ática	Irmãos.
Reinações de Narizinho	Monteiro Lobato	Globinho	Aventura juvenil.
Rodolfo, o carneiro	Rob Scotton	Rocco	Texto divertido.
Selma	Jutta Bauer	Cosac Naify	Felicidade.
Sete histórias para sacudir o esqueleto	Angela Lago	Companhia das Letrinhas	Medo.
Solta a voz, Rafael!	Rafael Thiago dos Santos e Mahyra Costivelli	Instituto Fazendo História	Adolescência; sonhos.
Tanto, tanto	Trish Cooke e Helen Oxenbury	Ática	Família; amor; vínculo.

Título	Autor	Editora	Tema/observações
Tenho medo, mas dou um jeito	Ruth Rocha e Dora Lorch	Ática	Sentimento.
Tudo bem ser diferente	Todd Parr	Panda Books	Diversidade.
Um monstro debaixo da cama	Angelika Glitz e Imke Sonnichsen	Martins Fontes	Medo.
Um papai sob medida	Davide Cali e Anna Laura Cantone	Cosac Naity	Família; pai.
Um porco vem morar aqui	Claudia Fries	Brinque-Book	Amizade; mudança.
Vacas não voam	David Milgrim	Brinque-Book	Fantasia.
Vai embora, grande monstro verde	Ed Emberley	Brinque-Book	Livro para bebês.
Vira-lata	Stephen Michael King	Brinque-Book	Sentimento.
Vó Nana	Margaret Wild	Brinque-Book	Morte.
Você não consegue dormir, Ursinho?	Martin Wadd e Barbara Firth	Brinque-Book	Medo.
Você troca?	Eva Furnari	Moderna	Trocadilho.
Winnie, a feiticeira	Korky Paul e Valerie Thomas	Martins Fontes	Texto divertido.

ALBÚM: REGISTRO DA PRÓPRIA HISTÓRIA

Autorretrato

Fiz uma atividade de autorretrato muito legal. Usamos duas folhas de papel e um papel-carbono e desenhamos com um lápis sem ponta. Era um desenho mágico: eles se olhavam no espelho e desenhavam. O Felipe fez muitas caretas engraçadas e depois se desenhou como se fizesse várias caricaturas. Como tinha o carbono, saíram várias cópias do desenho que ele fez dele mesmo.

Marta Mursa

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História no ABCD Nossa Casa

1. PRINCÍPIOS

O Fazendo Minha História faz um importante convite para cada criança: contar e registrar sua história em um grande álbum. Com o apoio do colaborador, ela é estimulada a falar de seu presente, passado e futuro.

Registrar as experiências é necessário para que elas não se percam e possam ser compartilhadas com as pessoas importantes, como familiares, amigos, e educadores; no presente e no futuro. O álbum é também um instrumento para que a criança e o adolescente se apropriem de sua história, podendo também usá-lo para se apresentar e contar sobre si. Isso pode acontecer, por exemplo, quando a criança e o adolescente levam o seu álbum a uma audiência na Vara da Infância e da Juventude, como um facilitador para que exponham quem são, qual é sua história e quais são seus desejos e receios.

Cabe ao colaborador facilitar o processo de valorização e construção do registro da história de vida. Cada colaborador e cada criança ou adolescente são únicos, construirão uma relação singular, e o resultado disso varia de uma situação para outra. Não por acaso, o álbum do Fazendo Minha História é entregue totalmente em branco, sem formulários a serem preenchidos. Mantendo o propósito do projeto, os colaboradores devem respeitar o ritmo, as necessidades e os desejos da criança ou do adolescente.

De modo geral, vale começar conversando e registrando aquilo que faz parte da vida presente da criança: os amigos, a escola, os *hobbies*, os ídolos, a rotina, as brincadeiras favoritas... Tudo isso é história! Não é necessário ter pressa para começar a falar sobre temas mais delicados, como a família e o motivo do acolhimento; tudo tem seu tempo!

Durante o trabalho, o colaborador deve construir uma relação com a equipe do serviço de acolhimento, que passa a ser uma importante interlocutora sobre as histórias das crianças e adolescentes. Muitas vezes, as crianças menores não saberão contar como foi o final de semana ou descrever suas características, e os profissionais do serviço serão importantes referências para que essas informações apareçam no álbum.

Até mesmo as crianças mais velhas e os adolescentes podem ter dúvidas a respeito de sua história de vida e de seu processo, e o colaborador pode auxiliá-los na busca por essas respostas com os profissionais do serviço de acolhimento. É direito da criança e do adolescente ter conhecimento de seu processo, e eles precisam saber disso. Precisam também saber a quem recorrer se tiverem alguma dúvida. As trocas entre o colaborador e a equipe do serviço são essenciais para isso e também para que os adultos possam compreender melhor os comportamentos e relações que se estabelecem entre crianças, adolescentes e colaboradores. A reunião de supervisão é um momento privilegiado para isso.

Apesar de pertencer à criança ou ao adolescente, o álbum é sempre construído numa coautoria entre eles e seu colaborador. Cabe ao colaborador, adulto comprometido com os objetivos do projeto, zelar pela qualidade e propósito dos registros, garantindo, por exemplo, a diversidade de componentes e conteúdos e estimulando o capricho no acabamento e na estética, sem perder de vista a necessidade de que a criança ou adolescente se veja no seu álbum, se identifique com ele.

Pode acontecer, por exemplo, de uma criança falar algo sobre sua história e não querer registrar; é importante respeitar essa escolha. Afinal, o álbum é dela! Mas a intervenção do colaborador é necessária quando uma informação está completamente descontextualizada ou ilegível por causa da letra da criança ou adolescente. Muitas vezes, o álbum será a única fonte de informações que a criança e o adolescente terão sobre o período de acolhimento. Por isso, nunca se deve perder de vista a pergunta: eu entenderia esta página se a visse daqui a dez anos?

Foto do meu pai

Ele era uma criança um pouco apática a tudo. A mãe o abandonou e ele era criado pela avó, que teve que se mudar para outra cidade e o deixou sozinho. O pai é presidiário. A irmã que ficava com ele no abrigo fugiu, ficou um tempo na rua e acabou indo para outra instituição. Nós soubemos, fomos visitá-la e ele levou o álbum. A irmã fez até dedicatória. Outras coisas foram acontecendo. A vizinha da avó começou a ir visitá-lo constantemente e o menino foi mudando. Hoje em dia é uma criança mais solta, brinca, joga futebol. No último Dia dos Pais, o pai dele teve a oportunidade de ir visitar a família e encontrou o filho. Nossa! Ele está superfeliz. Ganhou uma foto que logo foi colada no álbum. O menino disse assim: "Tia, estou com duas fotos para colocar no meu álbum. Colou e mostrou para os colegas, todo orgulhoso".

Marta Mursa

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História no ABCD Nossa Casa

Página da mãe

O Henri tem paixão pela mãe. Então ele arranhou uma foto dela, colocou no álbum e escreveu uma declaração de amor. Foi a primeira página feita e ele está sempre incrementando. Colocou recortes de carros que vai dar para ela, a casa que vai dar, e pediu para fazer um coração para colar a foto dela. Tem também carros para todos os irmãos. Ele tem um orgulho enorme desse álbum cheio dos seus desejos.

Cristiane Brandt

Colaboradora no Educandário Dom Duarte

2. MONTAR O ÁLBUM

O álbum é elaborado no decorrer dos encontros entre a criança ou adolescente e seu colaborador. Outras pessoas, como os educadores, amigos e familiares, devem ser convidadas a participar da elaboração de registros, incluindo fotos, relatos e outros conteúdos. Quanto maior o número de olhares e referências sobre a história de vida da criança ou do adolescente, melhor! Nesses casos, é sempre importante citar a fonte da informação registrada no álbum (por exemplo: "a tia Maria disse que o Antônio adora tomar suco de goiaba!").



Começar pelo presente

Aprendemos que é mais fácil começar falando do presente. Mais acessível, ele pode abrir as portas para falar sobre o passado e o futuro, de acordo com a possibilidade e o desejo de cada um. Por meio da construção do vínculo com o colaborador, a criança ou adolescente vai sentindo confiança para começar a tocar em assuntos mais delicados, como o motivo de acolhimento. É importante respeitar o seu tempo. Em alguns casos, a criança ou adolescente fala espontaneamente de sua história pessoal logo nos primeiros encontros, e é preciso estar preparado caso isso aconteça; em outros, isso pode levar meses ou não acontecer.

Estética do álbum

O capricho na letra, cores, desenhos e acabamento das molduras de uma foto ou colagem reafirma para a criança ou adolescente a importância do álbum e, principalmente, de sua história. Nesse sentido, alguns detalhes são essenciais:

DICAS COM O MATERIAL

No início do trabalho, cada colaborador recebe um *kit* básico de materiais e fica responsável por guardá-lo e preservá-lo. O *kit* é composto de materiais mínimos para a elaboração das páginas do álbum: canetinha, lápis de cor, cola, tesoura, régua e papéis coloridos. Se a atividade planejada precisar de outros itens, o próprio colaborador pode providenciá-los, adicionando novos recursos ao seu *kit*.

ESCREVER EM TODAS AS PÁGINAS E SEMPRE DE FORMA LEGÍVEL

Por ser um álbum de histórias, o conteúdo escrito é a parte mais valiosa e deve ser sempre muito explorado em *todas* as páginas. Quanto mais trechos escritos,

Voo imaginário

Li “O homem que amava caixas” e depois a gente construiu caixas para eles guardarem as coisas mais importantes. Na sequência veio O passarinho engaiolado. Nesse dia, pedi que eles fechassem os olhos e imaginassem para onde voariam se fossem um passarinho numa gaiola aberta. A Natália logo foi para o Hopi Hari e o Felipe foi encontrar com a namorada na floresta. Depois, eles registraram a história que estavam me contando, desenharam o passarinho e colocamos tudo no álbum.

Maria Lacombe Pires

Colaboradora do Fazendo Minha História



mais completo e rico ficará o álbum. Para que a criança e o adolescente consigam entender (hoje e no futuro) o que está escrito no álbum, é fundamental que o conteúdo seja legível. Por isso dê preferência à letra de forma e use canetas ou canetinhas hidrográficas, pois o lápis apaga com o tempo. Quando a criança está sendo alfabetizada e quer “escrever” no seu álbum, o colaborador pode “traduzir” o conteúdo ao lado. O mais importante é que a criança e o adolescente se expressem e se apropriem de seu álbum, por isso não precisamos nos preocupar com erros ortográficos, e sim com a possibilidade de compreensão do conteúdo.

COLOCAR TÍTULOS E DATAS EM TODAS AS PÁGINAS

Títulos e datas organizam o álbum e o relato da criança. Não podem faltar em nenhuma página. No futuro, será muito importante para a criança e o adolescente saberem quando viveram, pensaram ou sentiram os fatos relatados no álbum.

BUSCAR VÁRIAS FONTES DE INFORMAÇÃO PARA ELABORAR AS PÁGINAS

Nem sempre as crianças ou adolescentes se lembram com detalhes ou conseguem narrar os momentos que viveram, sobretudo os pequenos. Nesses casos, é importantíssimo buscar ajuda de profissionais da casa e até de outras crianças e adolescentes para construir registros escritos mais detalhados. Isso garante não só o acesso posterior da criança ou adolescente a sua história, mas também a importante e prazerosa experiência de ouvir adultos ajudando a elaborar narrativas sobre suas vivências (afinal, é assim que aprendemos a falar e a contar histórias!).

FAZER LEGENDA EM TODAS AS FOTOS, DESENHOS E COLAGENS

As legendas são fundamentais para que no futuro a criança ou adolescente possa conhecer detalhes da história guardada na imagem. As fotos devem vir acompanhadas

de relatos escritos sobre quem está nela, onde foi tirada e o que estava acontecendo no momento do “click”. A própria criança ou adolescente e os adultos da casa podem oferecer informações e detalhes sobre a foto. Quando for possível, deve-se colocar a data ou época da fotografia. Em relação a desenhos e colagens, vale estimular a criança a contar uma história sobre a imagem criada, que é muitas vezes um modo de ela falar sobre si mesma, suas experiências e fantasias. A legenda pode conter ainda informações sobre o contexto e o modo como aquele desenho ou colagem foram produzidos.

ENFEITAR O ÁLBUM USANDO A CRIATIVIDADE

Enfeitar o álbum é fundamental, pois transmite o valor do que está sendo registrado. É importante lembrar que a **estética** do álbum deve respeitar o gosto da criança ou adolescente e seu jeito de ser. Use e abuse de cores, colagens, adesivos e molduras nas fotos! Todos têm a capacidade de criar, e quanto mais usamos a criatividade, mais ativamos essa qualidade. Seja curioso e observe o mundo a sua volta – essa é uma importante fonte de inspiração. Ouse, seja corajoso, invente, inove!

3. PARÂMETROS PARA UM BOM ÁLBUM

O que registrar

Não há um roteiro fixo a ser seguido na elaboração do álbum. O melhor é utilizar os assuntos que vão surgindo na interação com a criança ou adolescente. Porém, depois de alguns meses de trabalho vale a pena ir observando se a riqueza de sua história está sendo registrada. Nesse sentido, caso ainda não tenham aparecido, alguns conteúdos podem ser estimulados. A ideia é que a maior parte dos conteúdos abaixo, após o período de trabalho, tenha sido abordada e esteja registrada.



Presente valioso

A Fernandinha chegou ao abrigo com meses. Todo mundo tinha paixão por ela ser o bebezinho da casa e sofremos quando foi embora. Mas a pessoa que adotou era muito legal. Então, ela foi à instituição para a festa de despedida e, quando recebeu o álbum, se emocionou. As crianças viram a sua felicidade e, enquanto ela ia folheando as páginas, mostravam: “Olha, esse aqui sou eu”.

Beatriz Carneiro

Colaboradora no Minha Casa

Sobre a criança ou adolescente

- Nome completo
- Data de nascimento
- Local de nascimento
- Fórum no qual está seu processo
- Fotos atuais e antigas
- Suas preferências: brincadeiras, músicas, filmes, sites, passatempos, personagens, bandas, ídolos
- Relatos do seu modo de ser (qualidades, fragilidades, sentimentos)
- Linha do tempo com os momentos marcantes de sua vida, desde o nascimento até a data atual

Sobre a família

- Nome dos pais, irmãos e outros familiares
- Nome de vizinhos e amigos do local de origem
- Relatos sobre o modo de ser dos familiares, vizinhos e amigos
- Momentos marcantes vividos com a família
- Relatos sobre a casa e o bairro em que morava
- Aquilo de que sente saudade
- Fotos legendadas dos pais, irmãos e outros familiares

Sobre o projeto Fazendo Minha História

- Foto legendada do colaborador do Fazendo Minha História
- Contrato assinado entre a criança ou adolescente e o colaborador
- O que é o Fazendo Minha História (folder e esclarecimento)

Sobre o serviço de acolhimento

- Nome, telefone e endereço
- Fotos dos lugares preferidos no serviço de acolhimento
- Fotos legendadas dos educadores, técnicos, coordenador e demais profissionais
- Relatos e depoimentos dos educadores, técnicos, coordenador e demais profissionais
- Fotos legendadas das demais crianças e adolescentes que moram na casa
- Relatos e depoimentos das demais crianças e adolescentes que moram na casa
- Fotos das visitas familiares
- Os melhores amigos da casa
- Datas importantes (festas, Natal, aniversários, Dia das Crianças, etc.)
- Atividades desenvolvidas na casa
- Fotos e relatos de passeios externos
- Rotina da criança ou adolescente

Sobre a escola

- Nome e endereço
- Nome dos professores
- Série que cursa
- Atividades desenvolvidas na escola
- Eventos importantes (passeios, festas, etc.)
- Matérias preferidas
- Amigos da escola



Sobre o passado

- Fotos legendadas da criança ou adolescente quando mais novos
- Relatos dos primeiros anos de vida (quando começou a andar, falar, etc.)
- Relatos dos anos anteriores (fatos marcantes, mudanças significativas, etc.)
- Motivo de acolhimento
- Data de chegada no serviço de acolhimento, sensações e percepções desse momento
- Trajetória da família (pais e avós)
- Trajetória por outros serviços de acolhimento pelos quais passou, se houver

Sobre o futuro

- Projetos a curto prazo
- Sonhos: o que quero ser quando crescer, profissões, como me vejo no futuro, minha casa
- Perspectiva de desligamento do serviço de acolhimento (voltar a morar com a família, maioridade, adoção)
- Despedida (ao final da confecção do álbum ou diante do desligamento do serviço de acolhimento)

4. ILUSTRANDO HISTÓRIAS

Fotos, desenhos, colagens, objetos e os mais diversos documentos são ótimos recursos para ilustrar e narrar a história de vida das crianças e adolescentes. Quanto maior a diversidade de elementos, melhor! Como já foi dito, todas as imagens devem sempre ser acompanhadas de legendas, pois sem elas muitas informações serão perdidas com o passar do tempo.

No caso das fotos, é imprescindível escrever a data, o local, o acontecimento que foi retratado e o nome das pessoas que aparecem. No entanto, tão importante quanto as informações mais objetivas é a história que está guardada naquela foto, que merece ser contada. Muitas vezes, uma imagem é escolhida pelo jeito como foi tirada, pelo momento que representa ou por seu significado.

Nem todas as fotografias, desenhos e produções devem ir para o álbum. Na verdade, a seleção do conteúdo é um ponto-chave no trabalho. O participante vai aprendendo a escolher, a decidir o que quer ou não guardar e a pensar em reservar espaço para novas imagens. Normalmente, as crianças e os adolescentes costumam ter consigo poucas fotos sobre suas vivências passadas. Por isso, quando é possível, é importante convidar os familiares para reunir fotos antigas dos parentes e da casa para que elas passem a fazer parte do acervo da criança ou adolescente e possam ser coladas no álbum.

Muitas vezes, as próprias equipes do serviço de acolhimento fotografam as festas, os encontros e o dia a dia das crianças e adolescentes. Nesses casos, pode-se verificar se é possível imprimir cópias para compor o álbum com esses momentos significativos. Além das ocasiões marcantes, as cenas do dia a dia também merecem um belo registro, como as brincadeiras, a hora do almoço, do estudo e o ambiente do quarto. Nessa tarefa de fotografar, os profissionais da casa têm um papel essencial, pois muitas vezes apenas eles “flagram” certos momentos.

É importante ressaltar o cuidado necessário em relação ao uso das fotografias feitas durante o trabalho, pois elas pertencem à criança ou adolescente e têm como destinação exclusiva o registro no álbum, não podendo ser usadas com nenhuma outra finalidade por parte do colaborador, como a divulgação em mídias sociais. Há casos de segredo de justiça e precisamos ser muito cuidadosos.

A tiracolo

Quando vamos fazer uma visita para a família, levo a câmera para registrar também esse momento. Não só a vida da criança dentro do abrigo, mas também lá fora, com a família e nos passeios.

Maria das Graças F. d’Almeida

Mãe social, Lar 4 da Associação Maria Helen Drexel



AINDA BEBÊS

1. SOBRE A PRIMEIRA INFÂNCIA

A primeira infância é o momento, por excelência, da construção da identidade de um sujeito, que depende diretamente da qualidade das primeiras relações estabelecidas na vida de um bebê.

O desenvolvimento do bebê no primeiro trimestre de vida tem como condição fundamental a presença de um adulto que sustente sua sobrevivência física (por meio da alimentação e cuidados) e também psíquica (com afeto e palavras). Nos meses iniciais, o adulto, com sua presença constante, atende às necessidades básicas do bebê e, ao mesmo tempo, oferece seu rosto, seu colo e seu tom de voz à criança, de modo que ela vivencie experiências de satisfação corporal. No mesmo processo, o adulto aprende a distinguir as solicitações do bebê. Constitui um saber sobre o que supõe serem suas necessidades e, ao verbalizá-las, lhes dá uma existência que parece mais concreta.

Ao longo do segundo semestre de vida intensifica-se a busca do bebê, gerada por uma estimulação externa, por objetos do mundo que lhe despertam a curiosidade. Nesse momento, ele conquista as importantes habilidades de sentar, engatinhar e, em seguida, andar. Cada uma dessas aquisições possibilita que o bebê amplie sua percepção sensorial do mundo.

O adulto, por sua vez, vai agregando palavras às sensações experimentadas pelo bebê, nomeando-as e atribuindo-lhes sentidos. O que é dito ao bebê é por ele captado antes mesmo de adquirir a habilidade de verbalizar as palavras, inserindo-o na organização já existente do mundo. Nessa organização também está representada e instituída a história familiar desse bebê: a forma como foi gestado, concebido e desejado. Essas marcas estarão presentes na forma de recebê-lo, ou seja, ele já chega ao mundo atravessado por sua história.

Bebês que estão em serviços de acolhimento precisam do dobro da atenção e cuidado dos profissionais, pois são eles os responsáveis por lhes apresentar o mundo em que vivem. Os colaboradores também serão pessoas importantes, que vão estabelecer vínculos com essas crianças na primeira infância e testemunhar um período importante de sua vida.

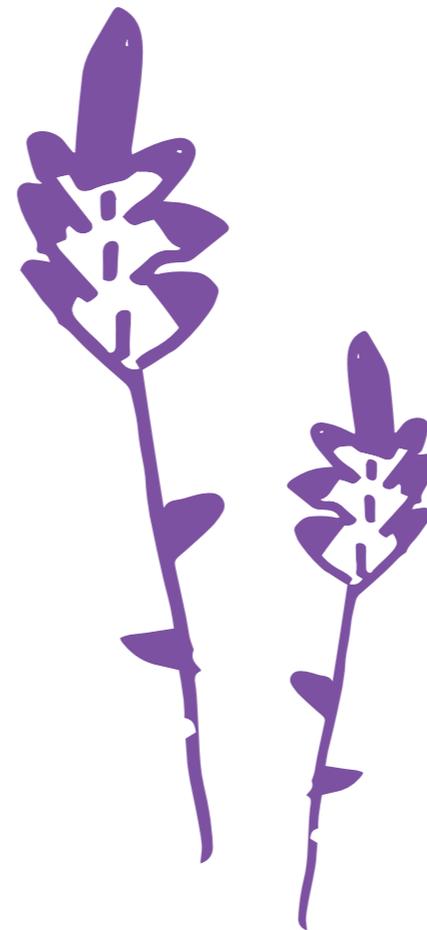
2. FAZENDO MINHA HISTÓRIA COM BEBÊS

Observação ativa do bebê

Desde que nasce, o bebê já demonstra suas preferências e gostos, que são expressos de formas sutis. A observação atenta do bebê é um ótimo modo de conhecê-lo e criar vínculo. Observar os objetos com os quais gosta de brincar, seus movimentos corporais, temperamento, o que lhe agrada ou desagrada é uma maneira de o colaborador ir se aproximando dele durante os encontros. Mesmo sem falar, *os bebês expressam suas vontades e desejos!* É muito importante estar atento a essas manifestações para planejar os próximos encontros. Também é importante registrar no álbum as percepções que o colaborador tem a respeito do bebê.

Conversando com o bebê

Durante os encontros, o colaborador pode e deve conversar com o bebê. A linguagem adulta ajuda a dar sentido ao que está acontecendo com ele. Dessa forma, o mundo vai sendo apresentando à criança: “Olha aquela árvore”, “Você viu aquele passarinho?”, “Esta cor é o vermelho”. Deve-se nomear tudo o que será feito com o bebê, antecipando o que virá. Por exemplo: “Vou te pegar no colo para tirarmos uma fotografia”, “Agora vamos para a biblioteca escolher um livro para ler”. Tudo deve ser dito. Uma vez que tudo o que acontece e sente são novidades para ele,



também é necessário acolher e nomear suas próprias reações e sentimentos, como medo, desconforto, alegria, tristeza. É desse modo que o bebê vai conhecendo o mundo e a ele mesmo.

Criando ritos

Desde pequenas, as crianças entendem melhor a presença do colaborador se o encontro for marcado pela delimitação de um espaço físico. Definir um mesmo lugar para a maioria das atividades, com um tapetinho bonito ou uma canga, almofadas ou algo que circunscreva o espaço, ajuda a criar um território. Outra maneira de marcar a visita é criar um “ritual” de chegada e despedida. Pode haver, por exemplo, uma mesma música para iniciar o encontro, uma massagem sempre igual, um mesmo livro lido ou outras maneiras de ritualizar o momento. Esses ritos de chegadas e despedidas dão segurança ao bebê, que já sabe o que virá e espera o momento do encontro.

Música

A música é um enorme facilitador na relação com bebês. Todo bebê gosta de ouvir músicas calmas e melódicas. Cantigas infantis, como *Nana, nenê* ou *Atirei o pau no gato*, também são muito valiosas e apreciadas, pois o bebê se familiariza com as palavras pela repetição constante, além de proporcionar contato próximo e prazeroso com adultos. Quando o bebê já anda, brincar de cantigas de roda pode ser uma forma de abrir ou fechar os encontros.

Massagem

A massagem oferece uma profunda estimulação sensorial da pele e dos órgãos de forma sutil e possibilita que o bebê reconheça o contorno do próprio corpo. Pode

ser utilizada como um modo de acalmar e relaxar os bebês nos encontros. Um momento que costuma ser favorável à massagem é o final do encontro, como forma de fechamento e despedida.

O adulto deve “pedir permissão” para tocar o bebê e respeitar seu ritmo, estar atento às respostas corporais manifestadas por ele e estabelecer uma comunicação verbal e visual que permita ao bebê sentir-se seguro e acolhido nesse momento.

Para qualquer técnica de massagem utilizada é fundamental que o bebê sintase bem enquanto é tocado. Como nem todos os bebês aceitam a massagem da mesma forma, e um mesmo bebê pode responder a ela de maneira diferente de acordo com seu estado de espírito ou pessoa que o toca, o mais importante é respeitar o que o corpo do bebê nos sinaliza no momento em que iniciamos a massagem. Se ele não quiser ser massageado, não há motivo para dar prosseguimento à atividade. A massagem deve ser um momento de prazer para o bebê e para o “massagista”, não uma obrigação.

Outras sugestões para os encontros

O principal do trabalho com o bebê é estar com ele, pegá-lo no colo, conversar e brincar. Seguem-se algumas atividades para realizar durante os encontros:

- Deixar o bebê explorar papéis com cores e texturas diversas. Se ele já andar, deixar que pise em uma lixa fina e em um pedaço de tecido, por exemplo. Tocar no papel camurça, ver seu reflexo no papel espelho, amassar papel crepom, brincar com plástico-bolha e atividades semelhantes. Esses elementos podem ser colados no álbum, como cenário, complemento, decoração.
- Fazer atividades que tragam experiências sensoriais diferentes, como colocar algo bem macio em sua mão e depois algo áspero ou brincar com quente e frio.
- Brincar de esconder o bebê com um paninho e achar. Depois inverter e o colaborador se esconder.



- Brincar de jogar objetos longe e depois devolvê-los.
- Fazer bolinhas de sabão.
- Mostrar o bebê no espelho.
- Brincar com cores e contrastes.
- Levar panos de diferentes tamanhos e estampas.
- Colocar à disposição do bebê alguns brinquedos e ver por qual ele se interessa mais.
- Tirar as medidas do bebê com um barbante e colocar dentro de um envelope colado no álbum.
- Cortar um pedacinho de cabelo e colocar dentro de um envelope colado no álbum.
- Oferecer material gráfico para o bebê explorar: giz de cera, tintas, lápis de cor, papéis diversos.
- Fazer chocalhos com sucata, utilizando arroz e feijão para criar sons diferentes.
- Levar caixas de papelão de diversos tamanhos e deixar o bebê entrar e sair delas.
- Levar caixas pequenas, baldes e bacias e brincar com um pouco de água.
- Fazer massinha com farinha de trigo.
- Passear pela casa nomeando os lugares.

3. MEDIAÇÃO DE LEITURA COM BEBÊS

O bebê conhece o mundo através dos objetos, sons, cores, texturas e sensações que lhes são apresentados pelos adultos, desde antes da aquisição formal da linguagem. Essa apresentação inicial do mundo é fundamental para que ele possa se tornar, no futuro, um sujeito independente e seguro. Os livros são um veículo de apreensão e exploração desse mundo. Aos poucos, o bebê passa a explorar esse veículo por contato físico e sensorial, colocando-o na boca, explorando suas texturas, cores e sons, brincando e se divertindo.

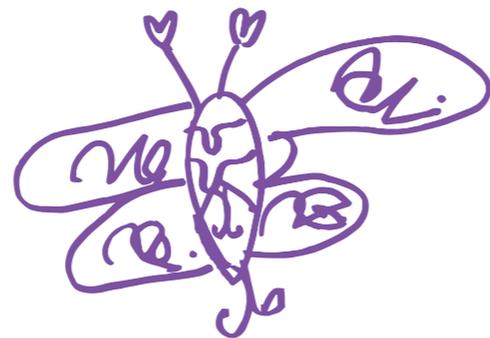
A apresentação dos livros para os bebês pode ser feita pela mediação de leitura. A comunicação com um bebê que ainda está se inserindo no universo da linguagem passa por outros canais que não apenas as palavras. Ao ler uma história para um bebê, o adulto pode fazer mudanças em seu tom de voz, expressão facial e atitude corporal. Esse contato imprime um registro sensível para o bebê e o ajuda a compreender o outro. Essa é uma das grandes diferenças entre o trabalho de mediação de leitura com bebês e crianças maiores e adultos: aqui, o mediador atua mais, tem maior importância.

Cada bebê manifesta reações peculiares diante da apresentação de imagens e da narração de histórias. A observação dessas manifestações pode ajudar a compreendê-lo. Se o adulto reconhecer as manifestações do bebê e acolhê-las, o bebê ganha confiança e segurança nos próprios sentimentos.

A literatura faz parte da cultura na qual o bebê está inserido e deve ser introduzida o mais cedo possível como forma de apresentar o mundo e ser um estímulo ao gosto pelos livros e pela linguagem. É importante levar em consideração as preferências do bebê por determinadas histórias e a maneira como ele se comporta diante dos livros.

Para os bebês, normalmente não é o enredo que faz com que um livro seja mais ou menos interessante, mas outros aspectos – como a sonoridade, a melodia, como ele ressoa em seus ouvidos. Por isso, livros que têm um ritmo constante, rimas e poesias costumam encantá-los. Outro aspecto que parece encantar os bebês é o tamanho dos livros. Para alguns, livros gigantes são maravilhosos; para outros, a maioria, livros pequenos, que caibam em suas mãos, chamam mais a atenção.

Os livros para bebês devem ser coloridos, macios, resistentes e interessantes. O bebê pode ganhar autonomia ao explorá-los livremente. Os livros que contêm narrativas mais elaboradas também podem ser utilizados, mas devem ser escolhidos com cuidado pelos adultos, buscando-se temas relevantes e acessíveis ao



mundo dos bebês. Nesses casos, serão apresentados através da mediação de leitura. Os livros que contêm imagens grandes e que saltam das páginas também costumam encantá-los, mas devem ser manipulados pelos adultos, pois se rasgam facilmente, o que pode gerar frustração e deixar os livros com um aspecto negativo. A criança não nasce sabendo como cuidar dos livros; cabe aos adultos ensiná-los, ser referência e mediar o contato com eles sempre que necessário.

É importante que os livros sejam oferecidos aos poucos, de maneira que o bebê possa explorar demorada e livremente cada um deles. Pode-se ler uma pequena história como as da coleção *Quem mora, Bolinha, Ninoca ou Guga, a tartaruga*, entre outras. Alguns desses livros têm o conteúdo apropriado para bebês, mas podem rasgar-se facilmente. Nesses casos, o adulto deve manipular o livro e acompanhar a criança quando ela for fazê-lo.

É necessário estar atento aos pedidos das crianças, que podem ser feitos por meio de gestos ou da fala. Se outro adulto estiver junto no momento do encontro, como um educador da casa, pode-se convidá-lo a observar as reações do bebê diante das imagens do livro e verificar se há alguma reação especial em determinados momentos da leitura.

4. CONSTRUÇÃO DO ÁLBUM DO BEBÊ

A história do bebê é preciosa e não estará registrada em sua memória consciente, já que são raras as lembranças dessa etapa da vida. A elaboração do álbum é um presente para o bebê, que terá registrados momentos importantes de sua vida, podendo ter acesso a eles sempre que quiser saber mais sobre sua infância. A proposta é registrar todas as informações que os pais costumam colocar no álbum de seus filhos pequenos: peso, tamanho, cor do cabelo, olhos, o brinquedo favorito, a comida preferida, a cor que chama mais sua atenção, etc. As informações sobre seu

desenvolvimento e como ele interage com o mundo a seu redor também são muito significativas. O colaborador deve registrar as reações, descobertas e características observadas no bebê durante os encontros. Tirar fotos mês a mês e fazer legendas sobre elas é uma ótima maneira de documentar esse período de vida da criança.

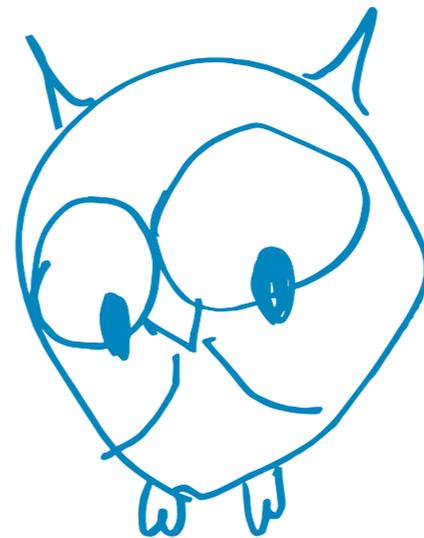
Cada bebê é único, e precisamos garantir o registro detalhado de seu jeito de ser e particularidades. É fundamental para o sucesso do trabalho que o colaborador estabeleça uma relação próxima e saudável com os profissionais da casa. São eles que cuidam do bebê, passam a maior parte do tempo com ele e testemunham seu desenvolvimento, seu sono, sua alimentação, suas conquistas. Pode-se criar o hábito de perguntar como o bebê passou a semana, se alguma coisa diferente aconteceu e, sempre que algo for significativo, não deixar de registrar.

É importante dedicar um espaço especial no álbum para os profissionais que cuidam diretamente do bebê, figuras de referência para ele durante o período de acolhimento. Uma sugestão é, de tempos em tempos, convidar cada um para participar de um encontro, ver o álbum, tirar fotos com o bebê e escrever um depoimento para ele. Isso possibilitará que no futuro a criança saiba quem cuidou dela quando bebê.

Há ainda outras formas de incluir os profissionais da casa no processo de elaboração dos álbuns:

- tirar fotografias do bebê em diversos momentos e situações;
- escrever depoimentos com as impressões, reflexões, apostas e sonhos para ele;
- registrar constantemente sua rotina e pequenas conquistas;
- buscar e compartilhar informações sobre a história do bebê.

O colaborador deve planejar bem em que momento fará os registros no álbum.



Eles podem ser feitos no próprio serviço de acolhimento, reservando para isso parte do tempo do encontro com o bebê, ou podem ser feitos em casa, em folhas soltas que depois são coladas no álbum. Eventualmente o colaborador pode levar o álbum para sua casa, para fazê-lo com mais tempo e capricho. Isso, porém, é exceção, pois o álbum deve permanecer na casa.

O bebê também pode e deve participar da construção de seu álbum, da maneira que for possível. Sugerimos que o colaborador, desde o início, apresente o álbum para o bebê, conte o que será feito e, semanalmente, mostre e leia as páginas para ele. Além disso, é muito bacana que o álbum tenha a “cara” dele, com registros feitos por ele: marquinhos das mãos e dos pés com tinta ou desenhos com giz do contorno do corpo.

A linguagem utilizada para escrever no álbum do bebê é sempre em terceira pessoa, não em primeira. Nenhum adulto pode afirmar algo pelo bebê. Na verdade, cada um cria hipóteses que dão sentido aos comportamentos do bebê, mas não há certeza absoluta, já que ele não pode nos contar diretamente o que está pensando ou sentindo. Além disso, pode ser confuso para esse bebê, quando for maior, ler um relato escrito em primeira pessoa como se ele tivesse escrito aquilo: “Fui eu quem disse isso? Mas eu era tão pequeno nessa época! Quem escreveu isso?”. Um bom jeito de escrever é usar expressões como “parece que”, “eu tenho a impressão de que” e contar, se necessário, quem escreveu.

Por fim, não podemos esquecer que os bebês têm uma história anterior ao acolhimento, uma família, ainda que se saiba pouco ou nada a respeito. Por ainda não falarem e não formularem perguntas sobre a própria história, não temos acesso àquilo que eles gostariam de saber a respeito de si mesmos, mas sabemos que garantir registros cuidadosos sobre isso é fundamental, além de um direito de toda criança.

Para fazer isso, o colaborador precisa conhecer a história do bebê perguntando à equipe de profissionais da casa. Por que ele foi acolhido? Onde estão seus pais? Como foi sua chegada no serviço? Quem são seus irmãos e familiares? Quais os planos para ele?

Além desses, outros dados relevantes sobre seu passado devem ter lugar no álbum, pois podem “sumir” de sua vida. Porém, é essencial refletir cuidadosamente sobre o que registrar, como registrar e para que registrar. A cada idade, conforme as crianças vão se expressando verbalmente, elas demonstram um nível de compreensão diverso. É importante que o colaborador acompanhe esse ritmo, utilizando uma linguagem adequada. A técnica do FMH ou a dupla gestora do projeto na casa podem ajudar nesses registros.

Temas específicos para os registros

No caso dos bebês, há temas cujo registro no álbum é fundamental, além dos já descritos na página 50. Veja alguns deles a seguir.

GRAVIDEZ *(dados a serem coletados com mãe, quando possível, ou com outros adultos)*

- Quando descobriu que estava grávida? Como foi?
- Como foi quando descobriu o sexo do bebê?
- Como foi a escolha do nome?
- Como, onde e quando foi o parto?

ACONTECIMENTOS

- Como foi o primeiro banho ou o primeiro banho na casa: quem deu esse banho, como o bebê reagiu (se souberem, quando caiu o umbigo).



- Pequenos acontecimentos: sorriu involuntariamente, chupou o dedo, segurou um dedo que lhe foi oferecido, olhou algo atentamente, aceitou a chupeta, riu pela primeira vez, levantou a cabeça quando de bruços, virou a cabeça quando falaram com ele, ouviu atentamente uma canção, fixou o olhar num brinquedo, descobriu como é bom tomar banho, se machucou, dançou, estendeu a mão para pegar algo, respondeu a um sorriso.
- Grandes acontecimentos: comeu a primeira fruta, virou-se sozinho na cama, comeu a primeira papinha, sustentou-se com a ajuda de alguém, arrastou-se pelo chão, sentou-se sozinho, engatinhou, reconheceu os adultos que cuidam dele, estranhou alguém, brincou com um brinquedo, observou-se no espelho, demonstrou interesse por outra criança, segurou a mamadeira, bateu palminhas, ficou de pé segurando-se em algo.
- Primeiros passos: quando deu os primeiros passos com ajuda, quando andou sozinho e como foi.
- O primeiro dentinho: quem viu, as reações do bebê.
- Primeiros sons, primeiras palavras e primeiras frases: o que gosta de repetir, situações engraçadas.
- O primeiro Natal na casa: como foi, quem estava junto, se gostou ou não.
- O primeiro aniversário: quem comemorou junto, quem compareceu, como foi a comemoração, que presentes ganhou.
- O primeiro passeio: quem estava junto, para onde foi, como estava o dia, como foi a reação.
- As primeiras travessuras.
- Desenvolvimento e crescimento: idas ao pediatra, as medidas e fotos. Uma ideia é fazer uma fita métrica com papel colorido e anexar no álbum.

O TRABALHO COM ADOLESCENTES

1. SOBRE A ADOLESCÊNCIA

Adolescer, em latim, significa “nascer”, “brotar”, “crescer”, “fortificar-se”, ultrapassar a idade da tutela e tornar-se maior.

É difícil definir com exatidão o início e o final da adolescência. A Organização Mundial da Saúde estipula que essa fase vai dos 10 aos 20 anos. No Brasil, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, a adolescência é considerada o período entre os 12 e os 18 anos de idade.

A adolescência se caracteriza por ser um período da vida marcado por mudanças significativas e intensas. Nessa fase acontecem algumas perdas e transformações importantes que modificam o modo como o jovem se reconhece e se coloca no mundo. Perde-se o corpo da infância e ganha-se um novo corpo, que traz diversas implicações e efeitos. Diferentemente do que ocorre na infância, os adultos de referência são agora vistos como aqueles que falham, que não são mais tão poderosos, e começam a ser questionados e criticados. Alguns sonhos se perdem, uma vez que aquilo que parecia garantido agora precisa ser batalhado. Os desejos passam a ser confrontados com os limites da realidade e de si mesmo.

Essas perdas e transformações convocam o jovem a dar novos sentidos e significados para o próprio corpo, para os laços sociais e para as relações de que faz parte. Nesse período também é preciso fazer escolhas, tanto pessoais como profissionais, e o desenvolvimento de uma nova identidade aparece como questão central. É o momento de o jovem vislumbrar quem é e o que se tornará adiante, de acordo com bases mais realistas. Nesse caminho, torna-se necessário se reposicionar diante da vida e dos valores.

Trata-se, portanto, de um tempo de intenso trabalho emocional, no qual sentimentos como angústia, incerteza e solidão permeiam o modo como o adolescente

se manifesta, na busca de seu lugar no mundo. Nesse movimento, é importante buscar novas experiências e referências fora do núcleo familiar e do acolhimento. O grupo de amigos, as tribos e as relações amorosas tornam-se referências fundamentais, pois nelas o adolescente encontra sensação de pertencimento, de identificação, igualdade e aceitação.

Ao mesmo tempo, é comum o desejo de testar tudo e todos, desafiando tanto a autoridade dos adultos como os próprios limites individuais. É geralmente por meio da oposição que o adolescente constrói sua identidade. A descoberta do que “não sou” é um grande passo e precede a definição de “quem sou”. A adolescência é, sobretudo, um tempo de resgate da própria história. Com base nela se torna possível ressignificar, transgredir ou identificar-se com os valores e significados de sua origem, bem como construir e escrever uma história futura.

Os comportamentos “indesejáveis” do adolescente, como bater a porta, gritar, mentir, xingar ou fugir, são, além de manifestações de oposição, formas de comunicação. Quando o adulto entende tais atitudes como enfrentamentos pessoais, não ajuda o adolescente. Quando as ignora, é como se os atos do adolescente não produzissem efeitos no mundo, e a tendência é que ele se imponha, buscando atos de maior impacto. É preciso validar os eventos como algo que causa um efeito no outro e no mundo, muitas vezes indesejável, mas sem responder ao fato de forma pessoal ou agressiva. É importante tentar entender o sentido desses comportamentos, ter uma resposta adequada e reafirmar as regras de convivência. Acompanhar os movimentos dos adolescentes implica para os adultos a responsabilidade de transmitir valores, baseados numa posição ética, coerente com suas ações e falas diante do jovem.

O adolescente, portanto, vive um período fundamental em seu desenvolvimento e precisa de tempo e proteção para que seus ensaios e experimentações não antecipem definições precoces sobre seu caráter ou modo de ser.



2. FAZENDO MINHA HISTÓRIA COM ADOLESCENTES

O Fazendo Minha História garante para os adolescentes um espaço privilegiado de expressão e elaboração desse momento em que vivem. Na medida em que os encontros se realizam e se constrói um vínculo com o colaborador, configurando-se como um espaço seguro e confiável, o adolescente encontra uma oportunidade valiosa para expressar suas dúvidas e conflitos, experimentar novos modos de se comportar e de se relacionar, exercer a oposição e falar sobre seus projetos.

A maneira como cada adolescente se envolve com o projeto é muito particular. Alguns dizem já no primeiro encontro que não querem participar ou que não gostam de ler. Quando isso acontece, é fundamental que os adultos, além de entenderem a oposição como parte do desenvolvimento e afirmação da identidade, tenham segurança para lidar com o ritmo de cada um e sejam compreensivos com as escolhas dos adolescentes.

Cada encontro com o adolescente vai dando dicas ao colaborador sobre o que é interessante trabalhar. O planejamento do adulto deve levar em consideração os pedidos implícitos e explícitos de temas e atividades. Projeto de vida, sonhos, relações afetivas, sexualidade são temas que surgem com mais intensidade nesse momento da vida. Além disso, é uma boa ideia utilizar outros recursos além do álbum e dos livros para ampliar as possibilidades de expressão e de vínculo com o jovem: internet, biografias, crônicas, revistas, jornal e letras de música são alguns exemplos.

Para realizar um bom trabalho, que de fato promova um espaço de elaboração da história e construção de identidade, é muito importante que o colaborador reconheça e valorize explicitamente as potencialidades do adolescente. A aposta verdadeira no potencial do adolescente favorece o exercício do protagonismo na construção de suas escolhas.

3. MEDIAÇÃO DE LEITURA COM ADOLESCENTES

Propor mediação de leitura para adolescentes é um desafio! Frases do tipo “eles não se interessam pelos livros” ou “nem adianta oferecer uma leitura para eles” são muito comuns quando conversamos com adultos que lidam cotidianamente com os jovens. E, de fato, muitas vezes quando o assunto é a leitura, em especial para adolescentes com histórico de fracasso escolar, logo de cara surgem reações negativas e olhares de reprovação.

Alguns adultos ficam apenas com essa primeira reação – que, por vezes, não é fácil enfrentar –, concluem que é “impossível fazer mediação com adolescentes!” e param por aí. Outros adultos aceitam encarar o desafio, aventurar-se na desconstrução dessa situação, ou ao menos se propõem a tentar compreendê-la.

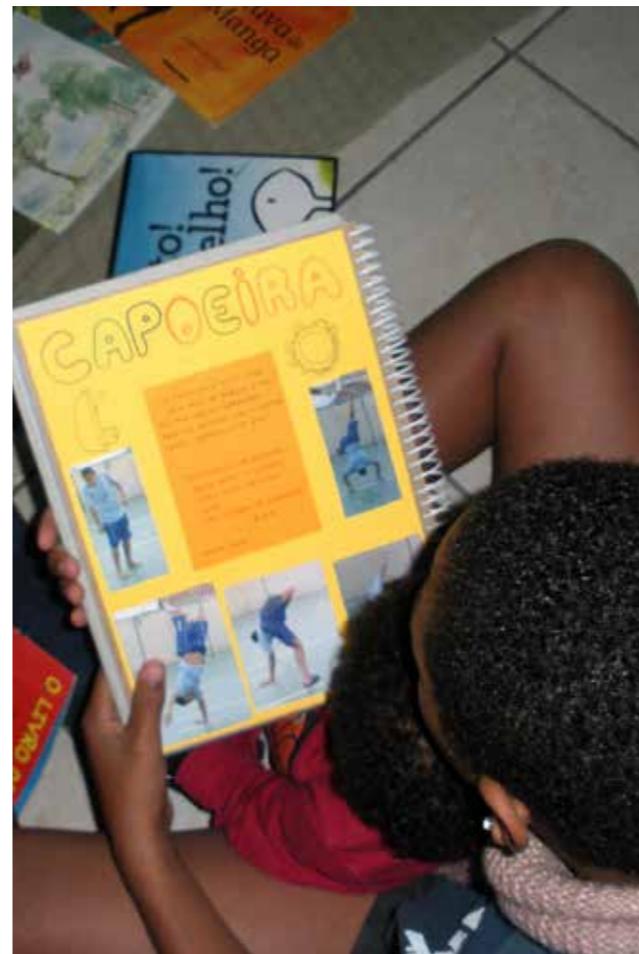
O adolescente de hoje, imerso em uma sociedade tecnológica e globalizada, tem um jeito de lidar com as informações que difere da forma do adulto. Essa importante diferença entre gerações deve ser levada em consideração no momento da avaliação da proposta de mediação. O desinteresse do jovem pela leitura pode ser uma interpretação simplista do adulto sobre o modo como o adolescente de hoje incorpora conteúdos a sua volta.

Um aspecto fundamental no momento de propor uma mediação de leitura é ter títulos bastante variados, incluindo os que em princípio são considerados para crianças pequenas e bebês, interativos e cheios de ilustrações. Os adolescentes podem surpreender com as escolhas de livros para ler e conhecer. Além dos títulos infantis, é essencial ter livros que abordem temas mais próximos do universo deles, como sexualidade e projeto de vida, bem como títulos com projeto gráfico e “formato” mais voltados para adultos.

Para compreender as reações dos adolescentes, é importante que os adultos se recordem de como eles eram na adolescência. Parte do desafio de propor mediação

Quando vi minha colaboradora Ana pela primeira vez, fiquei um tanto surpresa. Tinha imaginado uma aparência diferente, porque não conhecia nenhuma voluntária, e fiz meu prejuízo. Pode ser antiético falar o que eu achava dela nos primeiros encontros, mas acho importante contar, para que vocês concluam o quanto ela é importante para mim. Eu achava que ela era uma mera “perua”, que não tinha nada a fazer e que tentava gastar seu tempo comigo. Eu me sentia um objeto, mas mesmo assim, quanto mais tempo ficava com ela, mais eu gostava. Fazíamos recortes, víamos as fotos, conversávamos... Com o tempo, tudo foi mudando e finalmente percebi que eu estava totalmente errada! Mudei minha percepção e consegui me abrir totalmente para Ana. Contava meus medos, meus erros, minhas paixões, enfim, tudo! E assim foi...

Trecho do depoimento Patrícia (“Essa é a nossa história”, p. 138)



de leitura para essa faixa etária provém de características inerentes a essa fase da vida. Adolescentes raramente aceitam com facilidade propostas que vêm dos adultos. Eles se opõem, mostram que têm personalidade, que sabem o que é bom para eles e que não são mais crianças. Toda essa reação, comum na adolescência, vem misturada com uma boa dose de tédio que contamina as atividades rotineiras. E na hora da mediação de leitura não é diferente.

Vale incluir na mediação outros tipos de livros, como guias culturais ou de profissões, que estimulam conversas interessantes sobre a apropriação da cidade, a autonomia e projetos futuros. Materiais variados (jornal, revista, livro) sobre signos e significado dos nomes também são interessantes e levam a conversas a respeito da identidade e modo de ser de cada um. Podem-se ler também biografias de personagens que interessem aos adolescentes, poemas, histórias em quadrinhos e mangás.

É, portanto, essencial que os adultos estejam abertos aos questionamentos dos jovens quando pretendem fazer da leitura um momento de prazer.

O livro *Solta a voz, Rafael*, escrito por um adolescente acolhido em instituição, com sua narrativa um tanto confusa (do ponto de vista do adulto), misturando o tempo passado com o presente, letras de música e poesia, é um exemplo de título que, em virtude de sua forma e conteúdo dinâmico, gera bastante interesse nos adolescentes acolhidos.

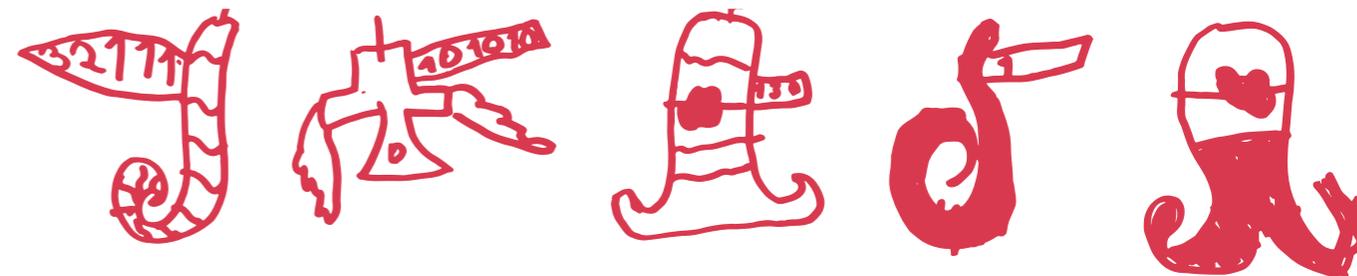
Por fim, é necessário ressaltar a importância de os adolescentes se sentirem potentes e capazes de oferecer algo de bom à comunidade em que vivem, especialmente os que moram em serviços de acolhimento e que estão acostumados a apenas receber coisas. Com a mediação de leitura, atribuindo-lhes o papel de mediadores para crianças menores, os jovens têm a oportunidade de assumir uma função significativa e valorizada na casa. Propor e incentivar essa atividade é uma forma interessante de motivá-los e colocá-los em um lugar de importância, promovendo um contato lúdico e prazeroso com os livros.

CARDÁPIO DE ATIVIDADES

A organização de atividades para os encontros do Fazendo Minha História favorece o desenvolvimento dos objetivos do projeto. O colaborador deve sempre ter em mente os três aspectos que compõem o triângulo metodológico do projeto: livros, álbum e vínculo. Com isso em vista, não há regras específicas ou receita pronta para a realização dos encontros, que podem ganhar as mais diversas configurações de acordo com a relação estabelecida com cada criança ou adolescente.

O encontro é, antes de tudo, um momento de expressão. Por isso, além da construção de registros e da leitura de livros, podem acontecer outras atividades. As brincadeiras, por exemplo, são momentos divertidos que permitem a lembrança e elaboração de histórias de maneira muito natural para a criança, e que podem e devem ser registradas no álbum.

A seguir, sugerimos uma série de atividades que podem ajudar no planejamento das ações. Certamente, cada colaborador também trará novas ideias com base em sua bagagem pessoal e nas situações vividas a cada semana.



1. PROPOSTAS PARA OS ENCONTROS

A VERDADEIRA HISTÓRIA

Material: Livro *A verdadeira história dos três porquinhos*.

Vamos lá: Leia a história e proponha uma reflexão. Será que essa história do lobo é verdadeira? Será que as narrativas não parecem diferentes quando contadas por pessoas diferentes? Tente buscar uma história da vida da criança ou adolescente que também possa ter diferentes versões. Converse sobre o mundo das diferenças como algo possível, real e importante.

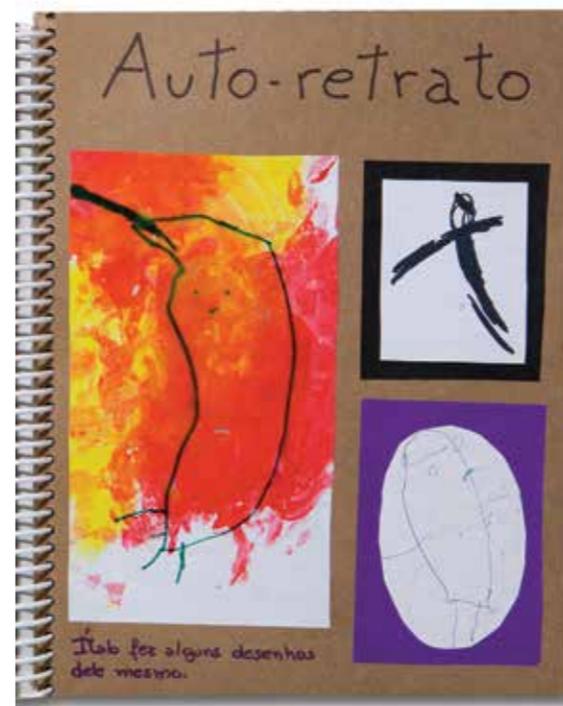
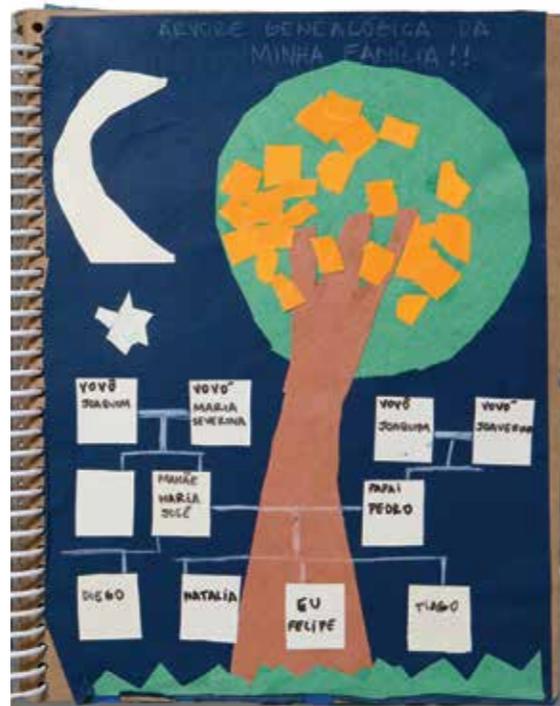
Sabe por quê? Muitas vezes as histórias são contadas por alguém de um jeito e vividas e sentidas por outras pessoas de outro jeito. Isso é normal e importante. Afinal de contas, cada pessoa tem um modo de enxergar o mundo conforme suas experiências anteriores. É bom poder ver que não há uma verdade única a respeito das coisas, mas várias possibilidades de vivência de uma mesma situação.

ÁRVORE GENEALÓGICA

Material: Lápis de cor, canetinha ou giz de cera e papel sulfite.

Livros sugeridos: *O livro da família; Os tesouros de Monifa; Avó; Avô.*

Vamos lá: Desenhe uma árvore. Dentro da copa escreva o nome das pessoas da família da criança ou adolescente de cima para baixo, começando pelo nome dos avós maternos de um lado e paternos do outro. Siga essa divisão e, em seguida, escreva embaixo o nome dos pais e tios, mais embaixo os dos irmãos e primos, e



assim por diante. Não há problema se não souber todos os nomes. Sempre é importante deixar o lugar desses parentes na árvore. Pesquise com bastante cuidado para obter mais informações com os profissionais do serviço e familiares da criança ou adolescente.

Sabe por quê? É importante que a criança e o adolescente saibam e tenham registrado no álbum quem são as pessoas que compõem sua família. É claro que, no caso daquelas sobre as quais não se tem praticamente nenhuma informação, a atividade deve ser repensada. Essa é uma excelente maneira de envolver a família no projeto. Às vezes um tio ou tia podem trazer muitas informações.

CADA UM É UM

Material: Lápis de cor, canetinha ou giz de cera e papel sulfite.

Livros sugeridos: *Belinda, a bailarina; Ledazeda; O ponto; Cabumm; Ana e Ana; Orelhas de mariposa.*

Vamos lá: Na frente do espelho, descreva-se detalhadamente e peça para a criança ou adolescente se descrever também, dizendo a cor dos olhos, cabelo, altura, etc. Converse sobre a descrição de cada um, sobre as semelhanças e diferenças. Depois, convide-a a fazer um desenho de si mesma.

Sabe por quê? Essa atividade permite que a criança ou o adolescente olhem para si mesmos, além de possibilitar a percepção sobre semelhanças e diferenças entre as pessoas. Trata-se, acima de tudo, de uma atividade de autopercepção.

CASINHA FELIZ

Material: Livro *O trem da amizade*, cartolina colorida, cola, tesoura e fotos das pessoas que moram na casa.

Vamos lá: O livro serve como aquecimento para a atividade. Utilize cartolinas coloridas para fazer a casa. Conte quantas pessoas moram lá e recorte o mesmo número de janelas. Dentro de cada janela cole a foto de uma pessoa, até que todas estejam lá. Quando tudo estiver pronto e todos estiverem representados, cole a casa no álbum.

Sabe por quê? É importante que a criança ou o adolescente tenham registrado em seu álbum quem são as pessoas que moram com eles neste momento de sua vida.

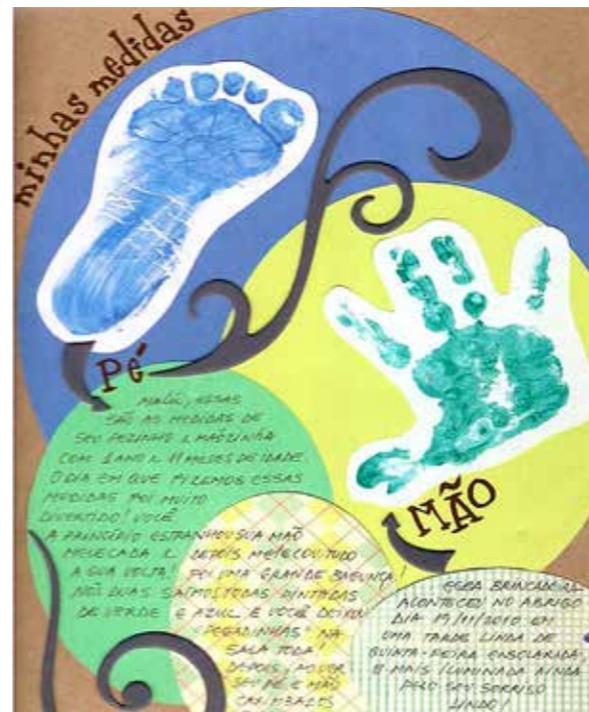
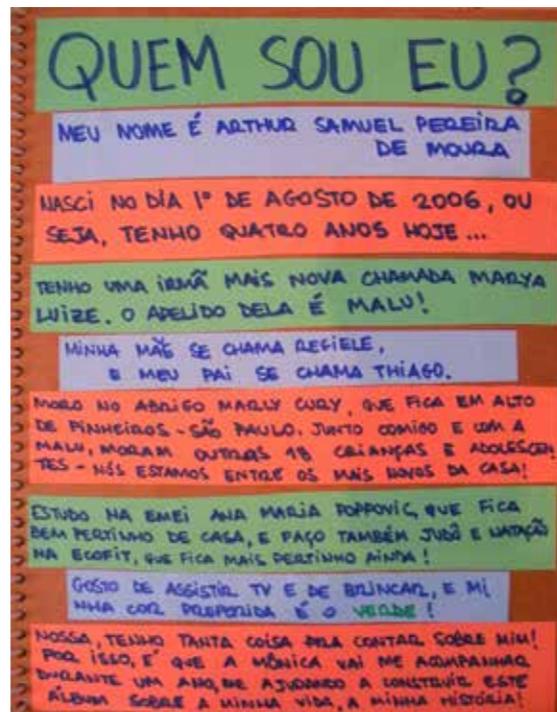
CARTEIRA DE IDENTIDADE

Material: Papel e lápis.

Livros sugeridos: *Rápido como um gafanhoto*; *Lilás, uma menina diferente*; *Tudo bem ser diferente*.

Vamos lá: Proponha à criança ou ao adolescente que façam sua “carteira de identidade” escrita, registrando algumas informações importantes, como:

- Eu me chamo:
- Gosto de ser chamado de:
- O que eu mais gosto em mim:
- Meu endereço atual é:
- O que eu mais gosto de comer é:
- Detesto quando alguém:



- Adoro quando alguém:
- Minha cor preferida é:
- O animal de que mais gosto é:
- Gosto de brincar de:

Sabe por quê? É necessário que toda pessoa possa olhar para si mesma e perceber aquilo que lhe pertence, suas características, gostos e desejos, e assim ir construindo sua identidade.

DESCOBRINDO AS MINHAS MEDIDAS

Material: Barbante e fita métrica.

Vamos lá: Use uma fita métrica para determinar o comprimento e explorar metros e centímetros do próprio corpo. Quanto meço hoje? Qual é a distância entre meu cotovelo e as pontas dos dedos da mão? Escreva em uma folha o que foi medido e cole o barbante junto. Sugestões:

- Da cintura ao chão.
- Do ombro às pontas dos dedos da mão.
- Do alto da cabeça ao queixo.
- Do alto da cabeça aos dedos do pé.

Outras medidas: As medidas também podem ser feitas usando unidades não padronizadas, como mãos e pés de outras crianças ou adultos. É possível determinar a altura também com as mãos, e assim dizer que a Adriana, por exemplo, tem o mesmo tamanho de sete mãos da Carolina. Anote a data, pois passado um tempo é possível repetir essa atividade e, com certeza, os resultados serão diferentes.

Sabe por quê? Esse é um modo de a criança ou adolescente se conectar melhor com o seu corpo e perceber seu desenvolvimento.

É HORA DE...

Material: Folha de sulfite, lápis de cor e canetinha.

Vamos lá: Dobre as folhas de papel, uma dentro da outra, até obter um livrinho de dez ou doze páginas. Grampeie. Pense junto com a criança ou adolescente as várias atividades realizadas diariamente durante a semana e como elas acontecem. Pergunte o que gosta e o que não gosta de fazer. Na página da esquerda, sugira que desenhe um relógio com os ponteiros mostrando as horas (se a criança for muito pequena, o colaborador terá que dar um auxílio maior). Na página da direita, escrevam (por exemplo) “É hora de levantar”. Como será que ela acorda? Bem disposta? Com mau humor, preguiça, fome? Vamos descobrir e registrar! É possível fazer um desenho dessa hora do dia, colar uma foto ou escrever algo. O livrinho será colado no álbum, relatando a rotina da criança ou adolescente em detalhes.

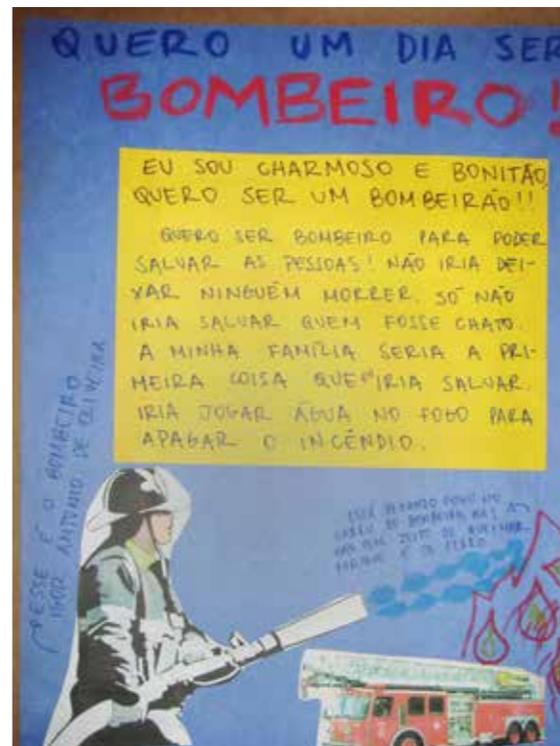
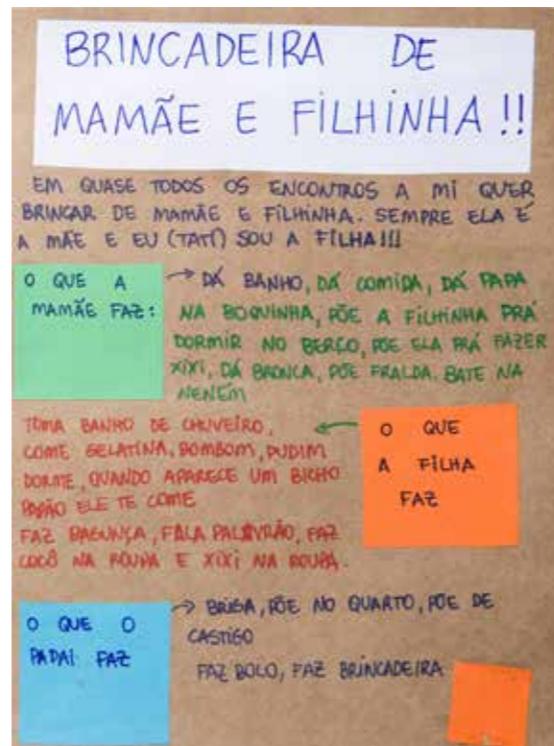
Sabe por quê? Essa pesquisa divertida dirá muito sobre a criança ou adolescente e suas características pessoais, que ficarão registradas no álbum.

HISTÓRIA ILUSTRADA

Material: Folha de sulfite, lápis de cor e canetinha.

Vamos lá: Diga à criança ou adolescente para fazer um desenho com tema livre. Quando terminar, peça que conte uma história sobre ele. Escreva a história inventada em uma folha à parte e, depois, leiam novamente.

Sabe por quê? Essa atividade estimula a criatividade e dá a possibilidade de a criança ou o adolescente falarem de si indiretamente.



IMAGENS RECORTADAS

Material: Imagens diversas recortadas de revistas

Vamos lá: Recorte imagens de revistas com diversas cenas e situações. Espalhe no chão e peça à criança ou adolescente que olhe atentamente cada uma delas. Depois de alguns minutos, peça que escolha uma ou mais imagens que tenham a ver com alguma característica sua. Comece então uma conversa sobre as histórias que surgem a partir das cenas. Uma variação possível dessa atividade é pedir que a criança ou adolescente invente histórias com base nas cenas escolhidas.

Sabe por quê? Ao observar cenas que ilustram situações cotidianas, as crianças e adolescentes podem se identificar com alguma delas, lembrar-se de suas histórias pessoais e abrir assim um espaço para compartilhamento.

IMPRESSÃO DIGITAL

Material: Almofada de carimbo com tintas coloridas, papel, lupa e o livro *Desenhando com os dedos*.

Vamos lá: Surprenda a criança com o fato de que não existem sequer duas impressões digitais iguais! Examine o dedo indicador dela e o seu e depois use carimbo ou tinta para fazer as impressões em uma folha de papel. Por fim, peça à criança que examine as impressões digitais com uma lupa. Só existe uma de cada tipo, pois cada pessoa é única. Com a impressão digital podem-se criar formas, animais e expressões, completando a atividade.

Sabe por quê? É muito importante para a criança entender que é única e diferente das outras. Vamos validar e saudar a singularidade!

JAMAIS ESQUECEREI

Material: Papel e caneta.

Vamos lá: Peça à criança ou adolescente que pense e relate um momento que foi muito importante em sua vida. Algumas lembranças são mais alegres, outras são mais tristes. Registre escrevendo junto com ela em uma folha de sulfite ou diretamente no álbum o que for compartilhado.

Sabe por quê? Essas lembranças são as memórias que constituem a história de cada um. É importante ter registrado tudo aquilo que marcou sua vida.

MEDO, MEDINHO, MEDÃO

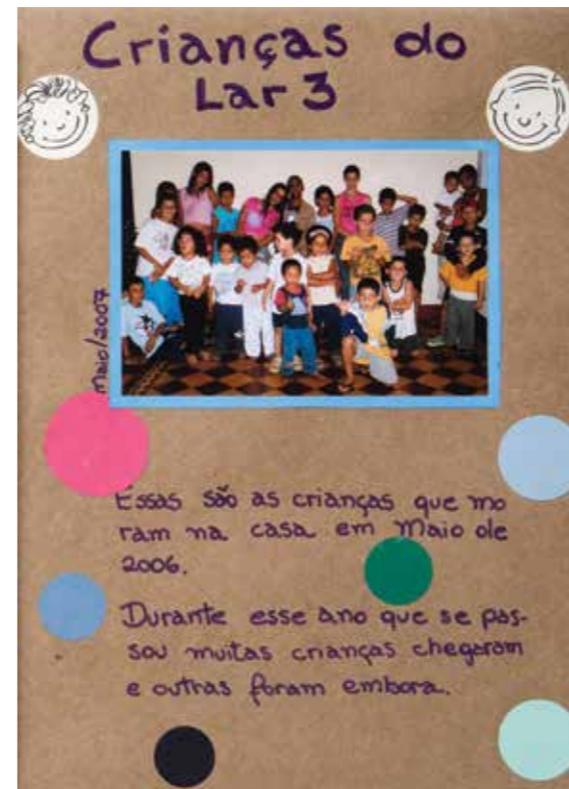
Material: Livro *Chapeuzinho Amarelo*, folha de sulfite, giz de cera e canetinha.

Vamos lá: Leia a história e, ao final, pergunte à criança ou ao adolescente de que eles têm medo, qual é o seu “lobo”. A partir daí, é só deixar fluir. A sugestão é criar a página do medo, que pode ser pintada com fundo de giz preto, e nela colar desenhos do que amedronta ou descrever os medos.

Sabe por quê? Os medos estão presentes na infância ou adolescência de diversas formas (bichos, monstros, escuridão, etc.) e é importante poder falar sobre eles.

NOME

Material: Lápis de cor, canetinha, giz, papel, purpurina, revistas, retalhos de pano e outros materiais disponíveis.



Livros sugeridos: *Guilherme Augusto Araújo Fernandes; Ana e Ana; A velhinha que dava nome às coisas; Frida.*

Vamos lá: Peça à criança ou adolescente que faça uma “produção” com seu nome, utilizando diversos recursos gráficos e de forma criativa e original. Quando o nome estiver pronto e personalizado, convide-a a apresentá-lo, contar a história dele (quem escolheu e por quê) e falar como se sente em relação a ele (se gosta, se sente que esse nome lhe pertence, se tem apelido, se gosta do apelido...). Se possível, é interessante complementar a atividade perguntando aos familiares sobre a história do nome.

Sabe por quê? O nome de cada um carrega histórias pessoais e familiares.

PESSOAS DA MINHA VIDA

Material: Fotografias de pessoas importantes para a criança ou adolescente, cola, tesoura, fita adesiva colorida, lápis de cor, canetinha e revistas.

Vamos lá: Converse com a criança ou adolescente e sugira que faça uma página no álbum com as pessoas mais importantes de sua vida. Colem as fotos e façam uma “moldura” com a fita adesiva colorida ou canetinha. Talvez haja várias pessoas importantes das quais não se tem foto. Nesse caso, sugira que desenhe todos que quiser na página, como se fossem retratos.

Sabe por quê? Muitas vezes, pessoas queridas, que desempenham papéis importantes na vida de uma criança ou adolescente, vão embora do serviço de acolhimento ou se afastam sem deixar registros de quem foram – como eram, seus nomes, o que faziam e como faziam.

PESSOINHA

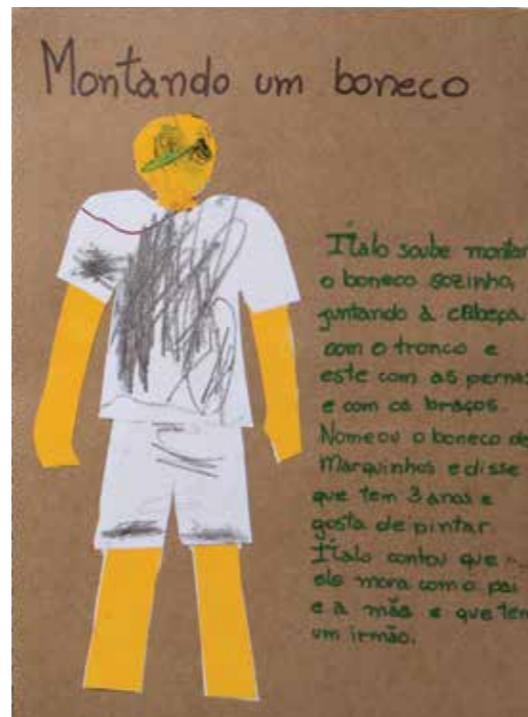
Material: Folha de sulfite e canetinha.

Vamos lá: Peça para a criança ou o adolescente desenharem uma figura humana da cabeça aos pés. Quando terminarem, olhe para o desenho e sugira dar vida a ele, criando um nome e características. Desenhem balões saindo de partes do corpo e neles vocês escreverão:

- da cabeça: um pensamento;
- do lado esquerdo da boca: uma frase que disse e se arrependeu;
- do lado direito da boca: uma frase que gostaria de ter dito e não disse;
- do coração: uma paixão;
- da mão direita: um sentimento que tem para dar;
- da mão esquerda: algo que gostaria de receber;
- do pé esquerdo: uma meta;
- do pé direito: três passos para alcançar a meta.

Quando terminarem a atividade, converse sobre as semelhanças e diferenças entre eles e o personagem criado.

Sabe por quê? Ao fazer o desenho de uma pessoa e dar-lhe vida, a criança e o adolescente refletem sobre si mesmos.



MELHORES AMIGOS

Material: Giz de cera, lápis grafite e folha de sulfite.

Livros sugeridos: *Pedro e Tina*; *Pequeno azul e pequeno amarelo*; *Ana, Guto e o gato dançarino*.

Vamos lá: Leia a história do livro e em seguida peça à criança ou adolescente que conte sobre seu melhor amigo: quem é, onde o conheceu e o que gosta de fazer com ele, entre outras coisas. Depois é só ajudar a transformar essas informações numa página bem bacana.

Sabe por quê? Amigos são importantes. Alguns ficam para sempre, outros a criança ou adolescente não vê mais. Então, tê-los registrados trará sempre boas lembranças.

QUANDO EU ERA BEBÊ...

Material: Livro *Como é que eu era quando eu era bebê?*, papel, lápis e canetinha.

Vamos lá: Leia a história do livro e em seguida pergunte à criança como ela era quando bebê. Registre as informações dadas espontaneamente e depois ajude a criança a elaborar um roteiro de tudo o que ela queira descobrir sobre seus primeiros anos de vida (por exemplo, tinha um objeto inseparável? Gostava de dormir ouvindo música? Qual foi a primeira palavra que disse?). Pais, familiares, educadores ou técnicos do serviço podem ser convocados a responder às questões em uma gostosa entrevista.

Sabe por quê? Além de possibilitar o registro de uma fase da vida da qual a criança não se lembra, é importante que ela sinta que tem espaço para formular questões a respeito de si e de sua história.

QUEM É QUEM/FAMÍLIA

Material: Folha de sulfite, lápis, borracha e canetinha.

Livros sugeridos: *Filho; O homem que amava caixas; Vó Nana; Tanto, tanto; O livro da família.*

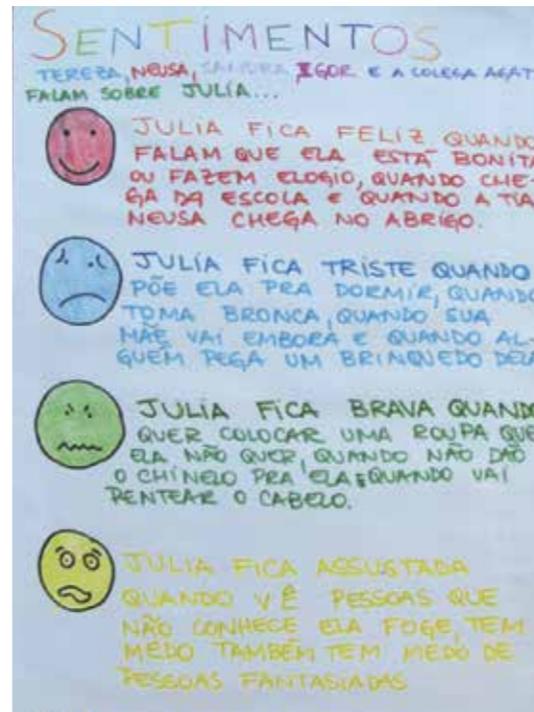
Vamos lá: Leve a ficha de atividade abaixo (podendo conter variações) ao encontro e preencha junto com a criança, conversando sobre as relações de parentesco e seus parentes.

QUEM É QUEM

- O filho da minha tia é meu:
- A irmã da minha mãe é minha:
- A filha do meu tio é minha:
- Meu tio é filho da minha:
- Eu e meus primos somos netos da minha:
- O filho da minha mãe, que não sou eu, é meu:
- O irmão do meu pai é meu:
- A mãe do meu irmão é minha:
- O que meu irmão é da minha tia?
- Meu irmão é filho do meu:

Depois do “quem é quem”, pode-se dar nomes a alguns desses “personagens”, como: o seu tio é o João, a sua avó é a Moema, e assim por diante. Após essa atividade é possível completar a árvore genealógica.

Sabe por quê? Com essa atividade, a criança aprende como se constituem as relações de parentesco: tios, sobrinhos, primos, etc.



REPÓRTER POR UM DIA

Material: Folha de sulfite e canetinhas ou lápis.

Vamos lá: Vire repórter junto com a criança ou adolescente. Elaborem algumas perguntas a serem feitas às outras crianças e adolescentes da casa e a adultos com os quais convivem. Saiam pela casa com papel e caneta, entrevistando as pessoas. As perguntas podem ser variadas, mas devem dizer respeito principalmente à própria criança ou adolescente, que, ao final da brincadeira, terá conseguido depoimentos sobre ela de diferentes pessoas.

Sabe por quê? É muito gostoso para a criança ou adolescente ver e ouvir outras pessoas contando sobre como ela é e como se relaciona com o mundo e com os outros à sua volta.

SÃO TANTAS EMOÇÕES

Material: Livro *Mania de explicação*, fotografias, tesoura, cola e canetinhas.

Vamos lá: Peça para a criança fazer diferentes expressões faciais (feliz, triste, mal-humorada, brava, etc.) e fotografe todas elas. Depois de reveladas, recorte, cole no álbum e escreva embaixo o sentimento que está expresso em cada foto. Em seguida, você pode aproveitar e conversar sobre os sentimentos e emoções, perguntando em que situações a criança se sente de um ou de outro jeito.

Sabe por quê? Essa é uma atividade divertida, que possibilita à criança conhecer, entender e falar sobre seus sentimentos e emoções com tranquilidade.

SONHO

Material: Papel, canetas coloridas, purpurina, cola e envelope.

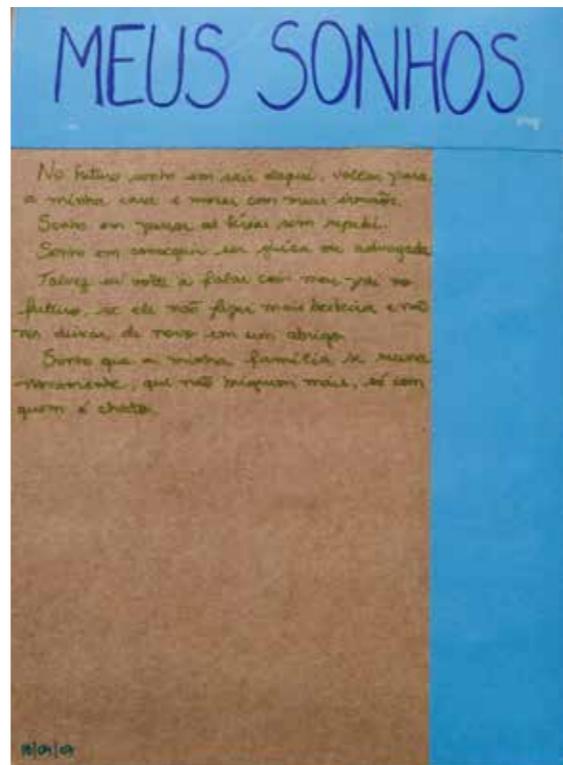
Vamos lá: Converse com a criança ou adolescente sobre os sonhos e desejos dela. Convide-a a escrever sobre aquilo que deseja alcançar, sobre o que quer que aconteça em sua vida. Depois sugira que faça um desenho ou apenas enfeite uma folha com purpurina e canetinha colorida. Em seguida coloque o que foi feito em um envelope e cole no álbum. Afirme que o conteúdo do envelope é precioso e precisa estar bem guardado. Sugestão: para marcar essa atividade, leve um sonho de padaria para comer junto com a criança ou adolescente.

Sabe por quê? Essa atividade faz com que a criança ou adolescente pense sobre seus projetos de vida, sobre o que a motiva e impulsiona para a vida. É muito importante e saudável que ela tenha planos e queira realizá-los no futuro. O conteúdo do envelope vai sempre lembrá-la sobre seus sonhos.

VIAGEM NO TEMPO

Vamos lá: Peça à criança ou adolescente que feche os olhos e pense em como é hoje. Fale a data e o ano. Em seguida, peça que se imagine dez anos depois: como está? O que está fazendo? Com quem está? Peça então que abra os olhos e diga que vocês estão dez anos mais velhos. Diga a data e conte um pouco sobre como você está no futuro. Em seguida, peça à criança ou adolescente que fale o que fez nesses dez anos, como está a vida dela, com quem está e como se sente. Após a conversa, peça-lhe para novamente fechar os olhos e lembrar como era há dez anos. Fale a data atual e deixe-a abrir os olhos e reencontrar o presente. Peça que conte como se sentiu ao se imaginar no futuro.

Sabe por quê? Essa atividade ajuda a construir uma visão de futuro.



2. BRINCADEIRAS COM OS LIVROS

Brincar com o acervo é uma forma de propiciar o contato prazeroso da criança e do adolescente com o livro, incentivando-os a se aproximar da biblioteca e se apropriar dos livros. Seguem abaixo algumas sugestões de atividades a serem realizadas em grupo com crianças e adolescentes, por colaboradores e/ou profissionais do serviço de acolhimento.

BRINCADEIRA DA PENEIRA

Material: Livros de poesias, versos e rimas, peneira (pode ser substituída cesta ou caixa) e a letra de música abaixo:

Peneira (Jacqueline Baumgratz e Celso Pan)

Passa a peneira, menina

Menino, vem peneirar

Diga um verso com rima

Quando a peneira parar

Peneira, peneira, peneira a passar

Peneira, peneira, quando a peneira parar (refrão)

Vamos lá: Em roda, todos cantam a música e ao mesmo tempo vão passando de mão em mão uma peneira cheia de versos. Quando a música para, a pessoa que está com a peneira coloca-a na cabeça e recita um verso; se não souber, pode pegar um verso de dentro da peneira. Após recitar, a brincadeira prossegue. Os demais que estão na roda marcam a música na palma da mão.

Nota 1: O adulto que conduz a brincadeira determina o momento de parar a canção, ou seja, ele decide quantas vezes o refrão será repetido e quem ficará com a peneira na mão.

Nota 2: Uma variação da brincadeira é a batata-quente. A “batata” é um livro de poesias. Os jogadores passam o livro de mão em mão falando: “Batata quente, quente, quente, quente...”. E continuam dizendo um “quente” para cada jogador que pega o livro. Um dos jogadores fica no centro da roda com os olhos vendados. Quando ele disser “Queimou!”, a pessoa que estiver com o livro deverá abri-lo e ler um verso.

ESCRAVOS DE JÓ

Material: Acervo de livros.

Vamos lá: Peça para cada criança ou adolescente escolher um livro. Todos formam uma roda. Em seguida, ensine a música da brincadeira:

*Escravos de Jó
Jogavam caxangá
Tira, põe, deixa ficar
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue, zigue, zã.*

Depois que todos já estiverem familiarizados com a letra de Escravos de Jó, cantam a música enquanto passam cada livro para quem está à direita.

As partes indicadas a seguir devem ser dramatizadas na brincadeira:



- “tira”: cada um deve levantar o livro que tem na mão.
- “põe”: todos colocam o livro no chão, à sua frente.
- “deixa ficar”: aponta-se o livro com o dedo indicador.
- “zigue, zigue, zã”: todos fazem movimentos de vaivém com o livro; na palavra “zã”, entregam o livro ao jogador da direita.

Em outros trechos passa-se o livro normalmente.

Sugestão: quando todos estiverem craques na brincadeira cantada, tente acelerar o ritmo, cantarolar apenas “lá, lá, lá”, assobiar ou jogar em silêncio.

IMAGEM E AÇÃO DE LIVROS

Material: Lápis, papel, cronômetro e acervo de livros.

Vamos lá? Divida o grupo em duas equipes. Uma das equipes tem um minuto para comunicar a um representante do time oposto o nome de um livro do acervo. Este representante tem como objetivo levar sua equipe a descobrir, através de mímica ou desenho e em até um minuto, qual foi o livro escolhido pela equipe adversária. É proibido falar, escrever letras e números. Os únicos instrumentos que o jogador terá à disposição são gestos e expressões corporais ou um lápis e um papel para desenhar.

ESCONDE-ESCONDE DE LIVROS

Material: Acervo de livros.

Vamos lá: Cada criança ou adolescente pega seu livro preferido e entrega nas mãos do adulto. A regra da brincadeira é cada um achar seu livro favorito, que será escondido em determinado espaço do serviço de acolhimento.

Nota 1: O adulto pode, ao final da brincadeira, fazer a leitura mediada do livro que foi achado primeiro.

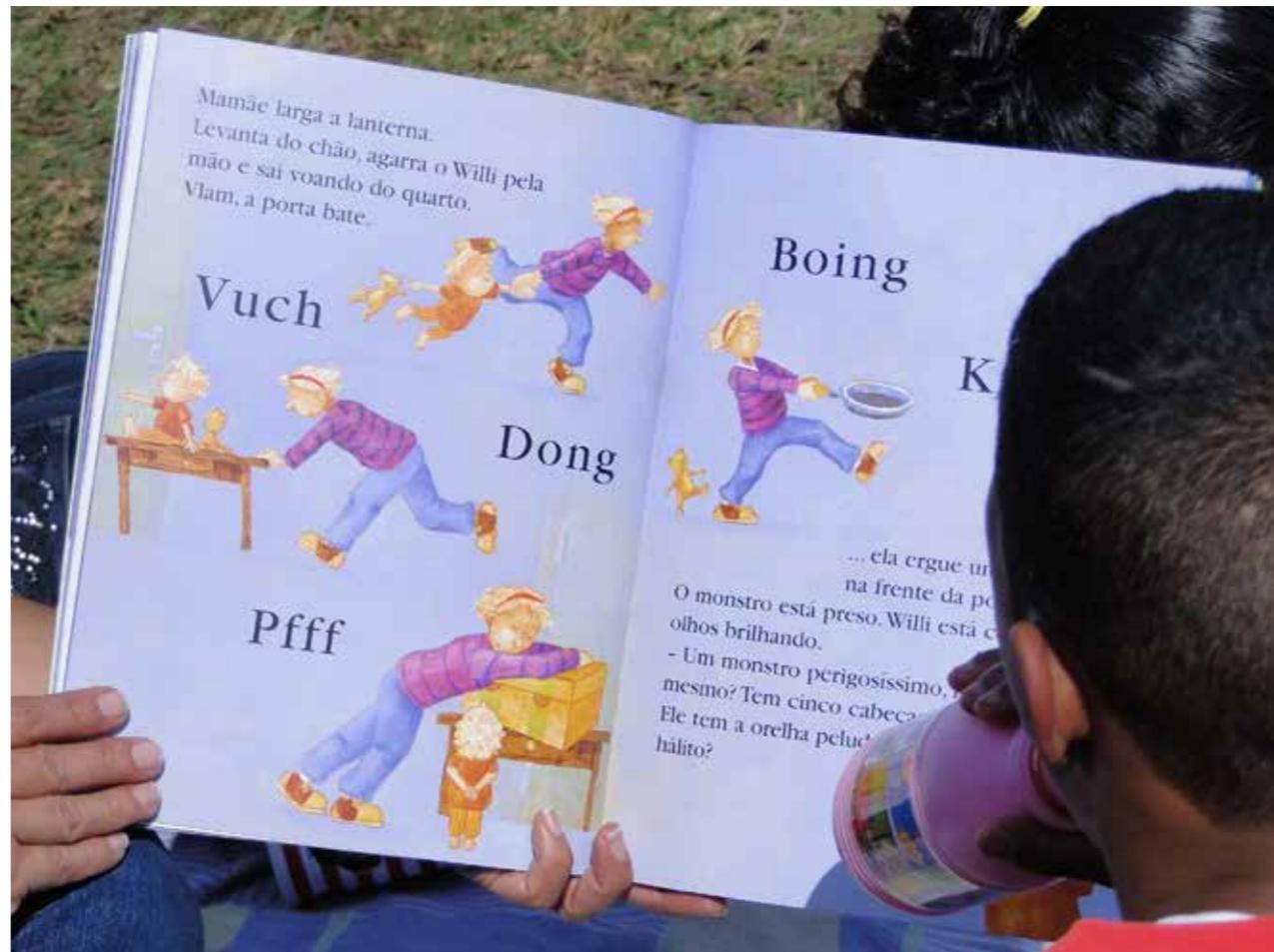
Nota 2: Uma variação dessa brincadeira é o grupo ser dividido em duas equipes e cada equipe esconder os livros escolhidos pela equipe “adversária”.

MEMÓRIA

Material: Acervo de livros.

Vamos lá: Após a leitura mediada de um livro, peça que cada um, sem dizer em voz alta, lembre de uma palavra que veio à cabeça durante a leitura (não há palavra certa ou errada!). Em ordem, um de cada vez irá dizer ao grupo sua palavra, mas antes disso deve repetir em ordem as palavras ditas anteriormente pelos colegas.

Nota: O primeiro participante diz apenas sua palavra. O segundo repete a palavra do primeiro e acrescenta uma palavra. O terceiro repete do primeiro e do segundo e diz a sua, e assim por diante. O último irá repetir todas as palavras e, finalmente, dizer a sua.



VAMOS ACHAR UM LIVRO QUE...

Material: Acervo de livros.

Vamos lá: Espalhe todos os livros do acervo sobre um tapete. Os participantes devem ficar circulando pela sala e, ao comando “Vamos achar um livro que...”, devem procurar um livro que corresponda ao pedido. Os comandos podem ser variados, como: “Vamos achar um livro que fale de amizade”; “Vamos achar um livro que se chama *A história de Pedro*”; “Vamos achar um livro em que o monstro come o menino”; “Vamos achar um livro que tem uma bruxa como personagem”.

Nota: É importante que o adulto conheça o acervo, para que possa ser criativo e dar os comandos.

QUE LIVRO SUMIU?

Material: Acervo de livros.

Vamos lá: Coloque dez livros enfileirados na frente dos participantes e peça que prestem atenção em todos eles. Depois de um tempo, peça que virem de costas, retire um e deixe que descubram que livro sumiu. Faça mais três ou quatro vezes, retirando a cada vez um livro diferente.

CAÇA AO TESOURO LITERÁRIO

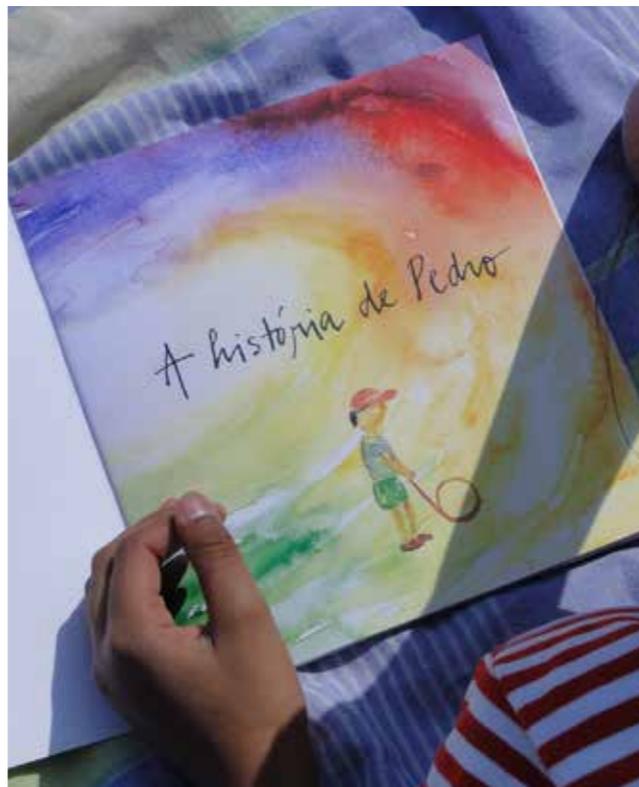
Material: Acervo de livros e pistas (papel e caneta).

Vamos lá: Crie 5 pistas que levem os participantes de um livro para outro, escondendo-as sempre na primeira página do livro. Os livros já devem ser conhecidos, para que crianças e adolescentes possam decifrar as pistas. Somente o último livro, o tesouro, é ainda desconhecido. Trata-se de um modo bastante lúdico de introduzir novos livros.

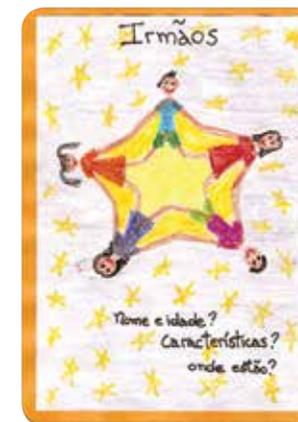
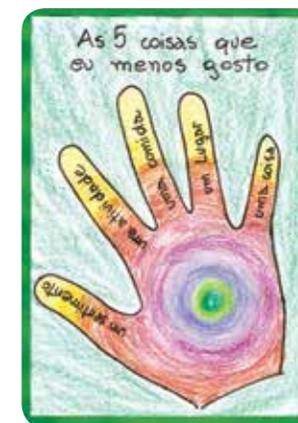
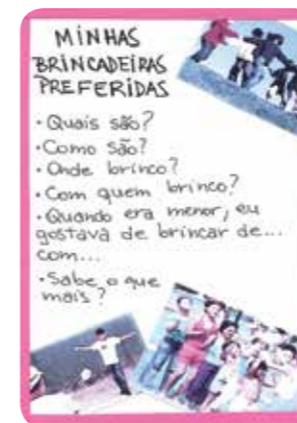
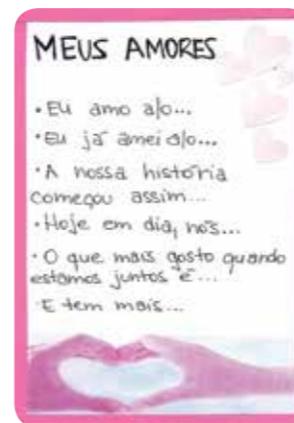
Pistas sugeridas:

- Um menino e uma menina são melhores amigos. São muito diferentes e estão contentes. Casas em árvores sabem fazer e assim crescer (livro *Pedro e Tina*).
- Há uma história famosa, com um grande vilão. Mas fica mais gostosa com uma nova versão (livro *A verdadeira história dos três porquinhos*).
- Segredos são guardados e assim podem ficar. Mas se são muito pesados, podem até nos afundar. Tem uma ilha que descobriu isso e pode assim nadar... (livro *A menor ilha do mundo*).

Nota: Deixe a sua imaginação criar novas pistas! Os adolescentes são ótimos para ajudar nessa tarefa.



3. FICHAS – INSPIRAÇÕES PARA PÁGINAS NOS ÁLBUNS



As pessoas importantes na minha vida

- 1-
- 2-
- 3-
- 4-
- 5-
- 6-
- 7-
- 8-
- 9-
- 10-

Sonhos

Gostaria muito que...

Quando eu crescer vou ser...

Um dia, vou conseguir...

As 5 coisas que eu mais gosto

- um brinquedo
- uma pessoa
- uma comida
- um animal
- uma coisa

EducaDores

8	9
7	
5	6
4	

O que ele diz sobre mim

O que eu falo sobre ele

nome do educador

GRAVIDEZ

- Quando descobri que estava grávida?
- Como foi?
- Como foram os primeiros meses?
- Quando descobri se era menino ou menina?
- Como foi a escolha do nome?
- Como, onde e quando foi o parto?

Fazendo a minha História

Para quem servem os meus pais?

Quem é a colaboradora?

Dia dos encontros

Horário dos encontros

Meu carrinho

- Meu berço é...
- Durmo no quarto com...
- Meus brinquedos preferidos são...
- Minha brincadeira preferida é...
- Antes de dormir gosto de...

Quando cheguei no abrigo

data:

O que eu mais gostei?

O que eu estranhei?

Quem me ajudou?

Sabe o que mais? (inclua como chegou...)

MEUS AMIGOS

- Quem são?
- Como e quando conhecemos?
- O que mais gosto neles e...
- O que menos gosto neles e...
- Juntos, gostamos de...
- Uma vez, aconteceu que...

MEUS ÍDOLOS

- Eu admiro o(s)/a(s)...
- Eles/ela(s) é(são) ... (o que faz)...
- Gosto muito deles/delas porque...
- Queri falar deles/dela(s) pela primeira vez quando...
- Se eu encontrasse meu(s) ídolo(s), eu...
- Sabe o que mais?

Minha Rotina

O que faço durante a manhã?

O que faço durante a tarde?

O que faço à noite?

MINHAS FÉRIAS

PARA ONDE EU FUI:

COM QUEM EU FUI:

O QUE EU GOSTEI:

O QUE NÃO FOI LEGAL:

Carteira de Identidade

Eu me chamo:

Gosto de ser chamado de:

O que eu mais gosto em mim:

Meu endereço é:

Delestei quando alguém:

Mas adoro quando alguém:

Minha cor preferida é:

O animal que eu mais gosto é:

Gosto de brincar de:

Sabe o que mais?

TENHO MEDO DE...

Sentimentos

Eu fico alegre quando...

Eu fico triste quando...

Eu fico bravo quando...

Eu fico com medo quando...

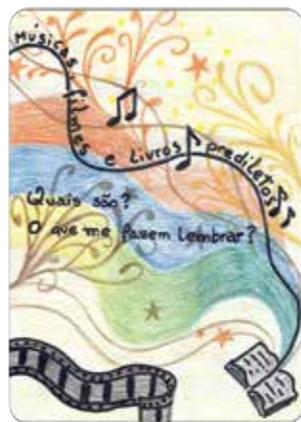
MEU TIME DE FUTEBOL

PARA QUEM EU TOCA:

PREFIRO TOCAR PARA ESSE TIME:

MEU JOGADOR PREFERIDO:

O QUE MAIS GOSTO DO FUTEBOL:



FECHAR O CICLO

O desenvolvimento do projeto costuma se completar com cada criança ou adolescente em um período médio de 12 meses. Esse tempo pode ser alterado por uma mudança na vida da criança ou adolescente, como a volta para a família, a maioridade, o encaminhamento para outra instituição ou a adoção. De qualquer maneira, nunca é um projeto infinito. Tão significativo como iniciar o trabalho é marcar o encerramento do ciclo com cada participante. A criança ou adolescente deve, então, ficar com a certeza de que o hábito de saborear os livros e registrar sua própria história pode continuar. Na verdade, espera-se que dure a vida toda.

Preparar a saída

O desfecho do projeto não pode ocorrer de uma hora para outra. Ele deve ser preparado, para que não gere uma sensação de perda ou abandono. Nos casos de volta para a família ou adoção, essa data segue o prazo marcado para a saída do serviço de acolhimento, mas a despedida é igualmente importante. Em ocasiões excepcionais, o colaborador tem necessidade de deixar o projeto antes da data combinada, em razão de imprevistos e mudanças de rumo. Mas, desde o início, ele assume o compromisso de realizar um processo de fechamento e passagem para outros colaboradores. São necessários ao menos três encontros para fazer essa transição de forma cuidadosa.

Apesar de ser um momento delicado, o encerramento no Fazendo Minha História é entendido como uma oportunidade para a criança ou adolescente vivenciar a separação de forma mais elaborada e acolhedora do que outras que possivelmente viveu. A tranquilidade e a segurança do adulto em conduzir esse processo são fatores importantes para que ele seja proveitoso para todos os lados. Acreditamos que, havendo espaços de expressão do medo, da dor e da angústia no momento da despedida, haverá também meios de falar das alegrias, conquistas e amizades que marcaram todo o processo.

Completar o álbum

No encerramento do projeto, o álbum deve estar o mais completo possível. No decorrer dos meses, ele é elaborado seguindo o ritmo e o caminho de cada um. Entretanto, perto do final o colaborador deve observar em que ponto está o álbum e o que mais é possível fazer para garantir a riqueza e diversidade de conteúdos. Nesse momento, os “parâmetros para um bom álbum” devem ser retomados e podem-se planejar atividades para completar os registros.

Despedida

O encontro de encerramento do trabalho pode se tornar um ritual que marque de maneira significativa o fechamento desse ciclo e a conclusão de um produto especial. Em alguns casos o álbum é o único objeto material que a criança ou adolescente leva consigo quando sai do serviço de acolhimento. É um valioso “patrimônio” que, no caso de volta para a família ou adoção, merece ser apresentado de forma “solene” para a família. Mostrar o álbum junto com a criança ou adolescente e convidar a todos para dar continuidade aos registros é uma boa forma de mostrar que as vivências passadas, presentes e futuras têm valor e fazem parte da história de cada um.

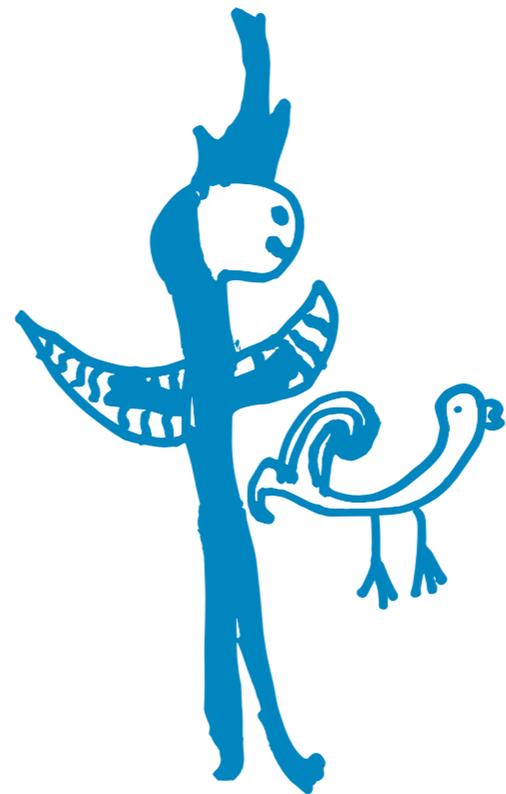
Se o projeto termina e a criança ou adolescente continua no serviço de acolhimento, pode-se organizar um momento especial de encerramento no qual receba seu álbum e possa mostrá-lo para as demais crianças, adolescentes e adultos da casa, se assim o quiser. Ao fechar esse ciclo com a criança ou adolescente, pode ser valioso o colaborador dar “de presente” as suas impressões sobre o período em que trabalharam juntos. Isso pode ser feito por meio de uma carta ou de uma conversa, material que pode compor a página da despedida.

Despedida

Aprendi a ter um respeito muito grande pelo destino de cada uma das crianças. Antes ficava revoltada quando não dava nem tempo da gente se despedir. Mas hoje, quando uma delas vai embora, mesmo que eu não saiba, faço uma despedida. Passamos pela vida delas durante um tempo e fizemos coisas importantes.

Marta Mursa

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História



Continuidade

Quanto às crianças e adolescentes que permanecem no serviço de acolhimento, é importante planejar com a equipe da casa meios para que o álbum continue sendo um lugar de registros de fatos significativos e para que o prazer pela leitura continue sendo estimulado. Uma alternativa é escolher um educador próximo a cada criança ou adolescente, que se responsabilize por ajudar na manutenção e atualização do álbum: continuar fotografando e registrando os momentos importantes, as mudanças, novas amizades e etapas. Assim, o álbum mantém-se como um registro vivo da vida de cada um.

Para o colaborador, há diferentes caminhos a seguir a partir do encerramento do projeto com suas crianças ou adolescentes. O primeiro deles é o real desligamento do FMH após o encerramento do ano de trabalho com as crianças ou adolescentes. Nesse caso, o vínculo do colaborador com o projeto se encerra, mas ainda assim é possível avaliar com a equipe do serviço de acolhimento se faz sentido manter o vínculo que foi construído com a criança ou adolescente por meio de telefonemas, visitas e convivência esporádica. Se o vínculo for mantido, é fundamental que as expectativas de todas as partes estejam claras, para evitar fantasias e frustrações sobre essa relação. É importante que a criança ou adolescente entenda que o colaborador permanece como um bom amigo que vê de vez em quando e com quem pode contar. Essa relação será então mediada pela equipe do serviço de acolhimento, responsável por eles nesse momento.

Há também casos em que o colaborador, encerrado seu período de um ano, tem vontade de permanecer vinculado ao projeto, agora com outras duas crianças ou adolescentes. Isso pode acontecer no mesmo serviço de acolhimento ou em outro, de acordo com cada caso e os aspectos práticos do trabalho.

É ainda uma possibilidade para o colaborador continuar atuando no projeto de outra maneira: em grupos de mediação de leitura e/ou de registro. Como mediador de leitura, ele tem a função de manter a biblioteca viva, realizando sessões de mediação de leitura semanalmente com as crianças e adolescentes que se interessarem por essa proposta. Brincadeiras e conversas em grupo também podem fazer parte dos encontros. No caso de o colaborador optar por ser o guardião dos registros, ele deverá trabalhar com as crianças e adolescentes que já completaram seu período individual do Fazendo Minha História, têm seus álbuns construídos, mas continuam interessados em fazer novos registros. Esses grupos costumam ocorrer quinzenalmente e exigem planejamento e criatividade por parte do guardião, que também pode propor brincadeiras, conversas e leituras nos encontros.

O que fica com cada um

A experiência do projeto pode ser apenas o ponto de partida para uma crescente interação das crianças e adolescentes com os livros, as narrativas e a valorização da memória – o “fazer história” torna-se uma prática do dia a dia e pode virar uma gostosa brincadeira.

Da mesma forma, os resultados para o serviço de acolhimento vão além dos livros e álbuns conquistados. O principal é vivenciar a importância de conhecer e registrar as histórias de vida das crianças e dos adolescentes – contadas por eles próprios e ouvidas com toda a atenção; é não se assustar com as experiências que as crianças e adolescentes já viveram, por mais dolorosas que sejam; é criar maneiras cotidianas de registrar e preservar a história de cada um, do trabalho e da própria instituição; é, também, inserir os livros na casa e descobrir espaços e tempos para a leitura, a roda, o encontro prazeroso e criativo. E mais: é acumular uma nova experiência de parceria, muitas vezes incluindo o trabalho de diferentes voluntários e aproximando a comunidade das crianças e adolescentes.

Cada um é um – despedidas

Estou concluindo a minha “temporada” com mais uma criança, a quinta. E de certa forma a mais especial, porque exigiu mais de mim, tanto em criatividade quanto em paciência. Por todo o envolvimento, o último dia será duro, doloroso. Como sempre é. Mas cada um é um e a despedida é tão importante quanto falar da família, das dificuldades, das expectativas. Despedida é dar uma destinação correta à confiança, à intimidade e ao envolvimento conquistado.

Na minha primeira experiência não pude seguir até a conclusão do álbum. Não lembro como foi a despedida, mas o que me tranquiliza é que logo depois meu primeiro amigo FMH tornou-se meu amigo virtual. Trocamos muitas mensagens por um longo tempo. Meu segundo amigo FMH foi uma menina assertiva e de muita personalidade. Fizemos um piquenique e eu escrevi uma carta lúdica. E no final ela me fez prometer que eu seria para sempre a colaboradora dela e de ninguém mais. Desde essa promessa resolvi que cada vez que encerrar uma “temporada” mudo de abrigo. Assim a criança com quem encerrei irá se sentir sempre a única. O terceiro amigo FMH não teve despedida. Cheguei ao abrigo e ele não estava mais lá. Estávamos preparando o encerramento que nunca se concretizou. Ficou um vazio em mim. Imagino que nele também.

A mais recente despedida ainda vai completar uma semana. Um bebê que ainda não fala. Estava certa de que seria fácil. Planejei tudo: conhecer a nova família, fazer uma página junto com eles, ler o álbum para a criança como eu costumava fazer e dizer que agora era a vez da família. Tudo seria fácil se a criança não tivesse planos para mim também. Quando cheguei, ela estava brincando com a família. Conversei com eles e, quando sentei, minha amiga número 5 abriu um enorme sorriso e veio me abraçar. Ali meu planejamento afundou mais profundamente do que o Titanic. Consegui controlar a emoção e seguir. Ai a pequena pegou o álbum e começou a “ler” como fazíamos nos nossos encontros: apontando para as fotos. Eu tinha planejado encerrar com isso... Depois da leitura do álbum, atividade com a família e aí o grand finale. Abracei, falei tchau, desejei felicidade. Ela pegou nas mãos dos pais e saiu pelo corredor, andando para a frente e olhando para trás para ver onde eu estava. Ah... foi demais.

Depois de me refazer, fui até a porta para vê-la partir. Ela estava ainda dentro da casa, soltou-se dos pais e voltou para o meu colo. Sem palavras. O mais importante disso tudo é que bebê pode até não saber falar, mas entende as situações, as emoções e as palavras. Despedida é uma caixinha de surpresas.

Barbara Ivo

Colaboradora do Fazendo Minha História

Avaliando o processo

O Fazendo Minha História tem a prática de avaliar seus resultados periodicamente junto a cada serviço de acolhimento. Para isso, conta com uma matriz de avaliação com indicadores claros e diversas ferramentas de avaliação, como roteiros de entrevistas e questionários a serem realizados com coordenação, técnicos, educadores e colaboradores. As crianças e os adolescentes também são ouvidos pelos técnicos do FMH, em conversas individuais e em grupo. Paralelamente, ao final do processo, o colaborador pode avaliar junto com a criança ou adolescente o trabalho que realizaram juntos. Isto pode ocorrer através de desenhos, colagens e brincadeiras para avaliar o que viveram juntos e principalmente através de uma boa conversa. Algumas perguntas que podem ser feitas, e que devem ser adaptadas de acordo com a faixa etária da criança ou adolescente, são:

- Você considera o Fazendo Minha História importante? Por quê?
- O que você mais gostou do Fazendo Minha História?
- O que você menos gostou do Fazendo Minha História?
- No álbum, qual é sua página preferida?
- Qual foi a página/encontro que você mais gostou de fazer?
- Você tem alguma ideia para deixar o Fazendo Minha História mais legal?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

- BETTELHEIM, Bruno, *A psicanálise nos contos de fadas*. 26ª reimpr. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- CALIGARIS, Contardo. Série Folha Explica, 4. *Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CLÍNICA TAVISTOK. Série Compreendendo seu Filho (diversas idades). Rio de Janeiro: Imago.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 7ª ed. São Paulo: Moderna, 2002.
- CORSO, DIANA & CORSO, Mario. *Fadas no divã*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- _____. *A psicanálise na Terra do Nunca*. Porto Alegre: Penso/Artmed, 2011.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 51ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- INSTITUTO FAZENDO HISTÓRIA. *Esta é nossa história!* São Paulo: Alaúde, 2013.
- _____. *História de vida: identidade e proteção*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2010.
- MARIN, Isabel da Silva Kahn. *Febem, família e identidade: o lugar do outro*. 3ª ed. São Paulo: Escuta, 2010.
- PETIT, Michèle. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- _____. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- REYES, Yolanda. *A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância*. São Paulo: Global, 2010.
- SAFRA, Gilberto. *Curando com histórias*. 2ª ed. São Paulo: Sobornost, 2011.
- SANCHES, Renate Meyer. *Conta de novo, mãe: histórias que ajudam a crescer*. São Paulo: Escuta, 2010.
- _____. *Psicanálise e educação*. São Paulo: Escuta, 2002.

Documentos

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), 1990.

Legislação e parâmetros do acolhimento institucional (disponíveis na internet).

Orientações Técnicas – Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, 2009

Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária (PNCFC), 2006.

OUTRAS SUGESTÕES PARA MERGULHAR NO UNIVERSO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Filmes

As melhores coisas do mundo (dir. Laís Bodansky, 2010)

Ficção sobre a adolescência. Aborda temas universais, discutindo os anseios, paixões e angústias dos jovens dessa faixa etária.

Falcão – meninos do tráfico (dir. MV Bill e Celso Athayde, 2006)

Documentário que retrata a vida de jovens de favelas brasileiras que trabalham no tráfico de drogas.

Linha de passe (dir. Walter Salles e Daniela Thomas, 2008)

A trama mostra a história de quatro irmãos da Cidade Líder, periferia de São Paulo, que com a ausência do pai precisam lutar por seus sonhos.

Escritores da liberdade (dir. Richard LaGravenese, 2007)

Uma jovem professora tenta inspirar seus “alunos-problema” a aprender algo mais sobre tolerância, valorizar a si mesmos, investir em seus sonhos e principalmente dar continuidade a seus estudos além da escola básica.

O contador de histórias (dir. Luiz Villaça, 2009)

Filme baseado na vida de Roberto Carlos Ramos, pedagogo e contador de histórias que em sua infância passou por experiências de abandono, violência e situação de rua. Uma linda história real de conquistas e superações.

O garoto da bicicleta (dir. Jean Pierre e Luc Dardenne, 2011)

Um garoto de 11 anos, que foi deixado em um orfanato, tenta ao mesmo tempo encontrar o pai e recuperar sua bicicleta. Seu caminho se cruza com o de uma cabeleireira, que se afeiçoa a ele e o recebe nos finais de semana.

O Menino Maluquinho (dir. Helvécio Ratton, 1994)

Baseado no livro de Ziraldo, o filme traz outro olhar sobre a mesma história, falando das relações, brincadeiras e aventuras do Menino Maluquinho e seus amigos.

O pequeno Nicolau (dir. Laurent Tirard, 2009)

Baseado na coleção de livros O Pequeno Nicolau, dos autores franceses Sempé e Goscinny, é um filme divertido e indicado para todas as idades. Aborda o universo infantil, trazendo o cotidiano e as brincadeiras de Nicolau e seus amigos na escola.

Pro dia nascer feliz (dir. João Jardim, 2004)

Documentário sobre a educação no Brasil. Discute também a questão da desigualdade social e da relação do adolescente com a escola.

Confissões de adolescentes (dir. Daniel Filho, 2014)

Conta a história de quatro irmãs que precisam ajudar o pai que está passando por dificuldades financeiras ao mesmo tempo que descobrem e vivenciam momentos típicos da adolescência.

Músicas

Adriana Partimpim (Adriana Calcanhoto)

Lançado em 2004, é o primeiro trabalho da cantora voltado para o público infantil. As canções trazem a possibilidade de diversão e trabalho com diferentes temas, além do contato com ritmos variados.

Músicas daqui, ritmos do mundo (Zezinho Mutarelli & Gilles Eduar)

O CD vem em formato de livro capa dura, repleto de ilustrações narrando a história de três amigos que saem pelo mundo em busca de músicas com ritmos diferentes.

Os Saltimbancos (Chico Buarque)

As músicas de Chico Buarque, criadas para o teatro em uma adaptação da história clássica *Os músicos de Bremen*, são altamente recomendadas para todas as crianças. As canções contam a aventura de uma galinha, um cachorro, um jumento e uma gata que decidem ir para a cidade grande tentar a sorte como cantores.

Pequeno cidadão (vários artistas)

Arnaldo Antunes, Edgard Scandurra, Taciana Barros e Antonio Pinto classificam esse trabalho musical como “música psicodélica para crianças”. O álbum tem letras que falam dos primeiros problemas existenciais do ser humano, como a difícil hora de largar a chupeta e a obrigação *versus* diversão. Outro tema é a dor de cotovelo, um problema de criança que pode ser levado até a idade adulta. Além de provocar a reflexão, *Pequeno cidadão* põe as crianças em contato com estilos que vão do pop ao forró.

A arca de Noé (Vinicius de Moraes)

Nesse CD lançado em 1980, as composições de Vinicius de Moraes são cantadas por grandes nomes da MPB, como Chico Buarque, Elis Regina, Moraes Moreira e Toquinho.

Cantigas de roda (Sandra Peres e Paulo Tatit)

CD bem-humorado (de 1996), que recupera cantigas e parlendas infantis tradicionais, com um toque bastante contemporâneo e particular.

Pé com pé (Sandra Peres e Paulo Tatit)

Uma viagem pela imensa profusão dos ritmos brasileiros. São dois CDs acompanhados de um libreto. O CD Pé com pé é composto de 15 canções, cada uma dedicada a um ritmo de nossa tradição musical. E o segundo CD, Pé na cozinha, tem as mesmas faixas, só que reinterpretadas apenas instrumentalmente. Lançado em 2005.

Canções curiosas (Sandra Peres e Paulo Tatit)

Dedicado a temas que rondam o imaginário das crianças e dos pré-adolescentes. Recebeu o Prêmio Sharp 1998.

Nota: O Selo Palavra Cantada existe desde 1994, quando os músicos Sandra Peres e Paulo Tatit propuseram-se a criar canções infantis com um novo padrão de qualidade em relação ao que havia no mercado de músicas para crianças. Criaram melodias, letras e arranjos com extremo cuidado e minuciosidade. Aqui são indicados alguns de seus CDs, mas todos desse selo são recomendados.

CRÉDITOS

Coordenação geral

Cláudia Vidigal

Coordenação do Programa Fazendo Minha História

Isabel Penteado

Produção de conteúdo - 1ª edição

Claudia Vidigal

Bruna Elage

Immaculada Lopez

Fernanda Nogueira

Juliana Braga

Produção de conteúdo e revisão - 3ª edição

Debora Vigevani

Isabel Penteado

João Verani

Lara Naddeo

Mahyra Costiveli

Manuela Fagundes

Mônica Vidiz

Taísa Martinelli

Tatiana Barile

Participação

Clarissa de Toledo Temer Lulia

Julia Eid

Fotos / Fotos dos álbuns

Laura Wrona

Luciano Munhoz

Projeto Gráfico e diagramação

Luciana Sion

Ilustrações

João Grynberg (capa)

Stella Sion Fernandes (miolo)

Rodas de histórias

Anatália Palmeira Mota dos Santos (Casa Semeia)

Beatriz Carneiro (Minha Casa)

Bernadette Penkal (Educandário Dom Duarte)

Cristiane Brandt (Amem)

Cristiane Laloni (Associação Maria Helen Drexel)

Domingas Novais de Brito (Associação Maria Helen Drexel)

Isabel Arnoni (ABCD Nossa Casa)

Jailma Gomes de Araújo (Educandário Dom Duarte)

Laila Rebelo (Associação Maria Helen Drexel)

Lia Olival (Associação Maria Helen Drexel)

Luzineide Pires dos Santos Belcho (Associação Maria Helen Drexel)

Maria das Graças F. d'Almeida (Associação Maria Helen Drexel)

Maria Pires (ABCD Nossa Casa)

Marilza Ogata Trovão (Casa de Amparo ao Pequeno São João Batista)

Marly Correia do Nascimento (Casa de Amparo ao Pequeno São João Batista)

Marta Mursa (ABCD Nossa Casa)

Mirian Cristina da Conceição (Educandário Dom Duarte)

Rita de Cássia Otoboni B. Silva (Educandário Dom Duarte)

Rosemeire Mateus Cruz (Associação Maria Helen Drexel)

Sofia Aparecida de Almeida (Educandário Dom Duarte)

Solange S. F. Nossetti (Casa Semeia)

Sueli Felizardo (Associação Maria Helen Drexel)

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que fazem parte desta história.



instituto
fazendohistória



Patrocínio



suppliercard

Realização

Ministério da
Cultura

